

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

AILTON BEDANI

**ENERGÉTICA E EPISTEMOLOGIA  
NO NASCIMENTO DA OBRA DE WILHELM REICH**

São Paulo  
2007

AILTON BEDANI

**ENERGÉTICA E EPISTEMOLOGIA  
NO NASCIMENTO DA OBRA DE WILHELM REICH**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Albertini.

São Paulo  
2007

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE  
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE  
ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catlogação na publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Bedani, Ailton.

Energética e epistemologia no nascimento da obra de  
Wilhelm Reich / Ailton Bedani; orientador Paulo Albertini. --  
São Paulo, 2007.

176 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do  
Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia da  
Universidade de São Paulo.

1. Reich, Wilhelm, 1897-1957 2. Epistemologia 3. História  
da ciência 4. Energética I. Título.

RC506

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Ailton Bedani

“Energética e epistemologia no nascimento da obra de Wilhelm Reich”  
*Energetics and epistemology in the wake of Wilhelm Reich's work*

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, Lourdes e Luciano,  
e ao meu filho Ícaro,  
com todo meu carinho.*

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Paulo Albertini, orientador desta dissertação, por suas intervenções precisas e enriquecedoras.

Aos Profs. Drs. César Ades e Cláudio Bastidas Martinez, pela valiosa apreciação crítica deste trabalho por ocasião do Exame de Qualificação.

A Jovino Camargo Junior, pesquisador ímpar da obra reichiana que, entre tantos ensinamentos, nos estimulou a desenvolver uma visão global do trabalho de Reich.

À Márcia D’Aglio Foss (*in memoriam*), orgonoterapeuta que, com brilhantismo, compreendeu em profundidade e aplicou carinhosamente as idéias de Reich à prática clínica.

À Associação Wilhelm Reich do Brasil (AWRB), instituição que divulgou bravamente, por anos a fio, o pensamento do cientista austro-húngaro, promovendo cursos e disponibilizando livros, textos e revistas reichianos, muitos deles de difícil acesso.

Aos colegas da AWRB, pelos longos anos de dinâmico convívio.

Aos participantes dos cursos que ministrei na AWRB, no Instituto Sedes Sapientiae e no CEAP, e aos que freqüentam, agora, o Programa de Formação em Abordagem Clínica Reichiana — é com grande prazer que aprendo com vocês.

Aos meus pacientes, que me fazem ver continuamente os limites da teoria e o valor insubstituível do vínculo humano no processo terapêutico.

À psicóloga Cláudia Guzzardi “Pacheca” Altieri, amiga de todas as horas e “reichiana sélfica”. E a todos os outros “Pachecos”, que sempre me receberam em seu lar com afeto e ... deliciosos lanches: D. Norma, Tia Lina, Sylvia, Amorim, e os pequenos Lara e Lucas.

Ao físico-odontólogo-psicólogo Yevaldo “Crocodilo” Lemos, pelas motivadoras conversas, entre uma obturação e outra, sobre o conceito de energia e a teoria darwiniana.

Ao psicólogo André Luiz “Biba” Arouca, por sua amizade nos momentos difíceis e, melhor ainda, durante as divertidas cervejadas.

Aos queridos Evandro, Edna e Caio Bedani, pelo apoio e carinho.

À Nancy Romanelli, pelo amor-vibrante, o companheirismo que tanto me fortalece e, também, pelo paciente trabalho de leitura crítica desta dissertação.

## RESUMO

BEDANI, A. *Energética e epistemologia no nascimento da obra de Wilhelm Reich*. 2007. 177 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Esta dissertação examina o nascimento da obra de Wilhelm Reich a partir da intersecção estabelecida pelo autor, no período 1919-1923, entre hipóteses energetistas e questionamentos epistemológicos. Consultaram-se, aqui, três fontes de dados: a) o material que Reich trouxe a lume nos quatro primeiros anos de sua produção, especialmente o artigo “Zur Trieb-energetik”; b) textos que o autor publicou em outras etapas de sua obra ou que foram editados postumamente, contendo informações relevantes sobre os primórdios de sua pesquisa; c) artigos, livros e textos eletrônicos que abordam a História da Ciência no final do século XIX e início do século XX. Três módulos temáticos compõem o presente trabalho. Inicialmente, resgatam-se as cogitações de Reich, por volta de 1919-20, acerca de uma “energia primária” e apontam-se suas primeiras críticas ao mecanicismo e ao “misticismo”. Em um segundo momento, examinam-se as reflexões do autor a respeito de uma “energética do vivo”, reflexões que são estimuladas, a partir de 1919, por concepções energetistas freudianas e, entre 1919 e 1921, por hipóteses de índole vitalista, e indicam-se ainda os questionamentos do jovem pesquisador à doutrina do finalismo e seu projeto de associar, na produção científica, os âmbitos quantitativo e qualitativo. Por fim, analisa-se detalhadamente um artigo que Reich publicou em 1923, a respeito da energética dos impulsos sexuais, e abordam-se os primeiros vislumbres metodológicos estritamente reichianos. Assinalaram-se aqui alguns aspectos pouco discutidos ou ainda inexplorados da fase inicial do trabalho reichiano. Salientou-se que, desde o princípio de sua obra, o autor especulava sobre a possível existência de uma “energia primordial” e livre-de-massa. Analisou-se a incompatibilidade entre as suposições energetistas reichianas de 1919-20 e o pensamento científico então dominante na Física. Observou-se a importância, na formação intelectual do jovem Reich, do filósofo neo-kantiano Albert Lange e dos biólogos Hans Driesch e Paul Kammerer. Avaliou-se o impacto, nas incipientes reflexões energético-epistemológicas reichianas, de um certo conjunto de noções “científicas” e filosóficas vitalistas. Destacou-se a tentativa do autor no sentido de integrar, em suas pesquisas do princípio da década de 1920, as idéias de Sigmund Freud, Henri Bergson e Richard Semon. Discutiram-se as contribuições de Reich, em 1923, para a ampliação do conceito freudiano de “pulsão”. Averiguaram-se as primeiras teorias estritamente reichianas sobre a dimensão bioenergética da experiência orgástico-genital. E apontaram-se as intuições metodológicas surgidas nos primórdios da obra do pesquisador.

Palavras-chave: Reich, Wilhelm, 1897-1957. Epistemologia. História da ciência. Energética.

## ABSTRACT

BEDANI, A. *Energetics and epistemology in the wake of Wilhelm Reich's work*. 2007. 177 f. Thesis (Master) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

This dissertation examines the birth of the work of Wilhelm Reich starting from the intersection established by the author, in the period between 1919-1923, into energeticist hypothesis and epistemological questionings. We have referred, for this research, to three sources of information: a) the material Reich brought about in the first four years of his production, mainly the essay “Zur Trieb-energetik”; b) texts the author published during other phases of his work, or those edited after his death, containing relevant data about the beginnings of his research; c) essays, books and electronic texts dealing with the History of Science at the end of the 19<sup>th</sup> century and beginning of the 20<sup>th</sup>. Three thematic models constitute the present analysis. Initially, we will bring back the assumptions Reich made, around 1919-20, of a “primary energy”, pointing out the first attacks he directed towards mechanicism and “mysticism”. In a second stance, we give attention to his reflections upon an “energetics of the living”, motivated, since 1919 onwards, by Freudian energeticist notions and, between 1919 and 1921, triggered by vitalist-marked hypothesis; we also attempt to show the challenges the young researcher made of the finalistic doctrine and its project of associating, in scientific production, the quantitative and qualitative domains. Finally, we examine in detail an essay Reich published in 1923 relating to the energetics of the sexual impulses, striving to uncover the first strictly Reichian methodological approaches. In the present dissertation, we have underlined some aspects of Reich’s early work which are still unexplored or lacking further discussion. We have made the point that, since the beginning of his work, the author had been speculating on the eventual existence of a mass-free “primordial energy”. The incompatibility between the Reichian energeticist assumptions of 1919-20 and the scientific rationale dominant in Physics at the time has been analyzed. We have observed the important role played by the neo-Kantian philosopher Albert Lange and by the biologists Hans Driesch and Paul Kammerer in the intellectual upbringing of young Reich. We have evaluated the impact, in the incipient Reichian energetic-epistemological reflections, of a certain group of vitalist “scientific” and philosophical notions. The attempt of the author at integrating the ideas of Sigmund Freud, Henri Bergson and Richard Semon into his researches at the beginning of the 1920s has been highlighted. We have discussed Reich’s contribution, in 1923, to the amplification of the Freudian concept of “drive”. The first strictly Reichian theories on the bioenergetic dimension of genital orgasmic experience have been examined. And we have also pointed out the methodological intuitions brought forth in the beginnings of the researcher’s work.

Keywords: Reich, Wilhelm, 1897-1957. Epistemology. History of science. Energetic.



## ERRATA

- Pg. 19, nota de rodapé número 1:

*onde se lê:* Entre os documentos que consultamos na World Wild Web, alguns apresentavam paginação, especialmente os arquivos disponíveis em PDF (Portable Document Format).

*leia-se:* Entre os documentos que consultamos na World Wide Web, alguns apresentavam paginação, especialmente os arquivos disponíveis em PDF (Portable Document Format).

- Pg. 34, linha 29:

*onde se lê:* (MICHELSON-MORLEY, 1887).

*leia-se:* (MICHELSON; MORLEY, 1887).

- Pg. 50, linhas 12 a 22:

*desconsiderar o seguinte parágrafo:*

No campo da Teoria do Conhecimento, Reich foi testemunha direta, como pudemos ver, de uma série de impasses. Sua formação de cunho epistemológico recebeu forte influência, sem dúvida, dos profícuos debates que foram travados, nas primeiras décadas do séc. XX, por correntes rivais: fenomenalismo *x* mecanicismo (os modelos teóricos podem ser elaborados livremente ou devem se sujeitar aos dados dos sentidos?); espiritualismo *x* positivismo (a vida anímica é totalmente redutível aos parâmetros e métodos científicos?). E extraiu, dessa experiência, seu primeiro *insight* metodológico: o procedimento de diferenciar fatos de teorias sobre os fatos. Reich tinha consciência de que, se a apreensão dos fenômenos remete ao universo sensorial, sua explicação está condicionada a visões de mundo que jamais são neutras.

- Pg. 50, linhas 23 a 25:

*onde se lê:* Ao mesmo tempo em que procurava metabolizar os dilemas epistemológicos de sua época, o autor se esforçava em assimilar os desconcertantes referenciais que irrompiam na Física.

*leia-se:* O autor, porém, não apenas se entregou a especulações energetistas, como também, esforçou-se em assimilar as desconcertantes descobertas científicas que irrompiam no campo da Física.

- Pg. 73, linhas 7 a 10:

*onde se lê:* Reich estudou, também, o livro *Die sexuelle Frage* ("A questão sexual"), de August Forel (1848-1931), psiquiatra, neuroanatomista e eminente entomologista. Naquela obra o psiquiatra alemão afirmou, em 1904, ao analisar a dinâmica da sexualidade: [...]

*leia-se:* Reich estudou, também, o livro *Die sexuelle Frage* ("A questão sexual"), de **Auguste** Forel (1848-1931), psiquiatra, neuroanatomista e eminente entomologista. Naquela obra o psiquiatra **suiço** afirmou, em 1904, ao analisar a dinâmica da sexualidade: [...]

- Pg. 87, linhas 19 e 20:

*onde se lê:* Uma pergunta, no entanto, inquietava-o profundamente: de onde a ideologia fascista extrai sua força de atração?

*leia-se:* Nesse ano ele também apresentou suas pesquisas sobre uma questão que, há um certo tempo, inquietava-o profundamente: de onde a ideologia fascista extrai sua força de atração?

- Pg. 88, nota de rodapé número 21:

*onde se lê:* Para uma análise mais ampla da psicologia de massas reichiana, indicamos o trabalho da psicóloga Sueli Ramalho: *Psicologia de massa do fascismo: Reich e o desenvolvimento do pensamento crítico* (RAMALHO, 2001).

*leia-se:* Para uma análise mais ampla da psicologia de massas reichiana, indicamos o trabalho da psicóloga **Simone** Ramalho: *Psicologia de massa do fascismo: Reich e o desenvolvimento do pensamento crítico* (RAMALHO, 2001).

- Pg. 108, linhas 14 e 15:

*onde se lê:* O fato é que um outro dilema configura-se, assim, na pesquisa reichiana do início da década de 1920.

*leia-se:* A pesquisa reichiana inicia-se, assim, marcada por um impasse.

- Pg. 109, linhas 1-3:

*onde se lê:* Reich, no início da década de 1920, herdou, em suma, um dilema que incomodava vários cientistas e que, sinteticamente, pode ser formulado da seguinte maneira: a "energética" do vivo está, afinal, profundamente ancorada em uma "força criadora", "espontânea", que inclusive é capaz de desenvolver novas formas orgânicas, ou nada mais representa do que um conjunto de energias estritamente físico-químicas, restritas às leis da causalidade material e semelhantes às que os cientistas haviam detectado no mundo inorgânico?

*leia-se:* O jovem Reich e alguns eminentes pesquisadores do início da década de 1920 achavam-se, portanto, diante de um complexo dilema, o qual, como mencionamos anteriormente, pode ser sintetizado da seguinte forma: a "energética" do vivo está, afinal, profundamente ancorada em uma "força criadora", "espontânea", que inclusive é capaz de desenvolver novas formas orgânicas, ou nada mais representa do que um conjunto de energias estritamente físico-químicas, restritas às leis da causalidade material e semelhantes às que os cientistas haviam detectado no mundo inorgânico?

- Pg. 157, linhas 18-25:

*onde se lê:* Para proceder a uma “análise fenomenológica da sensação de prazer”, Reich buscou ajuda não apenas nas reflexões de Husserl sobre o fenômeno da intencionalidade, mas também, no pensamento de Bergson, posto que o pensador francês teria elaborado “a mais correta descrição fenomenológica das sensações de prazer”: “O que é um grande prazer, se não um prazer preferido? E o que pode ser nossa preferência, se não uma certa disposição de nossos órgãos que faz com que, caso dois prazeres se apresentem simultaneamente a nosso espírito, nosso corpo se incline em direção a um deles?” (BERGSON, 1889/1984a, p. 28).

*leia-se:* Para proceder a uma “análise fenomenológica da sensação de prazer”, Reich buscou ajuda não apenas nas reflexões de Husserl sobre o fenômeno da intencionalidade, mas também, no pensamento de Bergson, posto que o pensador francês teria elaborado “a mais correta descrição fenomenológica das sensações de prazer” (REICH, 1923/1976, p. 159). **No texto bergsoniano o jovem psicanalista encontrou, como vimos anteriormente, as seguintes considerações:** “O que é um grande prazer, se não um prazer preferido? E o que pode ser nossa preferência, se não uma certa disposição de nossos órgãos que faz com que, caso dois prazeres se apresentem simultaneamente a nosso espírito, nosso corpo se incline em direção a um deles?” (BERGSON, 1889/1984a, p. 28).

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	10
2 INTUIÇÕES E IMPASSES.....	15
2.1 A QUESTÃO DA ENERGIA.....	16
2.1.1 A energia na Física.....	19
2.1.2 Atomistas <i>versus</i> energetistas.....	23
2.1.3 Éter luminífero.....	31
2.1.4 Massa-energia.....	36
2.2 CIÊNCIA E EPISTEMOLOGIA.....	38
2.2.1 “Misticismo”.....	40
2.2.2 O modelo maquínico.....	43
2.2.3 Novos paradigmas.....	45
2.3 IMPASSES.....	49
3 EM BUSCA DE RESSONÂNCIAS .....	53
3.1 EXCITABILIDADE DA SUBSTÂNCIA VIVA.....	55
3.1.1 Forças e princípios biológicos específicos .....	56
3.1.2 Energia criadora .....	66
3.2 ENERGIA SEXUAL .....	68
3.2.1 Percurso na Psicanálise .....	71
3.2.2 Fator quantitativo.....	90
3.3 CRÍTICA EPISTEMOLÓGICA .....	96
3.3.1 Mundo sensorial .....	97
3.3.2 O problema do finalismo .....	100
3.4 NOVOS IMPASSES .....	103
4 FENOMENOLOGIA DA SENSAÇÃO DE PRAZER .....	111
4.1 <i>TRIEB-ENERGETIK</i> .....	114
4.1.1 <i>Parte 1</i> : A importância da metapsicologia .....	118
4.1.2 <i>Parte 2</i> : A teoria freudiana das “pulsões” .....	119
4.1.3 <i>Parte 3</i> : A identidade “pulsão”-prazer.....	126
4.1.4 <i>Parte 4</i> : A dimensão mnêmica do prazer.....	144
4.1.5 <i>Parte 5</i> : Conclusões sobre o ritmo da “pulsão” .....	151
4.2 REPERCUSSÕES METODOLÓGICAS.....	152
4.3 CONVERGÊNCIAS E DESENVOLVIMENTOS.....	156
5. CONCLUSÃO.....	162
REFERÊNCIAS.....	166

# 1. INTRODUÇÃO

“Desde que iniciei minhas pesquisas, em 1920, sempre tive a clara impressão que meu trabalho era regido por uma *lógica objetiva* que, inicialmente, não podia ser compreendida, e eu me sentia como seu órgão executor. Compreender esta lógica e racionalidade – no desenvolvimento de observações, hipóteses de trabalho, teorias e novas descobertas – é algo que se constituiu, em si mesmo, numa parcela significativa de meu trabalho de pesquisa”.

W. Reich - 06.09.1947, *American odyssey*.

Com esta dissertação propomo-nos a examinar o nascimento da obra de Wilhelm Reich, pautando-nos pela confluência estabelecida pelo autor, no período 1919-1923, entre hipóteses energetistas e questionamentos epistemológicos.

Priorizando, em seu trabalho, a dimensão “energética” dos fenômenos, Reich, no entanto, sistematicamente enfatizou que a teorização científica está intimamente articulada à natureza dos métodos de investigação. Assim, ao longo de sua obra e de diferentes perspectivas, ele sempre buscou associar o processo de pesquisa à construção de instrumentos metodológicos.

Limitando-nos, aqui, a rastrear a conexão teoria-método nos primórdios da obra reichiana, procuraremos: (a) avaliar a maneira pela qual o ambiente ou “clima” científico do final do séc. XIX e início do séc. XX influenciou a formação intelectual do jovem Reich, (b) identificar os pesquisadores e correntes de pensamento que contribuiram significativamente, entre 1919 e 1923, para as reflexões energetistas e epistemológicas empreendidas pelo autor, (c) apresentar as primeiras concepções formuladas por Reich no campo da “energética” e da metodologia de investigação.

Seguindo indicações fornecidas pelo próprio autor, estamos adotando, como estágio inicial da investigação energético-epistemológica reichiana, o período compreendido entre 1919 e 1923. No decorrer desses quatro anos, Reich, como tentaremos demonstrar, elaborou suas primeiras hipóteses energetistas, pôs-se a refletir sobre delicadas questões epistemológicas e produziu, também, teorias no

campo da energética e *insights* metodológicos que inauguraram e direcionaram sua obra.

No que concerne à pesquisa bibliográfica, consultamos não apenas os escritos que Reich trouxe a lume no período 1919-1923, mas também, trabalhos pertencentes a outros momentos de sua produção (publicados pelo próprio autor ou editados postumamente), trabalhos esses que contêm informações únicas e esclarecedoras sobre o início de sua obra. Procedemos, também, a uma ampla investigação em artigos, livros e *websites* que tratam da História e da Filosofia da Ciência, a fim de contextualizarmos o ambiente intelectual com o qual o autor se deparou no começo da década de 1920.

Cumpramos mencionar, ainda, que não tivemos a intenção de apontar todas as influências teóricas – e até mesmo artísticas e literárias – que marcaram os quatro primeiros anos do trabalho do autor. Ao averiguarmos o nascimento da produção de Reich, preocupamo-nos, essencialmente, em rastrear seus estudos, hipóteses, questionamentos e formulações de índole energética e epistemológica.

A presente dissertação é composta, além desta “Introdução”, de quatro outros capítulos e da seção que contém as Referências.

No segundo capítulo, “Intuições e impasses”, propusemo-nos a analisar as especulações que Reich formulou, por volta de 1919-20, a respeito de uma “energia primária” e procuramos identificar, também, suas primeiras reflexões na esfera da Teoria do Conhecimento. Na primeira parte do capítulo, retomamos o conceito científico de energia, com o intuito de esboçarmos contrastes entre as inaugurais hipóteses energetistas reichianas e as proposições da Física. Na segunda parte, apontamos as visões de mundo que motivaram o autor a proceder, nos primórdios de seu trabalho, a críticas de índole epistemológica. Na terceira e última parte,

discutimos os conflitos existentes entre as embrionárias suposições energetistas reichianas e o pensamento científico dominante no início do séc. XX.

Com o terceiro capítulo, “Em busca de ressonâncias”, nossos objetivos consistiram em averiguar o interesse do jovem Reich pela “energética do vivo”, e em indicar dois temas epistemológicos que chamaram sua atenção no início da década de 1920 – a utilização abusiva do raciocínio teleológico na literatura científica e a possibilidade de se inter-relacionar, no âmbito da Ciência Natural, os fatores qualitativo e quantitativo. Na primeira parte do capítulo, examinamos as influências que o neovitalismo e a teoria freudiana exerceram no começo do trabalho reichiano. Na segunda parte, resgatamos as críticas de Reich à doutrina do Finalismo e destacamos a esperança cultivada pelo autor, já nos primórdios de sua produção, de um dia conseguir integrar os aspectos qualitativos e quantitativos dos fenômenos. Na terceira e última parte, apontamos um certo conjunto de conseqüências, decorrentes de Reich ter adotado, desde o princípio de sua obra, a energética como fator central da dinâmica do vivo.

No quarto capítulo, “Fenomenologia da sensação de prazer”, pretendemos averiguar as primeiras elaborações teórico-epistemológicas estritamente reichianas, tomando como referência um artigo publicado por Reich, em 1923, sobre a energética dos impulsos sexuais humanos; em sua tentativa de contribuir, com esse artigo, para a ampliação do conceito psicanalítico de “pulsão”, o autor acabou construindo a base conceitual de sua atuação clínica e vislumbrou importantes questões metodológicas. Na primeira parte do capítulo, analisamos detalhadamente o estudo de 1923, buscando resgatar as descobertas de Reich sobre a cadência bioenergética da “pulsão sexual”. Na segunda parte, examinamos a relevância do artigo em questão, para o desenvolvimento metodológico da obra



reichiana. Na terceira e última parte, discutimos a maneira pela qual o autor interconectou, nos primórdios de seu trabalho, teoria e método, estabelecendo, ao mesmo tempo, interfaces com diversas áreas do saber.

No quinto capítulo, “Conclusão”, apresentamos uma visão geral dos resultados de nossa pesquisa.

## 2. INTUIÇÕES E IMPASSES

“Sou, antes de tudo, um cientista natural, não um psicólogo e, claro, não um psicanalista. Dediquei-me a todo o campo da psiquiatria como um cientista natural. Esse interesse foi ditado, em primeiro lugar, pela questão da energia. Já era assim em 1919”.

W. Reich - 26.08.1950, “Man’s roots in nature”.

Textos produzidos pelo Reich maduro indicam-nos que sua obra originou-se de duas linhas centrais de reflexão. Por volta de 1919-20, o jovem pesquisador pôs-se a especular sobre a existência de uma “energia primária” e, concomitantemente, começou a se interessar pelas bases epistemológicas da produção científica. Neste capítulo, resgataremos essas duas vertentes, analisando-as em relação ao clima científico e filosófico que marcou os primórdios do trabalho do autor.

Em um primeiro momento, retomaremos o conceito científico de energia, assim como outras noções, descobertas e embates que marcaram a Física na virada do séc. XIX para o séc. XX, com o propósito de estabelecermos contrastes entre as suposições reichianas e algumas concepções científicas então dominantes. Em seguida, abordaremos as visões de mundo que estimularam as primeiras incursões reichianas no campo da Teoria do Conhecimento. Por fim, apontaremos os impasses científicos e epistemológicos herdados por Reich.

## 2.1 A QUESTÃO DA ENERGIA

Reich era médico por formação (ele ingressou no curso de Medicina da Universidade de Viena em 1919, finalizando-o em 1922). Mas em vários momentos preferiu definir a si próprio como cientista natural, “um ser pensante que procura compreender a natureza que o cerca” (REICH, 1950/1990c, p. 1).

Na maturidade de sua obra comentou que esse interesse por ciências da natureza remontava à sua infância, lembrando que, dos oito aos doze anos de

idade, manteve um laboratório caseiro no qual colecionava borboletas, insetos e plantas (*WILHELM REICH: BIOGRAPHICAL MATERIAL*, 1953). Em uma autobiografia científica publicada em 1942, *The function of the orgasm* (“A função do orgasmo”), Reich também salientou sua predileção pela abordagem científico-natural. Ao descrever, nessa obra, duas décadas de pesquisas, mencionou que em sua fase de estudante universitário dedicou-se não somente às disciplinas regulares do curso de Medicina, mas também, à Filosofia Natural e Ciência Natural (REICH, 1942/1989).

Leitor compulsivo, Reich fez questão de realçar, contudo, que os estudos teóricos não eram sua única fonte de aprendizado. Em um texto autobiográfico, definiu a si mesmo como alguém que sempre “aprendeu com a experiência”, evitando opinar sobre temas que não pudesse conhecer com seu “organismo como um todo” (REICH, 1990e, p. 87).

Atento às “sensações de movimento” que percebia em seu próprio corpo e impulsionado pelo conhecimento que vinha adquirindo em diversificadas pesquisas (acadêmicas, científicas, literárias, filosóficas), Reich formulou, na época em que cursava Medicina em Viena, uma hipótese que direcionou toda sua obra.

O jovem universitário conjecturou, por volta de 1919-20, que os processos naturais provavelmente expressam, em última instância, processos energéticos. Na base do funcionamento natural deve agir, suspeitou Reich, uma energia primária ou primordial, anterior à matéria. Uma energia que seria, em si, livre-de-massa, mas que, de alguma maneira, poderia gerar unidades materiais (REICH, 1950/1990c, p. 3-4).

Quando contava com aproximadamente cinquenta anos de idade, o autor lembrou que sua “antiga suposição de 1920” indicava “que a energia funciona

ANTES de qualquer massa; que não é a matéria, mas sim a energia que é primária; que a massa precisa ser derivada, de alguma forma, da energia” (REICH, 1996a, p. 13; grifo do autor).

Em um artigo de cunho metodológico publicado em 1950, “The developmental history of orgonomic functionalism” (*O desenvolvimento histórico do funcionalismo orgonômico*), Reich descreveu o contexto científico em que, trinta anos antes, ele havia formulado suas primeiras hipóteses:

A física clássica, incluindo a moderna relação energia-massa, concluiu que massa e energia são fenômenos naturais primordiais. Einstein já havia abolido a separação absoluta entre massa e energia. Energia (E) era, agora, massa movendo-se à velocidade da luz ( $m \cdot c^2$ ), mas era ainda ‘massa’ e não, em termos *puramente* primários, livre-de-massa. Na verdade, desde Becquerel e Curie sabia-se que a matéria se transforma ou se decompõe em energia e a maneira pela qual isso ocorre. Mas ninguém, exceto alguns filósofos do éter, sugeriu que *a massa poderia ser formada a partir da energia*. A matéria, com sua massa (m), foi e permaneceu um fenômeno natural primordial, não derivável ulteriormente (REICH, 1950/1990c, p. 3-4; grifos do autor).

A questão da “energia” representa, certamente, um dos eixos centrais da produção reichiana. Mas o autor, já no início de sua pesquisa, tinha em mente um específico processo energético – tratar-se-ia, como vimos logo acima, de uma energia que é primária em relação à matéria; a própria “massa”, aliás, seria derivada da “energia”.

Questões desse gênero remetem inevitavelmente à Física, a disciplina que estabeleceu a noção científica de energia.

### 2.1.1 A energia na Física

O conceito científico de energia começou a ser formulado há cerca de um século e meio; ainda que recente, seu desenvolvimento mostrou-se, porém, razoavelmente complexo. A história da ciência aponta, de imediato, dificuldades de ordem terminológico-conceitual, dado que vocábulos como “força”, “trabalho” e “potência” foram muitas vezes utilizados, até o séc. XIX, para designar o que, agora, é chamado de energia. Outra grande dificuldade diz respeito à própria caracterização do fenômeno. Richard Feynman (1918-1988), um dos laureados com o Prêmio Nobel de Física de 1965, afirmou enfaticamente, no início da década de 1960, que “na física atual ignoramos o que é energia”, deixando claro, porém, que os processos energéticos podem ser calculados e mensurados (FEYNMAN, 2004, p. 118; grifo do autor). E o físico Ian M. Sefton, em trabalho escrito recentemente, comenta que, além de não haver “um único, absoluto ou universal conceito de energia”, tal conceito “não apresenta uma definição simples” (SEFTON, 2006).<sup>1</sup>

Ljubisa R. Radovic, professor no curso de Energy and Geo-Environmental Engineering da Pennsylvania State University, define energia como “uma propriedade ou característica da matéria que pode ser convertida em trabalho mecânico, calor ou radiação” (RADOVIC, 1996). Entretanto, em sua definição mais usual, considerada incompleta por alguns Físicos, a energia é caracterizada como a

---

<sup>1</sup> O artigo escrito por Ian M. Sefton, assim como vários outros artigos e livros utilizados nesta dissertação, foram obtidos por meio da Internet. Entre os documentos que consultamos na World Wild Web, alguns apresentavam paginação, especialmente os arquivos disponíveis em PDF (Portable Document Format). Outros textos, porém, foram acessados em páginas-web que não contêm numeração. Assim, tratando-se de material extraído por meio da Internet, adotamos, para o corpo desta dissertação, o seguinte critério: se o documento estiver em PDF, a referência obedece ao mesmo padrão estipulado para artigos e livros não-digitais: nome do autor, ano da publicação e número da página; nos casos das páginas-web que não dispõem de numeração, mencionaremos, apenas, o nome do autor e o ano da publicação (a citação feita a Sefton é um exemplo dessa segunda categoria). Nas Referências, entretanto, faremos menção, nos dois casos, ao endereço digital do documento.

capacidade de realizar trabalho (quando uma força atua contra algo que lhe resiste, produzindo movimento, afirma-se que tal força efetuou um trabalho; “força”, conseqüentemente, é a entidade física que altera o estado de repouso da matéria).

Desde o início do séc. XIX foi grande o interesse científico pela conversibilidade de certos eventos naturais (a interconversão entre fenômenos químicos e elétricos, elétricos e magnéticos, entre outros). O médico Julius Robert von Mayer (1814-1878) foi um dos vários pesquisadores que participou da elaboração científica do conceito de energia. Em 1842 ele publicou um artigo fundamental e precursor intitulado “Bemerkungen über die Kräfte der unbelebten Natur” (*Observações sobre as forças da natureza inorgânica*),<sup>2</sup> procurando analisar “o que compreendemos por ‘forças’ e como as diferentes forças estão relacionadas entre si” (MAYER, 1842/1862). O cientista chegou então à importante conclusão que as “forças” – fenômenos que, nesse caso, assemelham-se ao atual conceito de energia – são indestrutíveis, embora possam assumir diferentes formas.

Um ano após o artigo de Mayer e independentemente dele, um cientista amador, James Prescott Joule (1818-1889), demonstrou que o trabalho mecânico pode se transformar em calor – quando um conjunto de paletas acopladas a um eixo e inseridas em um jarro d’água, começam a se mover, o líquido se aquece (ROCHA, 2002). Em 1845 o pesquisador inglês sentia-se seguro em afirmar aos editores da revista *Philosophical Magazine* que considerava como comprovada “a existência de uma relação de equivalência entre o calor e as formas comuns de potências mecânicas” (Joule, 1845). “Aquilo” que, no experimento de Joule,

---

<sup>2</sup> Consultamos, aqui, uma tradução do artigo de Mayer para a língua inglesa: “Remarks on the forces of inorganic nature” (MAYER, 1842/1862).

“transferia-se” do movimento das pás para a água foi considerado como sendo a energia; trabalho e calor começaram a ser caracterizados, então, como duas formas de energia qualitativamente diferentes, mas quantitativamente equivalentes.

O médico e cientista alemão Hermann von Helmholtz (1821-1894) também chegara à conclusão, em 1847, que calor e trabalho eram fenômenos interconvertíveis e quantitativamente relacionados (SILVER, 2003). De acordo com seus estudos, todos os sistemas mecânicos estariam sujeitos às leis da conservação de energia.

Gradualmente a pesquisa científica permitiu concluir que a quantidade de energia disponível no Universo é constante e que a energia nunca é criada ou destruída, podendo apenas transformar-se de um tipo em outro. Mas, no entendimento de vários autores, a energia não deve ser tomada por uma “coisa”, “substância”, ou “algo concreto”. O conceito físico de energia, de acordo com esses estudiosos, nada mais traduz do que uma “idéia extremamente abstrata” (FEYNMAN, 2004, p. 115) ou um “objeto matemático abstrato” (BALIAN, 2001). As leis e equações da Física atual prescindiriam de quaisquer referências a uma energia-substância (SEFTON, 2006).

Alguns pesquisadores, contudo, não se restringiram à dimensão matemática do fenômeno e consideraram a energia, também, como um “objeto real”. O químico alemão Wilhelm Ostwald (1853-1932), Prêmio de Nobel de Química de 1909 e um dos expoentes da “ciência da energética” (doutrina sobre a qual falaremos, mais adiante), escreveu, em 1908, um livro intitulado *Die Energie* (“A energia”).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Recorremos, aqui, à uma tradução desse livro para o idioma francês: *L'Énergie* (OSTWALD, 1908/1910).



Ao retomar, nessa obra, o trabalho de vários pesquisadores que, até então, haviam contribuído para o entendimento da energia, ele deu destaque a Julius Mayer, o médico e cientista que mencionamos logo acima; Mayer, na avaliação de Ostwald, concebeu “as forças, isto é, em nossa linguagem, a energia, como uma substância. A força é para ele uma realidade, um ser de uma espécie determinada e particular; sua indestrutibilidade e increabilidade são marcas de sua realidade” (OSTWALD, 1908/1910, p. 73). O físico austríaco Wolfgang Pauli (1900-1958), homenageado com o Prêmio Nobel de Física em 1945, expressou opinião semelhante: “[...] o que restou da velha idéia de matéria e substância? A resposta é a energia. Esta é a verdadeira substância, aquilo que é conservado; o que muda é somente a forma pela qual ela se manifesta” (PAULI, 1951, citado em MARTINÁS, 2005, p. 46). Afinal, se a energia não pode ser criada nem destruída, se apenas muda sua “forma”, é cabível cogitar que há “algo” concreto que se conserva. Em um texto que analisa as dificuldades de trabalhar o conceito de energia com alunos adolescentes, um professor norte-americano de Física pondera: “Se aceitamos algum tipo de existência para a energia, então necessariamente pensamos nela como existindo em algum lugar, pois é impossível conceber algo existindo sem conceber que está em um determinado lugar” (SWACKHAMER, 2005, p. 13).

Logo adiante, voltaremos à questão da “substância” e de sua relação com o pensamento científico. Cumpre realçar, agora, que o tema “energia” estava na pauta do dia quando Reich ingressou na Universidade, em 1918. Herdeiro confesso das realizações científicas e filosóficas do séc. XIX e início do séc. XX (REICH, 1949/1973b, p. 8), o autor certamente não pôde ficar imune a um conceito que, como explica o professor português Augusto dos Santos Fitas, desempenhou papel significativo no pensamento científico-natural:

A Física no século XIX pode caracterizar-se no essencial pelos trabalhos levados a cabo segundo dois programas de investigação: o primeiro, o mais antigo e que já se vinha desenvolvendo na esteira da filosofia natural dos séculos passados, corresponde ao triunfo das ideias mecanicistas enquanto quadro geral da explicação dos fenômenos naturais; o segundo, o mais jovem, porque nascido neste mesmo século e dificilmente filiável numa genealogia secular, corresponde à afirmação do conceito de energia enquanto conceito unificador de toda a Física. [...] o desenho conceptual da ideia de energia é a ferramenta que vai permitir que os novos domínios do calor, da luz e da electricidade, em conjunto com a velha mecânica, sejam abarcados pela mesma estrutura conceptual, isto é, a explicação mecanicista da natureza (FITAS, 2004, p.1).

A noção de energia, porém, não se limitou ao campo da pesquisa experimental, motivando, igualmente, uma série de reflexões epistemológicas.

### 2.1.2 Atomistas *versus* energetistas

No final do século XIX dois grupos de pesquisadores, os atomistas e os energetistas, travaram acalorados debates sobre a relação matéria-energia, discutindo, ao mesmo tempo, o valor que essas entidades físicas deveriam assumir no campo da produção científica. Os cientistas atomistas concebiam o Universo como um ambiente essencialmente material constituído por átomos e partículas subatômicas em movimento; os energetistas, entretanto, viam com profunda desconfiança a concepção atomista e conclamavam a Física a priorizar a dimensão “energética” dos fenômenos.

A “concepção corpuscular” remonta aos atomistas gregos da filosofia pré-socrática. Por volta de V a.C. os filósofos Leucipo e Demócrito fizeram referência aos “átomos” – formas originárias eternas e indestrutíveis, que poderiam, entretanto, se agregar e desagregar. Homens, animais e plantas seriam criados pela fusão de “partículas” invisíveis que se movem no “vazio infinito”.

O “vazio” (ou não-Ser) parecia indicar, para Leucipo e Demócrito, os interstícios entre os átomos; tratar-se-ia de uma lacuna onde os átomos não estão, de um “espaço” que, segundo o filósofo e orador Marcus Tullius Cicero (106-43 a.C.), “não tem alto, baixo, meio, extremidade ou limite” (DUMONT, 1991, p. 431). A filósofa Marilena Chauí ajuda-nos a entender a questão:

*O pleno (o átomo) e o vazio são os princípios constitutivos de todas as coisas, geradas pelo contato entre os átomos que se movem no vazio, chocando-se, ricocheteando-se uns contra os outros, fazendo as coisas nascer, mudar e perecer. Esse movimento espontâneo dos átomos é inerente a eles (não é preciso uma força externa para movê-los) e é racional e necessário, não sendo contingente ou por acaso (CHAUÍ, 1994, p. 101; grifo da autora).*

Os átomos dos pensadores gregos não eram, obviamente, idênticos aos que foram descritos pela moderna teoria atômica. A ciência atual considera, inclusive, o átomo como um “objeto” divisível; além disso, a filosofia pré-socrática não exigia a comprovação experimental de uma hipótese – critério fundamental na prática científica contemporânea. Mas, apesar das diferenças conceituais e históricas, o “materialismo cosmológico” dos atomistas gregos serviu como modelo para os teóricos do materialismo científico.

No séc. XIX e início do séc. XX a doutrina científico-materialista ganhou, como nunca, força e reconhecimento entre pesquisadores de várias áreas. Ser um cientista materialista significava, antes de tudo, recusar-se a aceitar a ação de qualquer força sobrenatural nos eventos da natureza; quaisquer determinações metafísicas, místicas ou teológicas deveriam ser banidas e condenadas. A matéria, e apenas ela, passou a ser vista, por muitos pesquisadores, como o princípio causal dos fenômenos, pois todo e qualquer acontecimento (“natural”, humano ou social)

seria, por essência, materialmente determinado ou, de alguma forma, dependente da matéria. Para a maior parte dos cientistas materialistas os processos naturais sempre poderiam (e deveriam) ser reduzidos aos átomos e/ou a ínfimas partículas subatômicas.

Assim, nas academias e laboratórios a regra era expurgar qualquer entendimento teológico-metafísico que fizesse menção a essências eternas e imutáveis, ou a uma “realidade última” e determinante do Universo. Queria-se evitar que a ciência se envolvesse ou se mesclasse novamente com teorias metafísicas, como as que, por exemplo, haviam sido formuladas no séc. XVII por Henry More (1614-1687), poeta e filósofo da religião que esteve em contato direto com os principais pensadores e cientistas de sua época. Convicto que o “fenômeno do mundo” não podia ser explicado de forma mecanicista, More acreditava na existência de uma substância imaterial, “distinta da matéria”, “desprovida de razão e censura”, capaz de “abarcara toda a matéria do universo” e direcionar os elementos materiais e seu movimento “de uma forma que não pode ser solucionada por simples potências mecânicas”. De acordo com o filósofo, aquela “substância imaterial” cumpriria a vontade de Deus – supremo gerador do movimento e da gravidade – no mundo terreno, e teria sido dotada, pela Inteligência Superior, com “automovimento, autocontração e autodilatação”, propriedades que explicariam a motilidade dos elementos materiais (MORE, 1653, citado em JAMMER, 1957/1999, p. 151-152).

O físico francês François Balibar relembra que a noção de “substância” pertence, muito mais, ao campo reflexivo da Filosofia, do que ao âmbito da teorização experimental-matemática própria da Física; mas comenta que a questão merece ser mais bem contextualizada:

Dado que a física nunca é independente da *tradição* filosófica, a idéia de substância visita freqüentemente os físicos. Pois, desde Galileu, ou seja, desde que teve início a física ‘moderna’, a idéia de substância é indissociável da de movimento, posto que a física moderna repousa sobre a hipótese metafísica de que no aparente caos do mundo é possível distinguir entre o que muda e o que persiste em seu ser, o que subsiste [...] (BALIBAR, 1992, p.118; grifo do autor).

Nesse contexto, vale ainda lembrar a análise empreendida pelo filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) acerca da infiltração, no campo da ciência, de conceitos de índole “substancialista”; em *Além do bem e do mal*, obra que veio a lume em 1886, o pensador alemão toma o atomismo materialista como extensão de uma concepção formulada, há muito, pelo cristianismo e à qual ele denominou como “atomismo da alma”: “Permita-me designar com esse termo a crença que vê a alma como algo indestrutível, eterno, indivisível, como uma mônada, um *atomon*: essa crença deve ser eliminada da ciência” (NIETZSCHE, 1886/1998, p. 19). Por volta de 1885-86, o filósofo já havia escrito em seu diário de notas que “A hipótese atomista é apenas uma consequência do conceito de sujeito e substância. É preciso que haja, em algum lugar, ‘uma coisa’ de onde parte a atividade. O átomo é o último produto da idéia de alma” (NIETZSCHE, 1995, p. 351).

O temor de que a noção de substância fosse reintroduzida na pesquisa experimental, a exigência de rigor científico e a desconfiança em relação aos modelos teóricos extremamente especulativos foram fatores que levaram alguns pesquisadores da virada do século a questionar ou mesmo duvidar dos conceitos de átomo e partícula subatômica. Para o filósofo, físico e historiador da ciência Ernest Mach (1838-1916) os átomos e moléculas deveriam ser tomados apenas como “simbolizações”, em relação às quais não cabe esperar, como ocorre com a

simbologia algébrica, “mais do que colocamos nelas, ou seja, nem mais esclarecimento ou mais revelação do que nos fornece a experiência *em si mesma*” (MACH, 1911/1996, p. 273; grifo do autor). Na opinião do eminente estudioso alemão (autores de distintas áreas – Einstein, Freud, Russell, Musil, entre outros – reconheceram sua influência), à ciência caberia, muito mais, a tarefa de estabelecer relações matemáticas que abarcassem os dados experimentais colhidos com os órgãos dos sentidos.

A corrente dos cientistas energetistas, atuante nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, tinha em Mach uma importante referência. De uma forma geral, os energetistas criticavam as limitações e inseguranças das teorias atômicas então em voga e questionavam a liberdade, que os pesquisadores mecanicistas por vezes se davam, de elaborar hipóteses e modelos não prontamente acessíveis à apreensão sensorial e à investigação experimental. No entendimento do químico Wilhelm Ostwald, um dos mais fervorosos defensores da “energética”, o tradicional equacionamento dos fenômenos naturais em relação à matéria deveria ser substituído por formulações que contemplassem, principalmente, transformações e intercâmbios entre distintas formas de energia (OSTWALD, 1908/1910).

Para um energetista radical como Ostwald, a noção clássica de matéria chegava a ser duvidosa, se não supérflua (OSTWALD, 1908/1910, p. 171); na visão do ilustre pesquisador, a matéria precisaria ser subordinada à mais ampla noção de energia. Os fenômenos mecânicos nada mais seriam, aliás, do que um caso particular das transformações gerais da energia.

Partindo do pressuposto de que “tudo é energia” e que o processo energético representa a única realidade efetiva na natureza, Ostwald afirmou, no final da década de 1910, que a “energia é um elemento essencial de todas as coisas reais, isto é, concretas; também se pode dizer que *é na energia que se encarna o real*” (OSTWALD, 1908/1910, p. V; grifo do autor). O cientista alemão acreditava, ainda, que a “energética” estava destinada a abarcar “todos os domínios da ciência”, posto que, entre as noções utilizadas para representar a realidade (tempo e espaço, por exemplo), apenas o conceito de energia “permite expressar tantas coisas relativas ao conteúdo do mundo, expressar tais coisas com tamanha precisão ou conectá-las tão bem entre si” (OSTWALD, 1908/1910, p. II).

Essa espécie de “imperativo energético” também se faria presente no domínio do Vivo: “*uma manifestação constante de energia*, ainda que não seja suficiente para caracterizar a vida, constitui um elemento essencial dela” (OSTWALD, 1908/1910, p. 178; grifo do autor). Por consequência, o território psíquico não deixaria de estar sob o efeito da “energia”: “os fenômenos psicológicos podem ser concebidos como fenômenos energéticos e interpretados como tais, à semelhança de qualquer outro fenômeno” (OSTWALD, 1908/1910, p. 200). No ser humano agiria uma “energia nervosa” ou “energia psíquica”; as operações intelectuais seriam manifestações da energia psíquica em si mesma:

Para o mecanicismo há um abismo intransponível entre os fenômenos físicos (que ele considera como fenômenos mecânicos) e os fenômenos psíquicos; para a energética há, ao contrário, uma ligação contínua entre as manifestações mais simples da energia (isto é, suas manifestações mecânicas) e suas manifestações mais complexas (isto é, suas manifestações psíquicas) (OSTWALD, 1908/1910, p. 217).

Na opinião de Ostwald o energetismo, com seu singular entendimento sobre a energia, permitia resolver “de forma muito natural” a dualidade corpo-mente, pois, com sua perspectiva monista, a energética teria englobado e associado matéria (um complexo de distintas energias) e psiquismo (instância também submetida a fenômenos energéticos). Ao invés de se deter nas relações existentes entre o corpo material e a mente, a energética propunha-se a descobrir “que tipo de relação a noção de energia, que é muito mais ampla que a de matéria, estabelece com a noção de espírito” (OSTWALD, 1908/1910, p. 200). O ilustre químico pretendia, em suma, deslocar a polaridade soma-psique para a conexão energia-psique.

Não foram poucas, entretanto, as críticas que os energetistas receberam em sua própria época; o projeto de conceber a energia como fundamento da realidade foi visto, por vezes, como um novo monismo metafísico. Na tentativa de expurgar “elementos” que então não se achavam acessíveis à pesquisa experimental (as entidades subatômicas), alguns energetistas teriam, paradoxalmente, introduzido na pesquisa científica um conceito de caráter metafísico (a energia como a realidade última do Universo). Com efeito, a energia não representava, para Ostwald, apenas algo real, mas sim, a “coisa real por excelência”, a “coisa das coisas e fonte de todas as forças” (CASSIRER, 1993, p. 124).

Lenin (1870-1924) identificou, em certas concepções energetistas, uma perigosa tentativa de conceber o movimento sem a matéria; e considerou um retrocesso idealista a proposta de reduzir ao conceito de energia a contradição entre consciência e realidade material. Em *Materialismo e empiriocriticismo*,<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Valemo-nos, aqui, de uma tradução dessa obra para a língua inglesa: *Materialism and empirio-criticism: Critical notes concerning a reactionary philosophy* (LENIN, 1908/1927).



publicado em 1908, ele expressou sua indignação para com as tendências “reacionárias” de Ostwald, “brilhante químico, mas deplorável filósofo” (LENIN, 1908/1927, p. 228). Em um trabalho do cientista alemão em que se lê “que todos os fenômenos externos podem ser representados como processos energéticos” devido ao fato de que “os processos de nossa consciência são, em si mesmos, processos energéticos e impõem tal propriedade a todas as experiências externas”, Lenin reconheceu o mais “puro idealismo” e expressou sua indignação: “não é mais nosso pensamento que reflete a transformação da energia no mundo externo, mas sim, o mundo externo que reflete uma certa ‘propriedade’ de nossa consciência!”. E deixou claro seu ponto de vista dialético-marxista: “A transformação da energia é considerada pela própria ciência como um processo objetivo independente da consciência do homem e da experiência da humanidade, ou seja, de um modo materialista” (LENIN, 1908/1927, p. 231).

O embate entre atomistas e energetistas não se limitou, entretanto, à relação matéria-energia. Inclusive porque, como indicou em 1896 o físico Ludwig Boltzmann (1844-1906), defensor da teoria atomista e crítico das idéias de Ostwald, as “hipóteses atomísticas também reconhecem o conceito de energia como um daqueles [conceitos] mais importantes” (BOLTZMANN, 1896/2004, p. 68). Para além de divergências estritamente científicas acerca da noção de energia, a disputa entre as duas correntes deu expressão, como reconheceu o filósofo alemão Ernest Cassirer (1874-1945), a uma encruzilhada epistemológica. Tratava-se, em última instância, de determinar se a ciência poderia operar livremente com modelos teóricos alicerçados em elementos inacessíveis à experiência humana imediata (átomos, partículas subatômicas, moléculas, íons) ou se deveria, muito

mais, se limitar a estabelecer relações matemáticas entre fenômenos acessíveis e observáveis.

Para os autores que privilegiavam a apreensão fenomenológica, as “suposições inverificáveis” nada mais eram do que artifícios de pouca utilidade prática para a pesquisa científica. Cassirer apontou o vetor estritamente positivista que orientava tais teorias:

Para [Ostwald e Mach] a teoria nada mais era do que a ‘adaptação aos fatos’ e, conseqüentemente, a simples reprodução deles. Portanto, uma lei física ou um princípio físico nunca possuía um valor substantivo de conhecimento comparável ao da percepção direta, muito menos superior a ela. Limitava-se a repetir, resumidamente, em uma cômoda síntese de linguagem, os conhecimentos que a percepção nos brinda diretamente e, conseqüentemente, de um modo melhor e mais fiel (CASSIRER, 1993, p. 134).

Partindo desse “fenomenalismo” alguns energetistas insistiam que, na dinâmica dos eventos naturais, o átomo de matéria deveria ser considerado, no máximo, “uma torção no espaço, um nó em uma onda, um vórtice em um campo”; ou um esguicho no “éter tridimensional” (EVERDELL, 2000, p. 78).

### 2.1.3 Éter luminífero

Ao se referir aos defensores da hipótese de que a massa é um subproduto de processos energéticos primários, Reich, como vimos anteriormente, não fez menção aos energetistas, mas sim, aos “filósofos do éter”: “Na verdade, desde Becquerel e Curie sabia-se que a matéria se transforma ou se decompõe em energia e a maneira pela qual isso ocorre. Mas ninguém, exceto alguns filósofos do éter, sugeriu que *a massa poderia ser formada a partir da energia*” (REICH, 1950/1990c, p. 3-4; grifo do autor). Para alguns pesquisadores, de fato, a realidade

física nada mais expressava do que uma condensação de “éter”; o físico inglês Oliver Lodge (1851-1940), por exemplo, afirmou em 1908 que “vem sendo estabelecido que o éter constitui a matéria – um tópico extremamente interessante, em relação ao qual muitos trabalhadores ativos se dedicam atualmente” (LODGE, 1908).

O “éter” foi outro conceito amplamente debatido ao longo do séc. XIX e início do séc. XX; como hipótese científica, sua origem remonta ao séc. XVII. Da mesma forma que a onda sonora se desloca através de um meio (o ar, por exemplo), a luz deveria propagar-se, na opinião de alguns pioneiros cientistas, em um “ambiente” específico. Esse estofo, o éter, ocuparia o vácuo existente entre o Sol e os demais planetas; onipresente, permearia toda a matéria; simultaneamente invisível, estacionário e sem peso, essa “matéria muito sutil” (DESCARTES, 1637) preencheria os poros de todos os corpos.

No decorrer da história da ciência o éter foi concebido – em função do pesquisador, da época e do modelo teórico em questão – ora como um suporte para a propagação de forças gravitacionais, ora como um condutor para os “fluidos” elétricos e eletromagnéticos, ora como um meio de transporte para os fenômenos óticos (BALIBAR, 1992; FAROUKI, 1993).

O físico holandês Christiaan Huygens (1629-1695), que defendia a tese da natureza ondulatória da luz, acreditava que os fenômenos luminosos, ao se moverem no éter, geram ondas de choque que transmitem seu movimento de uma onda à outra. Isaac Newton (1642-1727), ainda que tenha feito menções à propriedade ondulatória da luz, insistiu no caráter corpuscular dos fenômenos luminosos (a luz como um feixe de partículas que atinge o olho estimulando a visão). O famoso cientista inglês acreditava que o espaço interplanetário era vazio,

mas especulou sobre um “meio” que daria suporte às forças gravitacionais, pois julgava inconcebível que “a matéria bruta inanimada (sem a mediação de outra coisa que não seja material) aja sobre outra matéria ou a afete”; chegou mesmo a considerar absurda a idéia de que “um corpo possa agir sobre outro à distância através do vazio, sem a mediação de outra coisa pela qual e através da qual a ação ou força deles possa ser transmitida de um para outro” (NEWTON, 1692-3/2002, p. 408).

Na segunda metade do séc. XIX o físico James C. Maxwell (1831-1879) concluiu que a luz comporta-se, ela própria, como um fenômeno eletromagnético de natureza ondulatória; em obra publicada em 1873, afirmou que “a teoria ondulatória da luz também supõe a existência de um meio” e procurou demonstrar que “as propriedades do meio eletromagnético são idênticas àquelas do meio luminífero” (MAXWELL, 1873, citado em ROCHA, p. 233). Nesse momento, a hipótese do éter estava, portanto, associada a duas questões centrais: a natureza da luz e a natureza do “ambiente” através do qual ela se move.

Em uma palestra proferida em 1884, o físico inglês Lord Kelvin (William Thomson) (1824-1907) deixou claro, ao falar sobre a teoria ondulatória da luz, toda a sua esperança na teoria do éter:

Se há algo de que estamos certos é a realidade e substancialidade do éter luminífero. [...] Quando descrevemos a natureza da eletricidade, fazemo-lo recorrendo ao movimento do éter luminífero. Não podemos afirmar que ele é eletricidade. O que pode ser este éter luminífero? Trata-se de algo através do qual os planetas movem-se com grande facilidade. Ele permeia nosso ar; ele encontra-se aproximadamente na mesma condição [...] em nosso ar e em nosso espaço interplanetário. [...] O que sabemos do éter luminífero é que tem a rigidez de um sólido e distende-se gradualmente. Se ele é ou não frágil e quebradiço, não saberíamos

dizer, mas acredito que as descobertas em eletricidade e o movimento dos cometas com suas maravilhosas caudas de luz, tendem a mostrar fendas no éter luminífero – a mostrar uma correspondência entre os raios de luz, a aurora boreal e as fendas no éter luminífero (KELVIN, 1884).

O físico naturalizado norte-americano Albert A. Michelson (1852-1931), ganhador do Prêmio Nobel de Física em 1907, e o químico norte-americano Edward W. Morley (1838-1923) procuraram determinar a velocidade da Terra em relação ao estático éter interplanetário. Concebendo o éter como uma espécie de meio material – uma estrutura fixa no universo em relação a qual o deslocamento do planeta pudesse ser referido –, o experimento calcou-se no seguinte modelo:

A Terra, ao se deslocar por um espaço preenchido por éter, deve sofrer, devido ao seu movimento, um ‘vento do éter’, que sopra na direção oposta ao seu próprio movimento (fenômeno análogo à rajada de ar que se percebe, em um carro em movimento, quando se coloca a cabeça do lado de fora da janela). Um raio de luz paralelo ao movimento da Terra e tomando a mesma direção que ela, deve portanto estar submetido a tal resistência da parte do vento do éter, tornando-se mais lento. Um segundo raio de luz, partindo agora em direção oposta, deve ser ‘arrastado’ pelo vento do éter e se deslocar mais rapidamente do que o anterior (FAROUKI, 1993, p. 20).

Fazendo uso de instrumentos óticos extremamente precisos, a dupla de cientistas publicou, em 1887, os resultados de suas pesquisas em um artigo que se tornou célebre: “On the relative motion of the earth and the lumineferous ether” (*Sobre o movimento relativo da terra e o éter luminífero*) (MICHELSON-MORLEY, 1887). De acordo com o constructo teórico que sustentava o experimento, se raios de luz deslocando-se em diferentes sentidos sofressem a ação de um “vento” eles deveriam apresentar uma variação de velocidade que, por sua vez, permitiria

calcular a velocidade do próprio planeta em relação ao éter. Mas, ao contrário do esperado, o experimento indicou que os feixes luminosos apresentavam sempre a mesma velocidade, fossem eles perpendiculares, a favor ou opostos ao movimento da Terra. Conseqüentemente, não foi possível detectar qualquer alteração na velocidade do planeta em relação ao sistema de referência “éter”.

O experimento recebeu diversas interpretações; e o éter foi alvo, nas primeiras décadas do séc. XX, de novas investigações. O próprio Reich, em suas pesquisas experimentais da década de 1940, considerou questionável um dos pressupostos da experiência: o caráter estacionário que foi atribuído ao éter; seus estudos indicavam, ao contrário, que o “éter” era algo em movimento (REICH, 1949/1973b, p. 140-141).<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> A partir de 1934, Reich, além do trabalho clínico e de estudos no campo da Sexologia Política, passou a se dedicar a experimentos laboratoriais. Fugindo do nazismo ele acabou se refugiando, entre 1934 e 1939, na Noruega, onde lecionou no Instituto de Psicologia da Universidade de Oslo e conduziu dois experimentos. O primeiro, no campo da Biofísica, foi realizado no período 1934-1936 e consistiu em um estudo que relacionava os estados emocionais humanos e os potenciais elétricos da pele. Em 1936, Reich deu início a um outro experimento, desta feita no campo da Biogênese, procurando examinar se um determinado conjunto de leis gerais, que formulara ao investigar a emocionalidade e a sexualidade humanas, poderia ser estendido a seres unicelulares. Ao longo deste segundo projeto o autor julgou ter detectado singulares vesículas – os “bions” – que representariam um estágio de transição entre o vivo e o não-vivo. Ao identificar, em certo conjunto de vesículas, uma peculiar radiação, empreendeu novas pesquisas que levaram-no a crer, em 1939, que tal radiação achava-se presente não apenas nas culturas de bions, mas em todo ser vivo. Também em 1939, Reich mudou-se para os EUA. Nesse país, deu continuidade às suas investigações e chegou à conclusão, em 1940, que a radiação que acreditava ter observado em organismo vivos fazia-se presente, também, na atmosfera do planeta; posteriormente, conduziu pesquisas que, em sua avaliação, indicavam que aquela radiação ou energia preenchia todo o Universo. Nomeou o fenômeno como “energia orgone cósmica” e fundou a Orgonomia, um ramo de pesquisa que tem por objeto de estudo as “manifestações orgonóticas” no micro e macro cosmos, nos domínios do vivo e do inanimado. Ao longo de seu período norte-americano, Reich estudou sistematicamente o funcionamento da “energia orgone”, descrevendo suas propriedades e específica dinâmica; as “forças orgonóticas”, no entendimento do autor, são, em seu estado primitivo, livres-de-massa e comportam-se de uma maneira “funcional”, ou seja, apresentam um dinamismo e fluidez de caráter não-mecânico. Foi no transcorrer de suas pesquisas no campo da Orgonomia que o autor se deparou com a questão do “éter luminífero”, um conceito que, a seu ver, representava, na Física, a contrapartida mecanicista da “energia orgone”.

Entretanto, na opinião de vários cientistas os resultados negativos obtidos por Michelson e Morley demonstravam indubitavelmente que a teoria do “éter luminífero” era desprovida de qualquer fundamento. O físico e historiador da ciência Roberto de Andrade Martins, professor no Instituto de Física da UNICAMP, apresenta, contudo, uma outra visão dos fatos; ele afirma que nem o experimento Michelson-Morley, nem qualquer outro “permitem *estabelecer* a não existência do éter. Ao contrário do que popularmente se divulga, não existe nenhuma prova de que o éter não existe” (MARTINS, 1998; grifo do autor). O experimento de 1887 teria determinado, apenas, a não existência de um “vento” do éter, não necessariamente do fenômeno “éter”.

Porém, os cientistas que não mais consideravam lícito recorrer à hipótese do éter “tiveram que se acostumar à idéia de que as ondas eletromagnéticas podiam propagar-se no espaço livre, sem a necessidade de um meio especial. A luz passou a ser considerada como uma onda que se auto-sustentava [...]” (ROCHA, 2002, p. 233-234).

#### 2.1.4 Massa-energia

No início do séc. XX o éter também se tornou uma questão relevante para o jovem pesquisador Albert Einstein (1879-1955).

Ao formular suas primeiras concepções sobre a relatividade restrita, em célebre artigo publicado em 1905 – “Zur Elektrodynamik bewegter Körper” (*Sobre a eletrodinâmica dos corpos em movimento*) –, Einstein partiu do pressuposto de que “a introdução de um ‘éter luminífero’ irá se provar supérflua, uma vez que a

concepção a ser desenvolvida, aqui, não exigirá um ‘espaço em repouso absoluto’, dotado de propriedades especiais” (EINSTEIN, 1905/1923).<sup>6</sup>

Já em 1899, em uma carta dirigida àquela que viria a ser sua primeira esposa, Milena Maric, o cientista havia comentado suas restrições em relação ao éter: “A introdução da expressão ‘éter’ nas teorias da eletricidade conduziu à noção de um meio [animado] com um movimento a respeito do qual se pode falar, mas sem que seja possível, parece-me, associar o menor significado físico a esta afirmação” (EINSTEIN, 1899, citado em BALIBAR, 1992). Exatamente como fizera Newton ao calcular a órbita dos planetas, Einstein desenvolveu suas formulações teórico-matemáticas sem precisar recorrer a quaisquer propriedades físicas de um éter. Para muitos autores, Einstein teria dado o golpe de misericórdia na misteriosa “substância”. Sem o propósito de nos aprofundarmos em uma polêmica, vale mencionar que o ilustre físico, em conferência proferida em 05 de maio de 1920 na Universidade de Leyden, apresentou outro ponto de vista:

Negar o éter significa assumir, em última instância, que o espaço vazio não possui nenhuma propriedade física. Mas os fatos fundamentais da mecânica não se harmonizam com esta concepção. [...] De acordo com a teoria da relatividade geral, um espaço sem éter é inconcebível, pois em tal espaço não somente não haveria propagação da luz, como também, nenhuma possibilidade de existência de padrões de espaço-tempo [...] (EINSTEIN, 1920).

Um novo entendimento sobre a conexão massa-energia também emergiu das pesquisas de Einstein, ganhando concretude físico-matemática como  $E=mc^2$ . No *website* do American Institute of Physics é possível ouvir, por meio de um arquivo de som, o próprio Einstein explicando o significado da célebre equação:

---

<sup>6</sup> Consultamos, aqui, uma tradução desse artigo para a língua inglesa: “On the electrodynamics of moving bodies” (EINSTEIN, 1905/1923).



Infere-se da teoria da relatividade especial que tanto a massa quanto a energia são manifestações diferentes de uma mesma coisa – um conceito um tanto estranho para o senso comum. Além disso, a equação ‘E’ é igual ao produto de ‘m’ e ‘c<sup>2</sup>’ (em que a energia equivale à massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz) mostrou que pequenas quantidades de massa podem se converter em enormes quantidades de energia, e vice-versa. Massa e energia eram, de fato, equivalentes, de acordo com a fórmula mencionada acima (EINSTEIN, 1948).

Tal formulação, além de seu valor estritamente científico, teria contribuído para diluir a tensão existente entre atomistas e energetistas (MARTINÁS, 2005, p. 53). Não haveria mais porquê debater sobre se é a “massa” ou a “energia” o fenômeno físico de maior valor, posto que, como postulou Einstein, tais entidades apresentam uma relação de equivalência.

## 2. 2 CIÊNCIA E EPISTEMOLOGIA

Dois interesses interconectados, como já mencionamos, fundam a obra reichiana. Um deles é a questão da “energia”; no tópico anterior procuramos descrever, de forma breve, o ambiente científico que o jovem Reich encontrou quando formulou sua hipótese a respeito de um processo energético primário.

O segundo e igualmente central interesse reichiano diz respeito aos fundamentos epistemológicos da produção científica. Atento ao fato de que a pesquisa científica sempre se assenta em pressupostos e visões de mundo, Reich deu início, por volta de 1919, a uma série de questionamentos epistemológicos que se estenderam por toda a sua obra.

Ao se preocupar não apenas com a pesquisa científica propriamente dita, mas também, com a Teoria do Conhecimento, Reich insere-se em um movimento

que vinha ganhando força desde a segunda metade do séc. XIX. Vários cientistas passaram, então, a considerar a reflexão epistemológica como uma atividade tão importante quanto a investigação experimental. Ainda que a possibilidade de a ciência refletir sobre si mesma não tenha surgido com os cientistas da virada do séc. XIX para o séc. XX, revolucionárias formulações – tais como a Teoria da Relatividade e a Mecânica Quântica, para citar apenas dois exemplos no campo da Física – trouxeram à tona problemas que “nunca antes se haviam apresentado, ao menos dentro da órbita das ciências da natureza” (CASSIRER, 1993, p. 104). Tornaram-se passíveis de questionamentos os alicerces epistemológicos da própria ciência, o grau de liberdade para se elaborar modelos, as concepções de mundo que subjazem às teorias.

Reich comenta ter se deparado, desde o início de sua obra, com “os rígidos muros de dois sistemas de pensamento utilizados pela humanidade: o *mecanicismo* (materialismo, atomismo, quimismo etc.) e o *misticismo* (idealismo, metafísica, espiritualismo etc.)”. Esses dois sistemas, enfatiza o autor, vinham de longa data e “eram mantidos por poderosas organizações sociais” (REICH, 1950/1990c, p. 2; grifos do autor).

Uma coisa, percebeu o autor no início de seu trabalho, são os fenômenos, outra, muito diferente, são as orientações teóricas utilizadas para explicá-los: “de uma forma muito primitiva aprendi a traçar uma clara distinção entre fatos e teorias sobre os fatos” (REICH, 1942/1989, p. 23); “meus próprios questionamentos forçaram-me a fazer claras distinções entre fato e hipótese” (REICH, 1942/1989, p.25).

Dado que Reich indicou o mecanicismo e o “misticismo” como os principais “sistemas de pensamento” que se propunham a dar respostas aos “fatos”,

examinaremos brevemente, a seguir, essas duas vertentes (vale lembrar que o autor agrupou, com o vocábulo “misticismo”, o idealismo, a metafísica e o espiritualismo). Não é nosso propósito, porém, analisar detalhadamente tais tendências. Ao fazermos menções a elas desejamos, apenas, traçar um modesto e sucinto panorama do “clima” intelectual vivido por Reich no princípio de sua pesquisa; as pistas deixadas pelo autor em seus relatos autobiográficos continuarão sendo, aliás, uma importante referência para nós.

Mencionaremos, ainda, algumas descobertas no campo da Física que, no início do séc. XX, pressionaram no sentido de uma revisão de certos modelos clássicos. Esses novos referenciais certamente influenciaram os primórdios da produção de Reich, pois, nessa época, ele estava estudando “astronomia, eletrônica, a teoria quântica de Planck e a teoria da relatividade de Einstein” (REICH, 1942/1989, p.40).

Vejamos, portanto, algo sobre as tendências que o jovem Reich procurou metabolizar: o “misticismo”, o modelo maquínico e as importantes formulações que despontaram, na virada do séc. XIX para o séc. XX, no terreno da Física.

### 2.2.1 “Misticismo”

Na seção anterior (2.1) fizemos alusões à infiltração de valores metafísicos na pesquisa científica. Mas Reich não tinha em mente, apenas, incautos cientistas quando se referiu à força exercida pelo “misticismo”:

Para a maior parte dos animais humanos, o amplo campo das emoções, sensações, filosofias de vida e estilos práticos de vida está ancorado em poderes místicos, sobrenaturais, que estão universalmente baseados, de alguma forma, na idéia de uma entidade divina que existe para além do âmbito de todas as percepções sensoriais. Tal concepção contradizia o entendimento de que a vida humana emocional acha-se localizada *dentro* do

domínio dos processos naturais compreensíveis (REICH, 1950/1990c, p. 2; grifo do autor).

Assim como havia lhe acontecido com a idéia de “energia primária”, o jovem Reich calçou-se novamente em uma “convicção não verificada”: a de que “a vida emocional humana não é de origem sobrenatural” (REICH, 1950/1990c, p. 2). No transcorrer de sua obra, especialmente em períodos que estão fora da alçada desta dissertação, o autor esforçou-se em determinar as bases “físicas” dos processos emocionais; suas pesquisas levaram-no, então, a concluir que as emoções não se originam de esferas “sobrenaturais”, mas sim, de profundos processos bioenergéticos.

Entretanto, no início da década de 1920 tudo ainda era “muito confuso” para o jovem pesquisador. Apesar de sua convicção “não verificada” de que a vida emocional não brota de esferas extrafísicas, Reich sentia-se, também, “fascinado pela metafísica” (REICH, 1942/1989, p. 24). Inevitavelmente, acabou entrando em contato com concepções idealistas e espiritualistas.

Os filósofos italianos Giovanni Reale e Dario Antiseri comentam que “entre os séculos XIX e XX ocorreu na Europa uma reação ao positivismo que teve em suas primeiras fileiras toda uma gama de pensadores que podem muito bem ser reunidos sob o nome de *espiritualistas*” (REALE; ANTISERI, 1991, p. 693; grifo dos autores). Enquanto os positivistas mais radicais procuravam “reduzir os fatos humanos, *todos os fatos humanos, à natureza*” (REALE; ANTISERI, 1991, p. 693; grifos dos autores), os espiritualistas insistiam na singularidade da consciência humana e na autonomia da reflexão interior em relação às determinações mecânicas e materiais. Em uma época inebriada com o credo positivista da racionalidade científica – a idéia de que a ciência e seus métodos representam a

via privilegiada de acesso à Natureza, ao ser humano e à sociedade –, os espiritualistas chamavam atenção para a interioridade da consciência e apontavam os limites do saber científico. Insistiam, antes de tudo, na tese de que a “especificidade do homem exige instrumento de investigação desconhecido dos positivistas, ou seja, ouvir as vozes da *consciência* – ou, para falar com Plotino, ‘o retorno da alma a si mesma’” (REALE; ANTISERI, 1991, p. 694; grifo dos autores).

Os interesses do jovem Reich pela “metafísica” levaram-no a estudar a doutrina budista. Quando estava na Universidade, leu *Die Lehre des Buddha*, obra escrita por Georg Grimm (1868-1945), jurista e divulgador da doutrina budista na Alemanha. Em 30 de junho de 1921, o voraz leitor anotou em seu diário que o livro de Grimm era uma “grande experiência” (REICH, 1988, p. 172); sentiu-se especialmente intrigado, como relata em sua autobiografia científica de 1942, com “a lógica interna da teoria do Nirvana, que rejeitava o prazer por que era uma fonte de sofrimento” (REICH, 1942/1989, p. 26).

A doutrina da transmigração das almas ou metempsicose pareceu-lhe, no entanto, “ridícula”, mas não conseguia entender “por que milhões de pessoas aderem a tal crença. O medo da morte não me parecia razão suficiente” (REICH, 1942/1989, p. 26).

Nada leu sobre Rudolf Steiner (1861-1925), o fundador da Antroposofia, mas comenta que conheceu muitos teosofistas e antroposofistas: “Todos tinham alguma coisa de peculiar; por outro lado, eram geralmente mais entusiastas que os secos materialistas” (REICH, 1942/1989, p. 26).

Os “secos materialistas”, por sua vez, não estavam preocupados, certamente, com a metempsicose ou em “entender a lógica interna da teoria do Nirvana”; bastava-lhes, como elemento orientador, a “metáfora da máquina”.

### 2.2.2 O modelo maquínico

A Física era considerada, no início do século XX, a “rainha das ciências” e tornou-se modelo para vários ramos de pesquisa (Biologia, Psicologia etc.). Dois fatores inter-relacionados a haviam consagrado: a abordagem metodológico-experimental (cuja competência englobaria desde fenômenos subatômicos até eventos cosmológicos) e a descrição lógico-racional dos processos naturais (realizada por meio de uma linguagem – a científica – que se propunha a associar a concepção mecano-materialista e a análise matemática).

A elucidação da trajetória dos planetas no sistema solar, a construção de sofisticados aparatos mecânicos e eletrônicos e tantas outras realizações científicas e tecnológicas indicavam, de forma inquestionável, a solidez teórica da física do movimento da matéria. A pedra angular dessa ciência que ousou compreender as leis que regem os fenômenos materiais foi, como indica o físico Marcelo Gleiser, a mecânica newtoniana:

A obra monumental de Newton, *Philosophiae naturalis principia mathematica*, ‘Princípios matemáticos da filosofia natural’, ou *Principia*, foi publicada em julho de 1687. Nenhuma obra em toda a história da ciência teve um papel tão fundamental no desenvolvimento da visão de mundo pós-renascentista. Newton não só criou uma nova mecânica, baseada na ação de forças em corpos materiais, como também demonstrou que as mesmas leis físicas são aplicáveis ao estudo do movimento de objetos na terra ou nos céus. Usando um rigoroso método matemático, ele uniu permanentemente a física e a astronomia. Segundo a física newtoniana, qualquer movimento pode ser compreendido através de simples leis físicas, independentemente de onde o movimento ocorrer; existe apenas uma física, cujo domínio de validade estende-se até estrelas (GLEISER, 1998, p. 178-179).

Para os entusiastas da “filosofia mecanicista”, tais como o filósofo francês René Descartes, o universo nada mais seria do que um vasto e complexo sistema que se comporta como uma máquina. Por funcionar simplesmente a partir da relação causal entre suas partes – prescindindo, assim, de intencionalidade (vontade, alma) ou de potências extramateriais (deuses, forças espirituais) – a máquina foi erigida como modelo oficial e eficaz de uma ciência que pretendia fundamentar sua racionalidade em termos estritamente físicos. A todos os processos naturais, fossem eles animados ou inanimados, caberia como uma luva a metáfora da máquina e o princípio da causalidade física; nas palavras do astrônomo e matemático francês Marquês de Pierre Simon de Laplace (1749-1827): “Devemos, portanto, considerar o estado presente do universo como efeito de seu estado anterior e como a causa daquele que seguirá” (LAPLACE, 1814, citado em PATY, 2004, p. 472).

Não foram poucos, entretanto, os autores que apontaram sérios problemas epistemológicos e até mesmo uma certa arrogância na visão de mundo mecanicista. Em sua época de estudante universitário, Reich, como indicaremos no próximo capítulo desta dissertação, entrou em contato com a obra de autores que denunciavam a pretensão mecano-materialista de abarcar todo e qualquer domínio. Na década de 1940, ele mesmo apontou os limites do modelo maquinico, salientando o aspecto “funcional” – não-mecânico, espontâneo, auto-regulado – dos fenômenos naturais:

Todas as máquinas do mesmo tipo são idênticas até nos mínimos detalhes. Desvios são considerados falta de precisão. No que concerne à construção de máquinas, isso é perfeitamente correto. Mas tal princípio conduzirá ao erro se for aplicado aos processos da

natureza. A natureza é imprecisa. Ela não opera mecanicamente, mas funcionalmente (REICH, 1949/1973b, p. 83).

### 2.2.3 Novos paradigmas

No livro *Ether, God and Devil* (“Éter, Deus e o Diabo”), publicado em 1949, Reich comentou que sua obra se desenvolveu a partir da intersecção entre as “realizações científicas e humanistas do séc. XIX e início do séc. XX” e seus “interesses e estudos em ciência natural” (REICH, 1949/1973b, p. 8). O autor esteve, portanto, sob o impacto de uma série de questionamentos e revoluções que, entre as últimas décadas do séc. XIX e início do séc. XX, fizeram-se presentes nos campos da Ciência, Filosofia, Sociologia, Arte e Política. Essas reviravoltas colocavam em xeque uma certa visão de mundo que predominou em boa parte do séc. XIX, como analisa o historiador William Everdell:

A suavidade era uma das metáforas principais da época. As mentes do século XIX discordavam de quase tudo, exceto de o quanto os repugnava a aspereza. Entre uma coisa e outra, seja na tela de um pintor acadêmico ou nos mundos naturais ou sociais, havia sempre um *sfumato*, uma transição. Marx, Hegel e Darwin concordavam em que a mudança era, se não regular, ao menos suave. O movimento da dialética, a *Aufhebung* (elevação) do ser, a origem evolutiva de uma espécie, eram um espetáculo extraordinário, mas não catastrófico nem imprevisível. Era mais como o desenvolvimento perigosamente complexo, mas completamente harmônico de uma sinfonia de Brahms. Tal qual o balé clássico, seu andamento era o *legato*. O leitor de romances, ao imitar o narrador onisciente, poderia avaliar o chamado ‘desenvolvimento da personagem’ durante as centenas de páginas que imitavam o tempo real. [...] Um observador, aquele ‘observador objetivo’ com quem tantos pensadores do século XIX se identificavam, poderia assistir à revelação desses fenômenos com a garantia de que não seria esmagado (EVERDELL, 2000, p. 22).



O final do séc. XIX e as primeiras décadas do séc. XX viram despontar, porém, uma série de inéditas noções e visões de mundo. Em várias áreas do conhecimento, os até então sólidos referenciais – determinismo, linearidade, previsibilidade, mudança sempre gradual, máquina como metáfora – passaram a conviver, de maneira mais ou menos conflituosa, com “novos” conceitos: descontinuidade, fragmentação, probabilidade, complexidade, perspectivismo, ênfase na autonomia da subjetividade. Everdell, analisando o “colapso da continuidade ontológica”, comenta o “pensamento moderno” que tomou forma a partir das últimas décadas do séc. XIX:

[...] a teoria atômica na mecânica levou primeiro os cientistas e depois todos os tipos de pensadores à conclusão de que as visões estatísticas e probabilísticas da realidade eram mais verdadeiras que a antiga dinâmica determinista. Começando não pela ciência mas pela literatura e pela pintura [...] o pensamento moderno deixou a velha e obstinada convicção de que as coisas poderiam ser vistas ‘contínua e integralmente’, de um ponto de vista privilegiado, em um momento particular – ou, em outras palavras, por que Cézanne pintou o Mont Saint-Victoire de quase todas as perspectivas possíveis, exceto o cume. [...] Ao mesmo tempo, a crença na objetividade se esfacela de forma que a fenomenologia e o solipsismo começam a dominar não só a filosofia, mas a literatura, a política, a psicologia e, por último, até mesmo a física (EVERDELL, 2000, p. 23).

No campo das ciências físicas, as idéias de Newton, até então tidas quase como um dogma, começaram a ser reavaliadas. Quando a pesquisa científica, nas primeiras décadas do séc. XX, passou a investigar o plano subatômico, com suas impensáveis escalas de frações de segundos e milímetros, os físicos constataram que a mecânica newtoniana revelava-se se não ineficaz, ao menos insuficiente. Nesse estranho mundo do “infinitamente pequeno” elétrons podem mudar de

órbita efetuando “saltos quânticos”, infringindo, assim, o modelo da mecânica celeste; os elétrons, concluiu a Mecânica Quântica, não se comportam como os planetas que descrevem trajetórias contínuas e permanentes em torno do Sol. Se é possível identificar, com grande precisão, a posição e a velocidade de um planeta do sistema solar, tal procedimento não parecia se adequar ao domínio subatômico. Feynman é enfático ao afirmar que as leis de Newton (“as regras mecânicas da ‘inércia’ e das ‘forças’”) não são válidas para a realidade quântica. Quando se investiga experimentalmente o mundo dos átomos não se pode determinar, ao mesmo tempo, “onde algo está e com que velocidade se move” (FEYNMAN, 2004, p. 74); pode-se conhecer ou a posição, ou a velocidade de uma partícula elementar. Observou-se, também, que um “objeto” subatômico se comporta, em função do tipo de experiência utilizada para estudá-lo, ora como onda, ora como partícula material. Tratando-se do domínio subatômico o que se pode medir “é o estado em que o sistema está *após a interação com o aparelho de medição*”, posto que o pesquisador “normalmente destrói o estado em que o sistema estava antes da medição” (SILVER, 2003, p. 560; grifo do autor).

No domínio do “incrivelmente vasto”, onde as distâncias são medidas em inimagináveis anos-luz, os paradigmas clássicos também se revelaram limitados, principalmente no que se refere às noções de espaço e tempo. O espaço, de acordo com a física newtoniana, existiria independente da matéria que o compõe; e o tempo transcorreria uniformemente, continuando a existir mesmo que não houvesse qualquer acontecimento físico (NEWTON, 1687/2002). Einstein, porém, demonstrou que “espaço” e “tempo” não são entidades separadas, fixas e absolutas; na verdade acham-se, segundo o célebre físico, intimamente associadas na forma do “espaço-tempo” – a estrutura geométrica de quatro dimensões que

funde o espaço tridimensional clássico (euclidiano) e a coordenada temporal. De acordo com a Teoria da Relatividade Geral, finalizada em 1915, “as propriedades geométricas do espaço não são independentes da matéria, mas são por ela condicionadas” (EINSTEIN, 1916/2003, p. 92); assim, uma estrela muito densa pode produzir uma “deformação” no espaço e no tempo, dando origem a uma “curvatura” na estrutura espaço-temporal.

O jovem Reich, como já mencionamos, estava atento a esses novos conceitos: “[...] estudei astronomia, eletrônica, a teoria quântica de Planck e a teoria da relatividade de Einstein. Heisenberg e Bohr tornaram-se conceitos vivos” (REICH, 1942/1989, p.40). A presença das novas descobertas no campo da Física pode ser observada em um breve comentário feito por Reich em “Zur Triebenergetik” (*Sobre a energética das pulsões*), artigo que publicou em 1923.<sup>7</sup> Apontando as limitações do paralelismo psicofísico, mas reconhecendo que tal doutrina deveria ser tomada dentro de um certo âmbito de validade, o autor estabeleceu um elo com a teoria da relatividade:

[a teoria do paralelismo psicofísico] é uma boa hipótese de trabalho, a despeito do fato de que se deve ter sempre em mente que se opera, aqui, da mesma maneira que com a teoria atômica em Física. As leis fundamentais da geometria euclidiana foram uma base fecunda para todas as realizações técnicas modernas; nada parecia mais sólido, mais bem verificado ou mais inabalável do que elas. Entretanto, o espírito crítico de Einstein conseguiu refutá-las. (REICH, 1923/1976, p. 157).

---

<sup>7</sup> Este artigo será detalhadamente analisado no quarto capítulo desta dissertação.

### 2.3 IMPASSES

Apresentamos, nas seções 2.1 e 2.2, um breve panorama científico-epistemológico. Procuraremos, agora, abordar a questão da “energia primária” – a hipótese que Reich aventou por volta de 1919-20 – em relação à ciência da época e apontar os dilemas epistemológicos herdados pelo autor.

Como o próprio Reich reconheceu, a idéia de uma energia básica e livre-de-massa não se coadunava com os rumos teóricos e experimentais que a Física vinha adotando no final do séc. XIX e início do séc. XX. A suposição reichiana de um processo energético primordial – “não é a matéria, mas sim a energia que é primária” – poderia, de fato, ser confundida com especulações metafísicas centradas no conceito de “substância”. Ao que tudo indica, o meio científico não estava interessado em cogitações a respeito de uma “realidade” que é anterior à matéria (ou à equivalência massa-energia) e que dá nascimento a entidades materiais; certamente, pouca atenção seria dada à hipótese de que “a massa precisa, de alguma maneira, ser derivada da energia” (REICH, 1996a, p. 13). Além disso, Reich, contrapondo-se a uma forte tendência na Física, não concebia sua “energia” exclusivamente como um princípio matemático abstrato ou uma relação de equivalência numérica; ao se referir à energia ele tinha em mente, sem dúvida, algo concreto: uma “entidade física” ou “fenômeno natural”.

A energética radical de Ostwald, por sua vez, pouco tinha a ver com as intuições reichianas. Ao simplesmente trocar os sinais – ao invés da “matéria” é a “energia” que se torna o fundamento de tudo –, o cientista alemão manteve-se preso a uma polaridade. A hipótese de Reich remetia a uma relação hierárquica – um nível primário (a “energia”) e, parece-nos lícito deduzir, um secundário (a “matéria”) –, não a uma disputa entre entidades físicas. De mais a mais, a

orientação idealista de Ostwald (os fenômenos do mundo podem ser representados energeticamente porque a consciência imprime “energeticidade” aos eventos externos) não poderia decerto repercutir no jovem universitário que “rejeitava qualquer concepção metafísica da natureza” (REICH, 1950/1990c, p. 4).

Nem mesmo o “éter luminífero”, considerado por alguns cientistas como o estofo que daria origem à matéria, adequava-se às especulações reichianas. Refém da concepção mecanicista, o “vento do éter” foi concebido como um ambiente material ou, no máximo, como um tipo especial de substância. As cogitações de Reich, no entanto, apontavam para uma energia livre-de-massa que pode formar matéria, não para um meio mecânico e estático que gera, ele próprio, unidades materiais.

No campo da Teoria do Conhecimento, Reich foi testemunha direta, como pudemos ver, de uma série de impasses. Sua formação de cunho epistemológico recebeu forte influência, sem dúvida, dos profícuos debates que foram travados, nas primeiras décadas do séc. XX, por correntes rivais: fenomenalismo  $\times$  mecanicismo (os modelos teóricos podem ser elaborados livremente ou devem se sujeitar aos dados dos sentidos?); espiritualismo  $\times$  positivismo (a vida anímica é totalmente redutível aos parâmetros e métodos científicos?). E extraiu, dessa experiência, seu primeiro *insight* metodológico: o procedimento de diferenciar fatos de teorias sobre os fatos. Reich tinha consciência de que, se a apreensão dos fenômenos remete ao universo sensorial, sua explicação está condicionada a visões de mundo que jamais são neutras.

Ao mesmo tempo em que procurava metabolizar os dilemas epistemológicos de sua época, o autor se esforçava em assimilar os desconcertantes referenciais que irrompiam na Física. Na verdade, grande parte da comunidade científica

tentava se localizar entre o legado newtoniano e as descobertas da Teoria da Relatividade e da Mecânica Quântica. Os inéditos e muitas vezes complexos paradigmas (distorção tempo-espaço, saltos quânticos, entre tantos outros) não tornavam simples a tarefa de relacioná-los entre si ou de integrá-los ao conhecimento científico tradicional e bem estabelecido. O espírito da época, como analisou o pintor abstrato Wassily Kandinsky (1866-1944), apontava para “princípios que desmoronam, rufar de tambores inesperados, grandes perguntas, buscas aparentemente despropositadas [...]” (KANDINSKY, 1910/1991, p. 169).

Foi nesse clima marcado pelo surgimento, nos campos científico e social, de insuspeitados paradigmas e profundos questionamentos epistêmicos que Reich formulou, no começo de sua produção, a hipótese de uma “energia primordial”. Hipótese que, no entendimento do jovem pesquisador, não estava associada à metafísica e, como procuramos demonstrar, também não se encaixava na concepção mecano-materialista de energia, na ciência da Energética ou nas teorias que especulavam sobre o éter luminífero. De mais a mais, a “força primordial” que o jovem pesquisador tinha em mente, dada sua incompatibilidade com a doutrina mecano-materialismo e com as concepções metafísicas, deveria apresentar um “comportamento” bastante singular.<sup>8</sup>

A hipótese reichiana de uma “energia primária” não cabia, em suma, no pensamento científico dominante do início do séc. XX. Por outro lado, Reich pouco tinha a oferecer, em termos de argumentação científica rigorosa, quando elaborou, aos vinte e dois ou vinte e três anos de idade, suas primeiras cogitações energetistas; ele podia certamente se entregar a especulações, mas não dispunha,

---

<sup>8</sup> Nos próximos capítulos desta dissertação veremos que Reich, de fato, não apenas teve sua atenção dirigida, no princípio de suas investigações, para questões de índole energética, como também, interessou-se profundamente pela lógica de funcionamento dos processos energéticos.

na época, de recursos práticos e metodológicos que lhe permitissem testar suas suposições nos domínios microscópico ou cósmico.

Tais impeditivos não fizeram, porém, com que Reich desistisse da intuição da energia. Se a investigação estritamente física achava-se, naquele momento, fora de sua alçada (ele podia, no máximo, inteirar-se da literatura técnica), a “energética do vivo” ou, mais especificamente, a energética do humano poder-lhe-ia ser, porém, mais acessível. Na condição de estudante universitário e depois, como médico, Reich saiu em busca, no princípio de sua obra, de teorias que contemplassem a dimensão energética no terreno mais amplo da Vida e no mais restrito, da experiência humana. Deparou-se, assim, com uma série de concepções filosóficas e científicas, concepções essas que alimentaram suas primeiras reflexões sobre a “energética do vivo” e seus incipientes questionamentos de cunho metodológico.

A influência dessas teorias, na aurora da produção reichiana, é o tema de nosso próximo capítulo.

### 3. EM BUSCA DE RESSONÂNCIAS

“Antes de me tornar membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, em outubro de 1920, eu havia adquirido amplos conhecimentos, tanto nos campos da Sexologia e da Psicologia, quanto nos campos da Ciência Natural e Filosofia Natural. [...] Intelectualmente esfomeado depois de quatro anos de ociosidade na Primeira Guerra Mundial, e dotado com a habilidade de aprender rápida, ampla e sistematicamente, mergulhei em todas as coisas interessantes que cruzaram meu caminho”.

W. Reich - 1942, *The function of orgasm*.



No capítulo anterior, tomamos como ponto de partida a suposição formulada por Reich, aproximadamente em 1919-20, a respeito de uma “energia primária”. Averiguando, no campo da História da Ciência, o período compreendido entre o final do séc. XIX e início do séc. XX, procuramos estabelecer contrastes entre a hipótese reichiana e alguns postulados provenientes da Física, especialmente a noção de energia, as concepções professadas pela corrente do Energetismo e a teoria do éter luminífero. Retomamos, também, os *insights* que surgiram a Reich, no nascimento de sua obra, em relação ao “misticismo” e à doutrina do mecano-materialismo. E com o propósito de nos familiarizarmos com as concepções que, no começo da década de 1920, influenciaram a formação intelectual do autor, apontamos aspectos da Mecânica Quântica e da Teoria da Relatividade.

No início de seu trabalho, Reich não se limitou, porém, a especular sobre processos energéticos “básicos” que atuariam no domínio inorgânico. Ele também se interessou, profundamente, pela possível existência de “forças” singulares que se manifestariam, em uma esfera mais ampla, nos organismos vivos e, em um âmbito mais restrito, no funcionamento psico-corporal humano.

Neste terceiro capítulo, propomo-nos a examinar as teorias em que Reich se apoiou e as conclusões a que chegou, na aurora de sua pesquisa, ao refletir sobre uma específica “energética do vivo”. Buscando rastrear a conexão teoria-método, continuaremos indicando não apenas as reflexões energetistas do jovem pesquisador, mas também, seus questionamentos de caráter epistemológico.

Em um primeiro momento, averiguaremos duas vertentes teóricas que influenciaram significativamente os primórdios da obra reichiana: as formulações que defendiam a existência de “forças” ou “princípios” não-mecânicos inerentes à própria vida, e o conceito freudiano de “energia sexual”. Em seguida, retomaremos dois outros temas epistemológicos que chamaram atenção de Reich no princípio de seu trabalho: a possível associação entre os âmbitos qualitativo e quantitativo, e o problema da infiltração de conceitos finalistas e mecanicistas na investigação científica. Por fim, analisaremos algumas implicações decorrentes de o autor ter adotado, desde a origem de sua produção, a energética como elemento central da dinâmica do vivo.

### 3.1 EXCITABILIDADE DA SUBSTÂNCIA VIVA

Ao contabilizar cerca de três décadas de pesquisas, Reich coordenou um levantamento bibliográfico de sua obra. Disso resultou, em 1953, um *Biographical Material* em que se lê, em uma de suas introduções, que a pesquisa reichiana, desde os seus primórdios, referenciou-se pelo “tema da função bioenergética da excitabilidade e motilidade da substância viva” (*WILHELM REICH: BIOGRAPHICAL MATERIAL*, 1953, p. 1).

Já na época em que cursava medicina, o autor demonstrou grande simpatia pela idéia de que o ser vivo está sob a ação de uma “energia específica”, distinta dos processos energéticos até então conhecidos e diretamente responsável pelas funções de “excitabilidade” e “motilidade”. Em 1948, Reich expressou, a esse respeito, uma opinião, ou melhor, uma diretriz que ele começara a maturar na década de 1920; em *The Cancer Biopathy* (“A biopatia do câncer”), o autor afirma claramente que a questão central da Biologia,

diz respeito à origem dos impulsos internos no organismo vivo. Não há dúvidas de que o vivo distingue-se do não-vivo pela origem interna dos impulsos motores. O impulso motor interno apenas pode ser atribuído a uma *energia* que age dentro do organismo (REICH, 1948/1973c, p. 29; grifo do autor).

No começo de sua obra, Reich foi influenciado por dois campos de pesquisas que, de diferentes maneiras, faziam menções a “forças” específicas. Ao estudar alguns trabalhos provenientes da Biologia e da Filosofia, ele refletiu atentamente sobre as teorias vitalistas que postulavam a existência de uma “potência criadora” inerente ao fenômeno “vida”; ao entrar em contato com a Psicanálise, chamou-lhe profundamente a atenção o conceito freudiano de “energia sexual”.

Analisaremos, a seguir, o impacto da orientação vitalista na formação intelectual do jovem Reich (a aproximação que o autor estabeleceu com a teoria psicanalítica, será abordada em outro tópico). Inicialmente procuraremos averiguar os efeitos, na reflexão reichiana da década de 1920, dos trabalhos produzidos por dois biólogos vitalistas: Hans Driesch e Paul Kammerer. Depois, apontaremos as impressões de Reich a respeito de um certo conjunto de idéias professadas por Henri Bergson, outro pensador “vitalista” que influenciou significativamente o começo do trabalho reichiano.

### 3.1.1 Forças e princípios biológicos específicos

No começo do séc. XX as ciências da vida estavam em busca de respeitabilidade – o que, na prática, significava adotar as descobertas e métodos consagrados pela Física. Desde a segunda metade do séc. XIX, muitos biólogos e médicos vinham defendendo, convictamente, a tese de que a matéria viva está submetida às mesmas determinações físicas e químicas que regem o mundo

inanimado. Mesmo a complexa vida anímica estaria prestes a revelar seus mais profundos mistérios – bastaria, para isso, que a pesquisa científica desvendasse os processos físico-químicos intra-cerebrais. O ato de pensar, afirmavam resolutamente alguns pesquisadores materialistas, nada mais expressaria do que uma secreção do cérebro.

Nem todos os cientistas e filósofos viam com bons olhos, porém, a aplicação direta, no terreno da vida, de leis e métodos extraídos do estudo do não-vivo. Ernest Mach, um autor que já mencionamos aqui, foi um desses pesquisadores que criticou a transposição simplista dos paradigmas da Física para as ciências da vida ou, mais especificamente, para a “fisiologia dos sentidos”:

Os imensos sucessos obtidos pela física básica no decorrer dos últimos séculos, em seu próprio domínio e no das disciplinas científicas para as quais ela pôde contribuir, fizeram com que os modos de pensamento e os métodos propriamente físicos se impusessem de uma maneira geral, e à sua aplicabilidade foram atribuídas, desde então, grandes esperanças. Paralelamente a esse processo, a fisiologia dos sentidos [...] tomou um caráter quase que exclusivamente físico. Tal orientação não nos parece muito apropriada ao objeto daquela ciência, se considerarmos que a física, apesar de seu expressivo desenvolvimento, é apenas uma *parte* do mais vasto conjunto do conhecimento e que ela é incapaz – com seus meios intelectuais próprios, concebidos para fins *específicos* – de dar conta daquela disciplina (MACH, 1922/1996, p. 7; grifo do autor).

Reich, até onde sabemos, não fez referências explícitas a Mach em suas obras.<sup>9</sup> Mas, nos primeiros anos de sua produção, ele estudou atentamente outros autores que criticavam a aplicação simplista dos princípios da Física às ciências da

---

<sup>9</sup> A única menção conhecida encontra-se em *Die Bione* (“Os bions”), estudo que Reich publicou, em 1938, com o objetivo de descrever suas pesquisas no campo da biogênese. Na listagem bibliográfica desse livro, Reich cita a obra *Erkenntnis und Irrtum* (“Conhecimento e erro”), publicada por Mach em 1905.

vida; ao mesmo tempo, inteirou-se do debate que vinha sendo travado entre mecanicistas e vitalistas.

Entre o séc. XVIII e o início do séc. XX, surgiram diversas proposições de índole vitalista, em distintas áreas do conhecimento (Filosofia, Medicina, Biologia). Ora mesclando-se a conceitos teológicos, ora elaborando argumentos de cunho filosófico, ora procurando fundamentação na experimentação científica, o “vitalismo”, ainda que não possa ser considerado uma corrente homogênea, preocupou-se essencialmente com a singularidade do fenômeno “vida”. O “vitalismo” insere-se, assim, em uma antiga linha de reflexões, como analisa o filósofo Hee-Jim Han:

O que é a vida? O problema da natureza da vida ou, caso se prefira, do vivente, é um desses problemas sobre o qual se pode afirmar, sem dificuldades, que chamou atenção dos filósofos, médicos e naturalistas desde os primeiros tempos da civilização humana. Ele produziu uma grande variedade de teorias: do materialismo absoluto que explica tão-somente pela matéria o conjunto dos fenômenos vitais — inclusive as atividades intelectuais e voluntárias — até o animismo mais puro, que faz intervir a alma espiritual em cada uma das operações orgânicas, passando pelo dualismo platônico, o hilomorfismo aristotélico e escolástico e o mecanicismo cartesiano, para mencionar apenas as principais doutrinas relativas a este tema, no decorrer da história do pensamento. A vida é também o conceito central do vitalismo (HAN, 2004).

Os vitalistas que desenvolveram trabalhos entre o séc. XVIII e as primeiras décadas do séc. XX, questionaram amplamente a aplicação, ao estudo da vida, de conceitos e métodos originários das ciências do inorgânico. De uma forma geral, pode-se dizer que esses vitalistas preocuparam-se em analisar as relações — ou oposições — existentes entre o fenômeno “vida” e os processos mecânicos e físico-

químicos. Também foi comum, às diversas formas de vitalismo, a crença de que os organismos vivos são regidos por um “fator intrínseco” especial (“força vital”, “potência prospectiva”, entre outros), inalcançável pelas teorias mecanicistas. Enfatizando a singularidade dos processos vitais autônomos e opondo-se à idéia de que o organismo vivo representa, simplesmente, a soma mecânica de suas partes, o vitalismo, como analisou o filósofo e epistemólogo francês Georges Canguilhem (1904-1995), “é a expressão da confiança do vivente na vida, da identidade da vida consigo própria no humano vivente, consciente de viver” (CANGUILHEM, 1952). Os vitalistas, em suma, “davam mais preferência à teleologia do que à causalidade, às influências internas do que às influências externas, ao holismo do que ao atomismo” (VUCINICH, 1989, p.169).

Desde o início de sua obra, Reich, como comentamos logo acima, interessou-se profundamente por Biologia. Cada “nova aquisição de conhecimento”, no decorrer de seus estudos acadêmicos e extracurriculares, era continuamente permeada pela complexa e intrigante questão “O que é a vida?”. Em sua autobiografia científica de 1942, o autor relembra, ainda, que “a vida era caracterizada por uma notável racionalidade e intencionalidade de ações involuntárias, instintivas” (REICH, 1942/1989, p. 22).

Entre 1919 e 1921, Reich inteirou-se do “problema do vitalismo” ao estudar alguns trabalhos publicados por Hans Driesch (1867-1941), conceituado biólogo e, também, filósofo. Fervoroso defensor do vitalismo (ou de um “neovitalismo”), Driesch fundamentou suas idéias em sistemáticos experimentos laboratoriais, diferenciando-se, assim, de um autor como Bergson, um “vitalista” que, como veremos adiante, valeu-se da produção científica, mas desenvolveu suas reflexões estritamente na esfera da Filosofia.

Um dos pioneiros no campo da embriologia experimental, Driesch convenceu-se, no decorrer de suas pesquisas, que a matéria viva apresenta uma acentuada autonomia, não redutível aos fatores físico-químicos formulados pelas ciências do inorgânico. O vitalismo, de acordo com o biólogo, reconhece e deve comprovar experimentalmente a existência de “processos vitais autônomos” de caráter não-mecânico (DRIESCH, 1914).

Em um de seus experimentos, Driesch, em 1891, isolou as duas células resultantes da primeira divisão de um zigoto de ouriço-do-mar, fazendo com que se desenvolvessem separadamente. Pesquisas da época sugeriam que cada uma das células daria origem a um organismo incompleto; não foi isso, porém, o que o biólogo constatou – ele viu surgir, em seu laboratório, dois embriões de ouriços que, embora menores do que o tamanho usual, eram organismos completos. Em outra experiência, Driesch aguardou que a divisão celular chegasse a quatro células e, então, destruiu três delas; a célula remanescente resultou, como no experimento anterior, em um embrião menor, mas inalterado em sua estrutura básica (QUIRK, 1990; HAMMOND, 2003).

Driesch acreditava que os experimentos por ele conduzidos comprovavam inequivocamente que o modelo maquinico não é suficiente para se compreender o sistema vivo, “posto que o desenvolvimento deste sistema transcorre normalmente ainda que se suas partes sejam rearranjadas ou parcialmente removidas, e posto que uma máquina nunca permanece a mesma em tais casos” (DRIESCH, 1908, p. 241). Convicto de que “há algo no comportamento do organismo [...] que se opõe a uma resolução inorgânica dele, e que mostra que o organismo vivo é mais do que uma soma ou um agregado de suas partes” (DRIESCH, 1908b, p. 338), o biólogo tornou-se um veemente defensor da tese vitalista de que os fatores mecânicos e

físico-químicos, ainda que imprescindíveis na dinâmica do organismo, não são capazes de criar, por si próprios, funcionamentos vitais autônomos. À dimensão físico-química dos seres vivos deveria se associar, insistiu o biólogo, um “agente não-mecânico”. Inspirando-se na filosofia aristotélica, Driesch nomeou esse “princípio interno” como “enteléquia”.

Aristóteles (384-322 a.C.) havia utilizado a expressão *entelécheia* para designar “atividade, energia agindo para certo fim, energia agente e eficaz” (CHAUI, 1994, p. 348); a “alma”, no entendimento do filósofo grego, é a “enteléquia de um corpo orgânico”. Em homenagem a Aristóteles, “o primeiro vitalista da história” (DRIESCH, 1908, p. 144), o biólogo alemão reutilizou o termo “enteléquia” para indicar, no contexto de suas pesquisas, um princípio teleológico que organiza e direciona o desenvolvimento da matéria viva – “a tarefa da enteléquia é a de construir o organismo como um corpo estruturado de estilo típico: ‘enteléquia’ significa a faculdade de produzir uma *forma essentialis*” (DRIESCH, 1908b, p.149). Atuando na morfogênese e no controle dos “órgãos motores”, nos processos metabólicos e na vida instintiva, a enteléquia tenderia a “garantir a especificidade da forma e da função” (DRIESCH, 1908b, p. 119).

Em *The science and philosophy of the organism* (“A ciência e filosofia do organismo), trabalho redigido em inglês pelo biólogo e publicado em 1908, Driesch afirma que a enteléquia não encontra qualquer paralelo no mundo inorgânico e é irreduzível a elementos físicos e químicos. Esse “agente teleológico autônomo” estaria apto, porém, a “fazer uso dos recursos materiais em cada morfogênese individual” (DRIESCH, 1908, p. 295), pois “cada parte dos sistemas orgânicos foram colocados pela enteléquia onde precisam ser colocados para agir adequadamente a serviço do todo, mas a parte em si mesma age como parte de uma máquina”



(DRIESCH, 1908b, p. 150). A entelúquia seria desprovida, também, de qualquer espacialidade, embora seu campo de atuação fosse, paradoxalmente, o espaço e o tempo. Muitas vezes definindo a entelúquia pelo que ela não é, o biólogo afirma que esse “fator” não é um processo físico-químico, nem um tipo de energia, nem uma “força vital”, nem uma constante. Irredutível a termos espaciais, extensivos e quantitativos, a entelúquia não é “nem causalidade, nem substância, no verdadeiro sentido destas palavras” (DRIESCH, 1908b, p. 338).

Referindo-se aos biólogos que o influenciaram no início de sua obra, Reich, em um de seus diários, anotou em 20 de novembro de 1943: “[...] sou discípulo e admirador dos grandes mestres que estudei em 1920: Driesch, Loeb, Üexküll, Hertwig, Semon e outros” (REICH, 1999, p. 206).<sup>10</sup> Em 1938, ao fazer uma revisão das disputas travadas entre vitalistas e mecanicistas, Reich destacou a dimensão teleológica presente na teoria drieschiniana e lembrou que, no entendimento do biólogo alemão, “ainda que uma célula seja uma parte, ela pode se desenvolver em direção ao todo, indicando a ‘potência prospectiva’ da matéria orgânica; nas palavras de Driesch, um organismo é um ‘sistema equipotencial harmônico’” (REICH, 1938/1979b, p. 156). Mas foi em sua época de estudante universitário que Reich estabeleceu o primeiro contato com as idéias do biólogo-filósofo. Após estudar, entre 1919 e 1921, dois livros publicados por Driesch – *Philosophie des Organischen* (“A filosofia do orgânico”) (1909) e *Ordnungslehre* (“Teoria da ordem”) (1912) –, Reich chegou às seguintes conclusões:

---

<sup>10</sup> Mais adiante, faremos uma pequena referência a Loeb e, no próximo capítulo, resgataremos algumas idéias formuladas por Semon. O biólogo Johannes Von Üexküll (1864-1944) também sustentava que os princípios derivados do mundo inorgânico eram de pouca utilidade para os “cientistas que vêem o elemento essencial da Biologia nos processos vitais em si mesmos, e não em sua redução à química, física e matemática (UEXKÜLL, 1921, citado em REICH, 1948/1973c, p. 30). Quanto ao biólogo alemão Richard Hertwig (1850-1937), Reich menciona que ele foi o primeiro cientista a “investigar e formular a relação entre o núcleo e o plasma, em sua célebre relação ‘núcleo-plasma’” (REICH, 1948/1973c, p. 225).

Era evidente que a concepção mecanicista da vida, que também imperava em nossos estudos de medicina, não conseguia dar explicações satisfatórias. Os argumentos de Driesch pareceram-me incontestáveis. Ele afirmava que, na esfera da vida, o todo podia se desenvolver da parte, enquanto uma máquina não podia ser formada a partir de um parafuso. Por outro lado, não era convincente o uso que fazia do conceito de ‘enteléquia’ para explicar o funcionamento da vida. Tive a impressão que se eludia um enorme problema com uma palavra (REICH, 1942/1989, p. 23).

O autor não podia aceitar “o transcendentalismo do princípio vital” (REICH, 1942/1989, p. 23) e julgava que a inacessibilidade científica da enteléquia acabou fazendo desse conceito “uma contribuição para a metafísica” (REICH, 1948/1973c, p. 9). Cassirer expressou opinião semelhante: “[Driesch] é o típico metafísico da Biologia que, no fundo, apenas se propõe a encontrar nela uma resposta para os *problemas do ser*, não do *vir a ser*” (CASSIRER, 1993, p. 213; grifos do autor).

Cabe supor, porém, que a ênfase dada por Driesch aos “processos vitais autônomos” alimentou o interesse de Reich, evidente em toda a sua obra, pelos movimentos “espontâneos” e instintivos da matéria viva. Desde os primórdios de seu trabalho, Reich deu grande atenção aos processos biológicos involuntários, procurando estabelecer relações entre o funcionamento do Sistema Nervoso Autônomo e os processos de excitação sexual (REICH, 1927/1980a). O biólogo alemão também foi, para Reich, um exemplo de pesquisador que buscou vincular pesquisa científica e crítica epistemológica. Ainda que as idéias de Driesch resvalassem na metafísica, o biólogo-filósofo, ao se valer de investigações experimentais para produzir reflexões de cunho epistemológico, acabou demonstrando “que não é possível construir uma ciência natural fecunda sem um

contato constante com a *teoria do conhecimento*” (CASSIRER, 1993, p. 213; grifo do autor).

Os pesquisadores que buscavam reduzir os fenômenos vitais apenas a processos mecânicos e físico-químicos não podiam, porém, aceitar a existência de uma misteriosa e experimentalmente inalcançável “enteléquia”. Jacques Loeb (1859-1924), biólogo que Reich reconheceu como um de seus “grandes mestres” da década de 1920, rejeitava a existência, nos processos vivos, de qualquer “fator de forma” ou princípio teleológico. Defensor da pesquisa de orientação físico-química, Loeb, em 1912, ponderou:

Os conteúdos da vida, do berço ao esquife, são desejos e esperanças, esforços e lutas, e também, infelizmente, frustração e sofrimento. E essa vida interior deve ser condescendente com a análise físico-química? Apesar do abismo que nos separa atualmente de um tal objetivo, acredito que isso é possível. Enquanto o fenômeno da vida não encontrar uma postulação físico-química, ele geralmente mostrar-se-á inexplicável (LOEB, 1912).

Mesmo entre os vitalistas havia quem manifestasse ressalvas às idéias de Driesch; Reich, aliás, teve contato direto com um desses pesquisadores. Paul Kammerer (1880-1926), professor de Reich na Universidade de Viena, também era um reconhecido biólogo vitalista. Ilse Ollendorff, terceira esposa de Reich, menciona que o marido “se recordava, com especial prazer, das aulas de biologia ministradas pelo professor Paul Kammerer, ao que honrou com seu contínuo interesse pela Biologia” (OLLENDORFF DE REICH, 1978, p. 33). O próprio Reich, na maturidade de sua obra, referiu-se a Kammerer como um “biólogo extremamente talentoso”; expressando sua “gratidão científica” para com o pesquisador, ele escreveu, por volta de 1947-48, em um de seus textos de caráter metodológico:

“Frequentei as aulas de Kammerer quando eu era um jovem estudante de medicina e o funcionalismo de sua biologia causou em mim, obviamente, uma profunda impressão” (REICH, 1992, p. 8).

Kammerer era, como lembrou seu ex-aluno, um “convicto defensor da organização natural da vida a partir da matéria inorgânica, e da existência de uma energia biológica específica” (REICH, 1942/1989, p. 26). Na opinião do biólogo austríaco, havia boas razões para se especular sobre uma “energia formadora” destituída de qualquer propriedade extra-física e distinta das energias conhecidas.

Revisando as idéias dos vitalistas em *The Cancer Biopathy*, Reich cita um trecho da obra *Allgemeine Biologie*, publicada por Kammerer em 1915:

Se, transgredindo os limites do aceitável, eu precisasse finalmente afirmar o que julgo ser o mais verossímil —uma crença científica não comprovada e, até o momento, não passível de comprovação—, teria então que dizer: a existência de uma *força vital específica* parece-me inteiramente plausível! Uma energia que não é calor, eletricidade, magnetismo, energia cinética (inclusive oscilação e radiação), nem energia química, nem um amálgama de algumas ou de todas essas energias, mas uma energia que pertence especificamente àqueles processos naturais que chamamos ‘vida’. O que não significa que sua presença se restrinja àqueles corpos naturais que chamamos de ‘seres vivos’, mas que ela também se faz presente, pelo menos, no processo de formação dos cristais. Por isso, uma designação mais adequada para ela, a fim de se evitar mal-entendidos, poderia ser ‘energia formadora’ ao invés de ‘energia vital’. Essa ‘energia formadora’ não apresenta qualquer propriedade suprafísica, embora nada tenha em comum com as energias físicas conhecidas até o momento. Não seria uma misteriosa ‘enteléquia’ (Aristóteles, Driesch), mas sim, uma ‘energia’ natural autêntica, associada aos fenômenos da vida, da criação e da modificação de formas, assim como a energia elétrica está associada aos fenômenos elétricos e a energia química às transformações químicas. Acima de tudo, estaria sujeita à lei de conservação de energia e, sob certas circunstâncias, poderia se

converter em outras formas de energia, assim como, por exemplo, o calor pode ser convertido em energia cinética e vice-versa (KAMMERER, 1915, citado em REICH, 1948/1973c, p. 9; grifo do autor).<sup>11</sup>

Ainda que não houvesse plena concordância entre os adeptos do vitalismo (Kammerer, como se vê logo acima, diferenciou suas especulações da “misteriosa ‘enteléquia’” postulada por Driesch), o jovem Reich acreditava que os biólogos vitalistas estavam mais próximos da verdadeira dinâmica do vivo do que os mecanicistas radicais. No entanto, sentia-se desconfortável em relação ao caráter marcadamente hipotético das teorias vitalistas (REICH, 1942/1989).

### 3.1.2 Energia criadora

Não foi apenas no campo da Biologia que Reich procurou respostas à questão “O que é a vida?”. Em sua busca intelectual, ele recorreu, também, a escritos de caráter filosófico, tendo sido especialmente influenciado pelo pensador francês Henri Bergson (1859-1941), Prêmio Nobel de Literatura de 1927. O impacto da filosofia bergsoniana nas pesquisas científicas e metodológicas de Reich foi considerável, e ecoou de diferentes maneiras por toda a sua obra. Como indica Paulo Albertini, professor no Instituto de Psicologia da USP, chama atenção o fato de que, ao se estudar a obra de Bergson, “a compreensão do sistema teórico reichiano parece tornar-se mais fácil, mais profunda, mais empática” (ALBERTINI, 1994, p. 91).

Em sua época de universitário, Reich era visto como “um bergsoniano louco”. Sua simpatia pelo pensamento de Bergson levou-o a empreender um “estudo extremamente cuidadoso” de três livros publicados pelo filósofo: *Essai sur les*

---

<sup>11</sup> A versão norte-americana de *The cancer biopathy* (REICH, 1948/1973c) foi, aqui, cotejada com a tradução francesa da obra, *La biopathie du cancer* (REICH, 1948/1975d).

*données immédiates de la conscience* (“Ensaio sobre os dados imediatos da consciência”), *Evolution créatrice* (“Evolução criadora”) e *Matière et mémoire* (“Matéria e memória”) (REICH, 1942/1989, p. 23). Em *Evolution créatrice*, Reich encontrou a noção de *élan vital*; de acordo com o pensador francês, esse ímpeto original da vida atua diretamente no processo evolutivo e,

[...] passa de uma geração de germes à geração sucessiva de germes, por meio dos organismos desenvolvidos que formam o traço de união entre os próprios germes. Este *élan* que se conserva nas linhas de evolução entre as quais se divide, é a causa profunda das variações, pelo menos daquelas que se transmitem regularmente, que se adicionam, que criam novas espécies. [...] O *élan vital* de que falamos consiste, em suma, em uma exigência de criação. Ele absolutamente nada pode criar, pois encontra diante de si a matéria, isto é, o movimento inverso ao seu. Mas ele se apodera desta matéria, que é a necessidade em si mesma, e tende a introduzir nela a maior soma possível de indeterminação e liberdade (BERGSON, 1907/1984c, p. 569-570).

Analisando o conceito de *élan vital*, a filósofa Regina Rossetti diz-nos que, de uma forma ampla, “ele pode ser compreendido como a energia primordial criadora de tudo o que há e, nesse sentido, é o *princípio*, como diriam os antigos: a *arché*, o começo, o ponto de partida que é origem de todas as coisas” (ROSSETTI, 2004, p. 40; grifo da autora). Na leitura reichiana, a “força criadora” postulada por Bergson representava “uma função explosiva da matéria que se manifesta com mais evidência na maneira como a vida funciona” (REICH, 1948/1973c, p. 8). O *élan vital*, no entendimento de Reich, era uma resposta às insuficiências das teorias que, ao buscarem explicações para o funcionamento profundo do vivo, insistiam em recorrer às noções tradicionais de energia.

Entretanto, o *élan vital* bergsoniano expressava muito mais um conceito filosófico, do que um conceito científico. Ainda que o pensador francês tenha se esforçado em demonstrar o “caráter claramente empírico da concepção de um ‘élan vital’” (BERGSON, 1932/1984d, p. 1069), Reich sentia-se incomodado com a distância existente entre o discurso filosófico bergsoniano e a possível caracterização científica do “fenômeno”. O *élan vital* pareceu-lhe, no final das contas, um conceito tão especulativo quanto a entelúquia de Driesch:

O princípio de uma força criadora que governa a vida parecia irrefutável. Contudo, não podia ser aceitável enquanto não se tornasse tangível, descritível e manejável concretamente. A aplicabilidade prática era considerada, com razão, o objetivo supremo da ciência natural (REICH, 1942/1989, p. 24).

### 3.2 ENERGIA SEXUAL

Em 1919, Reich conheceu pessoalmente Sigmund Freud e passou a estudar a teoria psicanalítica. Na obra freudiana, o jovem estudante de medicina encontrou uma concepção de “energia” que não era filiada à corrente vitalista, mas sim, ao tradicional pensamento científico. Freud pode ser considerado herdeiro de uma linhagem de pesquisadores que julgava lícito aplicar à Biologia, Medicina e Psicologia as descobertas e métodos que a físico-química havia alcançado ao estudar o mundo inorgânico. Como analisa Horacio C. Foladori, Professor da Escola de Psicologia da Universidad Bolivariana, o fundador da Psicanálise,

esteve em contato e inclusive foi discípulo direto de grandes pesquisadores do final do [séc. XIX]. A começar por seu ídolo Helmholtz, passando pelo grande Fechner, e outros cientistas como Du Bois Reymond, Herbart etc., e especialmente Brücke, em cujo laboratório de fisiologia Freud trabalhou por mais de seis anos,

realizando estudos histológicos. Este grupo estava dando contribuições inovadoras à Física, Fisiologia e, depois, Psicologia. [...] Ali, Freud assumiu o postulado fisicalista, entendendo que no organismo atuam, apenas, forças químicas e físicas, nenhuma outra, e que o objetivo da ciência consiste em descobrir a maneira como tais forças operam e, em todo caso, reduzir a elas outras eventuais forças. Com isso, fechava-se a porta a qualquer vitalismo (FOLADORI, 2001).

Se Reich não encontrou, na obra freudiana, especulações de índole vitalista, deparou-se, porém, com outro tema que lhe atraía profundamente a atenção: a dinâmica da sexualidade. Questões de índole sexual haviam chamado sua atenção, aliás, desde a infância. Em um diário, escrito por Reich dos vinte e dois aos vinte e cinco anos de idade e intitulado, pelos editores de sua obra, como *Passion of Youth* (“Paixão de juventude”), o autor descreveu uma série de percepções e experiências de cunho sexual que vivenciara desde os primeiros anos de vida. Morando, quando criança, em uma ampla fazenda localizada em Jujinetz, ao norte da Bukovina (província que então pertencia ao Império Austro-Húngaro e que faz parte, agora, da Ucrânia), Reich costumava observar, com grande interesse e excitação, a cópula dos animais. Em seu diário da década de 1920, também menciona que, aos quatro anos e meio, espionou a relação sexual de um casal de funcionários da fazenda e experienciou “intensas sensações eróticas” (REICH, 1988, pg. 6). Sua primeira relação sexual ocorreu “aproximadamente aos onze anos e meio”, com uma cozinheira: “Desde então, tive relações sexuais quase todo dia durante anos – sempre à tarde, quando meus pais faziam a sesta. Depois, tentei à noite, também, quando meu pai não estava em casa” (REICH, 1988, pg. 25).

Uma experiência amorosa, vivida aos dezenove anos de idade, marcou, porém, sua vida e obra. Entre 1915 e 1918, Reich combateu, pelo exército



austríaco, na Primeira Guerra Mundial. Em 1916, quando seu regimento estacionou em um vilarejo, ele se envolveu com uma moça e sentiu, pela primeira vez, o “verdadeiro significado do amor”. Reich comenta, também, que as sensações e sentimentos que vivenciou naquele breve encontro inspiraram suas “principais realizações” científicas (ressalvou, porém, que esses feitos científicos, ainda que enraizados naquela experiência amorosa, sempre foram fundamentados em “evidências objetivas”).

O autor aguardou trinta e seis anos para descrever o acontecimento em questão. Em um texto autobiográfico escrito em 1952 (e somente publicado pelo Wilhelm Reich Museum em 1990), Reich, contando então com cinquenta e cinco anos de idade, decidiu que havia chegado o momento de escrever sobre as intensas e determinantes sensações vivenciadas naquele encontro; deixou claro, porém, que expressões tais como “doce” e “flutuando no espaço” apenas traduziam aproximadamente o rápido caso amoroso. Falando de si mesmo na terceira pessoa, ele explicou por que aquele *affaire* da juventude marcou-lhe tão profundamente:

Ele não era apenas um homem unido a uma mulher. Ele estava *perdido* na experiência. Não havia *qualquer linha divisória* entre ele e a moça. Não havia a menor distinção experiencial entre os dois organismos. Eram um organismo, como que unidos ou fundidos um ao outro. Nessa unidade tudo fluía ou flutuava (REICH, 1990e, p. 88; grifos do autor).

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, Reich estabeleceu-se em Viena e logo começou a estudar Medicina. Em seu diário, ele continuou ponderando sobre o

papel da sexualidade em sua vida, como se pode observar em uma anotação de 1 de março de 1919:

Talvez a moralidade oponha-se a isso, mas minhas experiências pessoais, minhas observações a respeito de mim mesmo e de outras pessoas têm-me levado a crer que a sexualidade é o núcleo em torno do qual orbita toda a vida social, assim como a vida intelectual do indivíduo [...] (REICH, 1988, p. 80).

Na época em que cursava a Universidade, Reich tomou conhecimento das idéias de Freud e sentiu grande simpatia pela abordagem psicanalítica da sexualidade. Não tardou a ingressar na Sociedade Psicanalítica e, durante quatorze anos (1920-1934), desenvolveu um amplo trabalho como psicanalista.

Analisaremos, a seguir, a influência da obra de Freud nas embrionárias formulações energético-epistemológicas reichianas. Inicialmente, abriremos uma exceção e ultrapassaremos o período-alvo desta dissertação, 1919-1923, retomando, a título de contextualização, o percurso trilhado por Reich, entre 1920 e 1934, no meio psicanalítico. Em um segundo momento, faremos menções ao “fator quantitativo” presente na obra de Freud e à repercussão das concepções energetistas freudianas, no pensamento do jovem Reich.

### 3.2.1 Percurso na Psicanálise

Em sua época de estudante universitário, Reich resolveu participar de um grupo de estudos sobre sexualidade, pois “não havia qualquer currículo de Sexologia na escola médica” (HIGGINS; RAPHAEL, 1972, p. 38). Reunindo-se inicialmente na Universidade e, depois, em uma clínica, Reich e outros estudantes propuseram-se a investigar os aspectos psíquicos, biológicos e sociais relacionados

à sexualidade. O grupo ficou conhecido como Seminário de Sexologia de Viena e suas atividades se estenderam de 1919 a 1922.

Reich logo se tornou presidente do Seminário, cargo que o incumbia de reunir a literatura técnica. Na busca por informação bibliográfica, consultou pessoalmente alguns eminentes pesquisadores que moravam em Viena; Sigmund Freud (1856-1939) foi um deles.

A entrevista ocorreu em 1919 e, de imediato, Reich simpatizou com o criador da Psicanálise: “[Freud] tinha olhos inteligentes, brilhantes, que não tentavam penetrar os olhos do interlocutor em uma espécie de pose profética, mas simplesmente, perscrutavam o mundo de uma forma honesta e direta” (REICH, 1942/1989, p. 35).

Interessando-se imediatamente pela Psicanálise, Reich, no entanto, decidiu se familiarizar, primeiro, com a “sexologia pré-freudiana”. Leu, então, a obra *Sexualleben unserer Zeit* (“A vida sexual de nosso tempo”), publicada em 1907 por Iwan Bloch (1872-1922), psiquiatra, dermatologista, entomologista e ativista político. Considerado o “pai da sexologia moderna”, Bloch foi o autor do termo *sexualwissenschaft* – “ciência sexual” ou “sexologia”. Em *Sexualleben unserer Zeit*, o psiquiatra alemão apresentou uma visão “multidisciplinar” da sexualidade que, certamente, influenciou o jovem Reich:

[...] o autor do presente trabalho está convencido de que a consideração puramente médica da vida sexual, embora tenha sempre de constituir o núcleo da ciência sexual, é incapaz de fazer justiça às múltiplas relações entre o sexual e todas as outras vertentes da vida humana. Para fazer justiça à importância completa do amor na vida do indivíduo e da sociedade, e em relação com a evolução da civilização humana, este ramo particular do conhecimento tem de ser tratado na sua subordinação própria

como uma parte da ‘ciência da humanidade’ em geral, que é constituída pela união de todas as outras ciências – biologia geral, antropologia e etnologia, filosofia e psicologia, a história da literatura e toda a história da civilização (BLOCH, 1907, citado em NUNES, 2003).

Reich estudou, também, o livro *Die sexuelle Frage* (“A questão sexual”), de August Forel (1848-1931), psiquiatra, neuroanatomista e eminente entomologista. Naquela obra o psiquiatra alemão afirmou, em 1904, ao analisar a dinâmica da sexualidade:

A fúria do impulso sexual constitui todo o amor nos seres inferiores. O amor cessa, assim que esta função é satisfeita. Somente nos animais superiores pode se formar uma afinidade permanente (...). A humanidade é dominada como que por encantamento pelo fervor do amor – melhor dizendo, pelo fervor do sexo. Toda sua perspectiva é colorida por isso. As coisas mais comuns, e mesmo as mais desagradáveis tornam-se (...) objeto de intenso desejo (...). Esta é, em grandes traços, a noção geral de impulso sexual (...). Contudo, precisamos analisar esse impulso mais cuidadosamente. Os impulsos naturais são instintos hereditários profundos, que remontam longe na filogênese de nossos ancestrais animais (...) (FOREL, 1904, citado em REICH, 1922/1975b, p. 87).

O jovem Reich criticou tais concepções durante uma comunicação, feita em 1919 para os colegas do Seminário de Sexologia de Viena. Nessa comunicação – publicada posteriormente, em 1922, com o título “Trieb und Libidobegriffe von Forel bis Jung” (*Conceitos de pulsão e libido, de Forel a Jung*)<sup>12</sup> –, ele questionou a aplicação de estudos entomológicos à vida sexual dos seres humanos:

As formulações de [Forel], ao investigar o instinto em insetos inteligentes (formigas, abelhas, cupins), são realmente

---

<sup>12</sup> Recorremos, aqui, a uma tradução norte-americana desse artigo: *Drive and libido concepts from Forel to Jung* (REICH, 1922/1975b).

interessantes, mas parece que sua inclinação por esse campo de pesquisas obscureceu muitas possibilidades de ver corretamente as condições que prevalecem no homem (REICH, 1922/1975b, p. 87).

Essa afirmação já está matizada, certamente, pela teoria freudiana das “pulsões”; como veremos no próximo capítulo, Freud demonstrou que os impulsos sexuais humanos apresentam especificidades que os diferenciam significativamente dos instintos condicionados hereditariamente.

Determinado a fazer um amplo levantamento das concepções vigentes sobre sexualidade, Reich consultou, ainda, outros autores, como, por exemplo, Jung, de quem leu a obra *Libido*; por fim, chegou aos trabalhos de Freud. Referindo-se ao modo como acessou a literatura freudiana, ele comenta:

Li copiosamente, rapidamente e minuciosamente — li algumas obras, duas e três vezes. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e Conferências introdutórias sobre Psicanálise*, de Freud, decidiram a escolha de minha profissão. [...] Eu estava entusiasmado com Bloch, Forel e Freud. Freud era uma incrível experiência intelectual (REICH, 1942/1989, p. 22).

Já em 1919, Reich começou a trabalhar como psicanalista; no final de 1920, aos vinte e três anos de idade e ainda estudando Medicina, foi formalmente aceito como membro da Sociedade Psicanalítica de Viena.

Ao entrar em contato com a obra freudiana, Reich afirma ter encontrado, finalmente, uma concepção “objetiva e lúcida” a respeito da sexualidade. No entendimento do jovem universitário, as idéias de Freud destoavam de uma série de teorias “científicas” que abordavam, de forma extremamente moralista, a vida sexual; nessas teorias, comenta Reich, era difícil diferenciar “ciência” e “teologia moral”. As formulações de Freud sobre uma dinâmica sexual que se manifesta

desde a infância pareceram-lhe, também, muito mais consistentes do que as teorias “oficiais” que postulavam uma sexualidade surgindo do nada durante a puberdade: “Dizia-se que a ‘sexualidade despertava’. Ninguém sabia dizer onde ela havia estado até então. Sexualidade e procriação eram vistas como uma e mesma coisa” (REICH, 1942/1989, p. 27).

Em 1922, Reich formou-se em Medicina; nesse mesmo ano, casou-se com Annie Pink, “também estudante de medicina na Universidade de Viena, ex-paciente dele e depois psicanalista [...]. Do casamento com Annie nasceram as filhas Eva, em 1924, e Lore, em 1928” (ALBERTINI, 1994, p. 28).

Reich vinha trabalhando como psicanalista, como mencionamos logo acima, desde 1919, mas não quis se limitar, no começo de sua carreira, ao pensamento freudiano e ao consultório privado. Ao terminar o curso de Medicina, resolveu fazer sua especialização em Neuropsiquiatria. No período 1922-1924, estagiou na Clínica Universitária de Psiquiatria e Neurologia, sob a coordenação de Julius Wagner-Jauregg (1857-1940), célebre neurologista que recebeu, em 1927, o Prêmio Nobel de Medicina por suas pesquisas sobre a malarioterapia.<sup>13</sup> De acordo com os relatos reichianos, Wagner-Juregg era gentil com os pacientes e habilidoso para diagnosticar doenças neurológicas, mas pouco conhecia sobre Psicologia, tendo o hábito, inclusive, de troçar da Psicanálise.

Em sua “pós-graduação”, Reich trabalhou, também, com “doentes mentais crônicos”, tendo sido supervisionado, durante um ano, por outro neurologista, este sim, simpático à Psicanálise: Paul Schilder (1886-1940). Assistente de Wagner-Jauregg na Clínica Universitária, Schilder tornou-se, posteriormente, bastante

---

<sup>13</sup> A malarioterapia foi uma técnica que, por meio da indução da malária, mostrou-se eficaz no tratamento de vários casos de paralisia geral progressiva (um distúrbio psiquiátrico causado pela sífilis).

conhecido por seus estudos sobre a “imagem corporal” (na época em que Reich fez sua especialização, Schilder estava reunindo material para suas pesquisas). Reich citou com frequência, em seus primeiros trabalhos, os estudos psiquiátricos de Schilder e fez menção, em sua autobiografia científica de 1942, às “brilhantes contribuições” do neurologista. Nas linhas que dedicou, em *The function of the orgasm*, às idéias de seu ex-orientador, Reich, sempre interessado pela relação corpo-mente, lembrou que, para Schilder, “o corpo é psicicamente representado em certas sensações unitárias de forma e que esta ‘imagem psíquica’ corresponde aproximadamente às funções reais dos órgãos” (REICH, 1942/1989, p. 63) (voltaremos a nos referir a Schilder, no próximo capítulo desta dissertação).

No início de sua carreira, Reich teve, portanto, dois mestres que estavam em destaque no cenário médico: Freud e Wagner-Jauregg. O primeiro vinculou vários sintomas à dinâmica da vida inconsciente e o segundo, defendeu uma concepção psiquiátrica estritamente organicista. Reich se situava, sem dúvida, mais próximo das idéias de Freud, mas procurou estabelecer relações entre a Psicanálise e a Psiquiatria. Um exemplo disso é o seu primeiro livro, *Der triebhafte Charakter* (“O caráter impulsivo”),<sup>14</sup> publicado em 1925. Pautando-se pelos critérios diagnósticos formulados pelos grandes alienistas da época (Kraepelin, Bleuler, Schneider, Kretschmer), Reich atendeu, por três anos, pacientes que apresentavam acentuados comportamentos anti-sociais, mas que, rigorosamente falando-se, não se “encaixavam” facilmente nas categorias psicopatológicas bem estabelecidas. Nesses “caráteres impulsivos”, ele identificou atitudes intensamente “regressivas”, indicativas de fases primitivas do desenvolvimento mental, fases essas que não

---

<sup>14</sup> Valemo-nos, aqui, de uma tradução deste livro para a língua inglesa – *The impulsive character: A psychoanalytic study of ego pathology* –, que integra a coletânea “Early Writings - Vol. 1” (REICH, 1925/1975f).

eram facilmente observáveis, *in loco*, em neuróticos típicos. Procedendo a uma análise comparativa entre as “típicas neuroses com inibição de impulsos” (histeria e neurose obsessiva) e os “caráteres impulsivos”, o autor trabalhou no sentido de ampliar a compreensão da gênese, desenvolvimento e funcionamento do ego, pois acreditava que “a dinâmica do ego é mais difícil de ser compreendida do que a dinâmica do desenvolvimento sexual” (REICH, 1925/1975f, p. 237). Em sua opinião, a Psicanálise precisava aprimorar seu conhecimento a respeito das etapas de evolução do ego, como fizera inicialmente em relação aos estágios do desenvolvimento sexual.

Apesar de seu empenho em integrar Psicanálise e Psiquiatria, Reich menciona que não era tarefa fácil se situar no campo de batalha teórico da década de 1920:

Era muito acirrada a controvérsia entre a explicação psicanalítica das doenças psíquicas e a explicação neurofisiológica. ‘Psicogênico’ e ‘somatogênico’ eram antíteses absolutas. O psicanalista jovem que trabalhava no campo da psiquiatria tinha de encontrar o seu caminho, de alguma forma, no meio dessa confusão (REICH, 1942/1989, p. 66).

Em 1922 foi criada, em Viena, uma Policlínica Psicanalítica, com o objetivo de oferecer tratamento terapêutico às pessoas que não dispunham de recursos financeiros para bancar o atendimento convencional. Reich participou do projeto desde sua fundação e, além de realizar atendimentos gratuitos na instituição, também assumiu, no período 1922-28, o cargo de Primeiro Assistente da Policlínica e, de 1928 a 1930, o de Vice-Diretor. Ao rever essa experiência, que o colocou face a face com as dificuldades econômicas e psicológicas de um grande número de



vienenses, ele comenta os dilemas que vivenciou naquela espécie de clínica social:

Os horários de atendimento estavam apinhados. Havia industriários, funcionários de escritório, estudantes e trabalhadores rurais. O contingente era tão grande que chegávamos a ficar atrapalhados, especialmente quando a clínica se tornou conhecida entre a população. Cada psicanalista se comprometeu a oferecer gratuitamente uma sessão diária. Mas isso não era suficiente. Precisamos selecionar os casos mais apropriados para a análise. Isso nos forçou a buscar critérios de prognóstico. Posteriormente, convenci os analistas a darem uma contribuição mensal. Eu queria usar o dinheiro para contratar um ou dois médicos pagos. Dessa forma haveria esperanças de, um dia, se fazer jus ao nome ‘clínica’. De acordo com os padrões da época, acreditava-se que o tratamento requeria uma sessão diária, por pelo menos seis meses. Uma coisa ficou clara: *psicanálise não é uma terapia de massa*. O conceito de prevenção das neuroses não existia – e ninguém teria nada a dizer sobre isso (REICH, 1942/1989, p. 74-75; grifo do autor).

Em 1923, o autor publicou um artigo sobre o ritmo bioenergético da “pulsão sexual”, intitulado “Zur Trieb-energetik” (*Sobre a energética das pulsões*). Esse trabalho, além de apresentar contribuições para a ampliação do conceito freudiano de “pulsão”, representou o marco inicial – teórico e epistemológico – da obra reichiana (o próprio Reich indicou, em diversas oportunidades, a importância capital de “Zur Trieb-energetik”; no próximo capítulo desta dissertação, analisaremos detalhadamente esse escrito de 1923).

Partindo de seus estudos sobre a dinâmica biológica da “pulsão sexual”, Reich, entre 1922 e 1926, elaborou e consolidou a “teoria do orgasmo”, teoria essa que se tornou não apenas o núcleo de sua primeira produção, mas também, de toda sua obra. Seguindo seu raciocínio energetista e amparando-se na obra freudiana, o autor preocupou-se, desde o início de seu trabalho, em compreender e

identificar a fonte de energia que alimentaria continuamente as perturbações psíquicas. Apoiando-se na experiência clínica, Reich defendeu, em 1923, a tese de que o núcleo da neurose reside em uma insatisfatória descarga genital da excitação sexual; as tendências pré-genitais, constatou, são determinantes nas patologias neuróticas. A recuperação da “função genital” propiciaria, porém, o desaparecimento ou a significativa diminuição dos sintomas neuróticos, como procurou demonstrar em 1925 no artigo “Weitere Bemerkungen ueber die therapeutische Bedeutung der Genitallibido” (*Observações complementares sobre o significado terapêutico da libido genital*).<sup>15</sup> Nesse trabalho, Reich lançou a idéia de “potência orgástica”, considerando-a “crucial para a resolução do problema das perturbações neuróticas da libido” (REICH, 1925/1975c, p. 210), ousando ainda afirmar que “nenhuma análise pode ser considerada como terminada enquanto a potência orgástica genital não estiver assegurada” (REICH, 1925/1975c, p. 214). Após ter atendido a um expressivo número de pacientes, fundamentou ainda mais suas idéias em obra escrita em 1926 e publicada no ano seguinte — *Die Funktion des Orgasmus* (“A função do orgasmo”).<sup>16</sup> A potência orgástica foi então definida “fenomenologicamente” como a “aptidão de a personalidade e os afetos estarem completamente absorvidos pela experiência genital, apesar de eventuais conflitos pessoais” (REICH, 1927/1980b, p.15). Ao descrever, na década de 1940, a

---

<sup>15</sup> Consultamos, aqui, uma tradução desse artigo para a língua inglesa — “Further remarks on the therapeutic significance of genital libido” (REICH, 1925/1975c).

<sup>16</sup> A obra *Die Funktion des Orgasmus* veio a público em Viena, em 1927, e não deve ser confundida com a autobiografia científica de Reich, *The function of the orgasm*, publicada nos EUA em 1942; este segundo livro, que temos citado freqüentemente aqui, cobre duas décadas de pesquisas reichianas. Consultamos, nesta dissertação, duas versões norte-americanas de *Die Funktion des Orgasmus: Genitality - In the theory and therapy of neurosis* (REICH, 1980a), que não reproduz exatamente o livro original, posto que o autor, ao revisar a obra na década de 1940, introduziu significativas alterações no texto; e *The function of the orgasm* (REICH, 1980b), uma tradução feita diretamente do original de 1927.

experiência orgástico-genital, Reich enfatizou a dimensão bioenergética do fenômeno: “Potência orgástica é a capacidade de se entregar ao fluxo da energia biológica, sem quaisquer inibições; a capacidade de descarregar completamente, por meio de convulsões involuntárias e prazerosas do corpo, a excitação sexual acumulada” (REICH, 1942/1989, p.102).

O autor também procurou contribuir para a pedagogia de orientação psicanalítica. Sara Quenzer Matthiesen, professora na UNESP de Rio Claro, comenta que Reich, entre 1926 e 1928, escreveu quatro artigos em que claramente se apropriava de “pressupostos educacionais de origem freudiana, como o esclarecimento sexual de crianças, a educação de educadores e a necessidade de um grau adequado de frustração e satisfação pulsionais, entre outros [...]” (MATTHIESEN, 2003, p. 78). Em “Eltern als Erzieher: Der Erziehungszwang und seine Ursachen” (*Os pais como educadores: a compulsão de educar e suas causas*),<sup>17</sup> o primeiro dos quatro artigos, ele denunciou, amparado-se em teses freudianas, os malefícios causados por pais que “consideram todo impulso primitivo [da criança] como um fenômeno patológico ou um sinal de perversidade” (REICH, 1926/1994a, p.50). Esse tipo de interferência, a seu ver, nada mais produz do que uma “estrutura de caráter sexo-negativa” – uma personalidade inibida, com paralisia afetiva nos campos sexual e social, e reduzida capacidade de lutar pela existência.

Em “*Eltern als Erzieher ...*” é possível observar, ainda, a tentativa reichiana de associar as teorias de Freud e Bergson (no próximo capítulo desta dissertação, ampliaremos esse tema). Em um trecho curto, mas elucidativo, o autor afirma:

---

<sup>17</sup> Consultamos, aqui, uma tradução deste artigo para a língua inglesa: “Parents as educators - The compulsion to educate and its causes” (REICH, 1926/1994a).

Precisamos ter em mente que a força vital primordial, que a educação compulsiva tenta domesticar, deu origem, a partir de si mesma, à civilização. Podemos depositar muita confiança nesta força. Seria muito audacioso afirmar que a vida, em si mesma, é capaz de criar as formas necessárias para sua própria existência? (REICH, 1926/1994a, p. 58).

Outro grande interesse do autor dizia respeito à teoria da técnica terapêutica. Em 1922 foi fundado, em Viena, um Seminário de Técnica Psicanalítica, formado por jovens analistas que buscavam soluções para os dilemas da prática clínica. Participando do projeto, inicialmente, na condição de aluno, Reich logo se tornou coordenador do grupo, desempenhando essa função entre 1924 e 1930.

A idéia de constituir um Seminário havia partido, aliás, do próprio Reich, pois, a seu ver, era “precário” o estágio de desenvolvimento da técnica psicanalítica. Em *The function of the orgasm* ele comenta que sugeriu a criação do Seminário logo após a realização, em setembro de 1922, na cidade de Berlim, de um Congresso Internacional de Psicanálise:

Na viagem de volta de Berlim para Viena, conversei com jovens colegas que ainda não eram membros da Associação Psicanalítica, mas que já haviam começado a praticar a psicanálise. Sugeri que fizéssemos um ‘seminário de técnica’. Queríamos estudar os casos sistematicamente, para alcançar o maior domínio possível sobre a técnica. Sugeri, também, que fizéssemos um ‘seminário de jovens’, ou seja, que nós ‘jovens’ nos reuníssemos regularmente, sem os ‘velhos’. Objetivava-se, com isso, que os jovens analistas pudessem discutir suas dificuldades teóricas e suas dúvidas e que, principalmente, aprendessem a falar livremente. Ambas as sugestões foram aceitas. Em um encontro em Viena, logo após o

congresso de Berlim, propus oficialmente a criação do Seminário de Técnica. Freud aprovou cordialmente [...]. [O Seminário] tornou-se o berço da terapia analítica sistemática (REICH, 1942/1989, p. 60-61).

A experiência adquirida no Seminário contribuiu significativamente para os estudos de Reich sobre as defesas caracteriais. Desde *Der triebhafte Charakter* (1925) ele vinha defendendo a idéia de que a terapia psicanalítica deveria se deslocar da análise de sintomas isolados, para a análise das resistências que se manifestam no âmbito do comportamento (as resistências de caráter):

Em um primeiro momento, a compreensão [dos conteúdos psíquicos] é suficiente para a realização do trabalho analítico mais urgente, e não se faz necessário observar a maneira pela qual a personalidade do paciente se manifesta no processo de resistência. Contudo, se nos aventurarmos a ir além do âmbito sintomático, reconheceremos a fundamental importância de suprimir analiticamente não apenas os sintomas, mas também, a base de reação neurótica, ou seja, o caráter neurótico. Caso se queira alcançar uma autêntica cura, na qual a recaída está fora de questão, então a análise do caráter precisa substituir a análise de sintomas (REICH, 1925/1975f, p. 238-239).

Reich comenta que, entre 1922 (ano em que “o papel terapêutico da genitalidade foi compreendido”) e 1927 (data da publicação de *Die Funktion des Orgasmus*), ele reuniu “um sem-número de pequenas e grandes experiências que, em seu conjunto, apontavam para uma direção: o obstáculo à cura está relacionado à ‘personalidade global’ do paciente ou seu ‘caráter’” (REICH, 1942/1989, p. 138). Por volta de 1926, o autor começou a desenvolver uma nova técnica terapêutica — a “análise do caráter” —, tomando como referência as idéias de Freud e outros psicanalistas, o aprendizado que adquirira ao trabalhar com pacientes neuróticos e

“caráteres impulsivos”, e a experiência que acumulara na condição de participante (por dois anos) e coordenador (por seis anos) do Seminário de Técnica Psicanalítica.

A abordagem caracterial reichiana contemplava não apenas os “conteúdos”, mas também, os aspectos formais (atitudes, gestos, posturas, tons de voz etc.) de que o paciente faz uso ao se expressar: “Ao longo do desenvolvimento da análise do caráter, tornei-me perito em reconhecer e observar funções puramente formais” (REICH, 1994b, p. 1). Com sua técnica, Reich procurava identificar, nos pacientes, traços de caráter que assumiam uma evidente função defensiva; interpretando sistematicamente a maneira pela qual se expressam os comportamentos “rígidos” e automatizados, o autor buscava uma via de acesso às forças energéticas:

A partir da análise do caráter, ficou evidente que a forma é o molde atual de eventos históricos. [...] Forma é o processo congelado da experiência. A forma é o molde de uma expressão, de uma atitude. E atitude é um certo estado de excitação do sistema (angustiado, desejoso, zangado, agitado). Portanto, deve ser possível determinar a totalidade dos processos de excitação, que se tornaram congelados, a partir do aspecto formal das atitudes (REICH, 1994c).

Partindo do pressuposto de que, no neurótico, manifesta-se sempre uma “courageira do caráter” (um enrijecimento global que provoca um empobrecimento intelectual, afetivo e sexual), Reich, com sua nova metodologia terapêutica, buscava amenizar a paralisia decorrente do processo de encouraçamento, posto que “o caráter consiste em uma mudança crônica do ego que se pode descrever como um *endurecimento*. [...] o objetivo [desse endurecimento] é o de proteger o ego dos perigos internos e externos” (REICH, 1933/1973a, p. 155; grifo do autor). Em 1933, ele reuniu os resultados de suas pesquisas no livro *Charakteranalyse*

(“Análise do caráter”),<sup>18</sup> fundamentando amplamente a tese de que o caráter neurótico representa, em si mesmo, a principal resistência ao processo terapêutico. Nessa obra, que se tornou um clássico da literatura psicanalítica, Reich propôs uma metodologia terapêutica que, centrada na análise sistemática das “resistências de forma”, permitisse o restabelecimento da potência orgástica, o principal critério de cura, segundo o autor, no processo terapêutico. Em uma terapia caracterológico-analítica “bem sucedida”, que respeitasse a estratificação do sistema defensivo, a flexibilização das resistências caracteriais/estruturais deveria necessariamente conduzir, no entendimento de Reich, à retomada da potência orgástico-genital.<sup>19</sup>

Ao mesmo tempo em que elaborava sua análise caracterial, Reich, no período 1927-1933, procurou estabelecer conexões entre a Psicanálise e o Marxismo. Ao longo de seis anos de intensas atividades, ele buscou conjugar a intervenção de cunho social e a reflexão teórica, esforçando-se em demonstrar que política e sexualidade são domínios fortemente interligados e mutuamente dependentes. Disso resultou uma “sexologia política”, fruto da leitura que empreendeu das obras de Freud e Marx, de teorias que ele mesmo havia formulado e da experiência que adquiriu ao se envolver, a partir de 1927, com o movimento de esquerda. Trabalhando a partir de uma perspectiva higienista (ALBERTINI et al., *no prelo*), Reich, quatro outros psicanalistas, três médicos obstetras e um advogado, fundaram em 1928 a Sociedade Socialista para Aconselhamento e

---

<sup>18</sup> Valemo-nos, aqui, de uma tradução dessa obra para a língua inglesa: “Character analysis” (REICH, 1933/1973a).

<sup>19</sup> O contexto teórico em que Reich desenvolveu sua noção de “caráter” e os diferentes significados que o autor atribuiu ao termo, desde o *Caráter impulsivo* (1925) até a *Análise do Caráter* (1933), são temas averiguados pelo psicólogo João Rodrigo Oliveira e Silva, no trabalho *O desenvolvimento da noção de caráter no pensamento de Reich* (OLIVEIRA E SILVA, 2001).

Investigação Sexual. Os coordenadores do projeto partiram do princípio “que a miséria sexual era essencialmente causada por condições enraizadas na ordem social burguesa, miséria essa que não podia ser eliminada completamente, mas podia ao menos ser atenuada mediante uma ajuda individual” (REICH, 1953/1976a, p. 107-108). A organização, que se associou ao Partido Comunista Austríaco, cresceu rapidamente e seis centros de aconselhamentos foram criados em Viena. Por meio de panfletos a população ficava sabendo que especialistas em Sexologia se dispunham a dar aconselhamentos gratuitos sobre problemas conjugais e sexuais, controle de natalidade, educação de crianças e “higiene mental em geral”. De acordo com os registros do autor, em um ano e meio cerca de setecentas pessoas foram atendidas nos centros de aconselhamento, e milhares freqüentaram as conferências, discutindo problemas emocionais/sexuais e procurando respostas para as mais variadas dúvidas.

Delimitando seu próprio campo teórico, clínico e ideológico, Reich criou, por volta de 1928, a “Economia Sexual”, um ramo de pesquisas que, segundo seu fundador, enraíza-se na Ciência Natural. A Economia Sexual propôs-se a contemplar não somente os âmbitos psicológico e biológico, mas também, a esfera sociológica:

Tendo como núcleo a noção de potência orgástica, a perspectiva econômico-sexual deu especial atenção, sem dúvida, às vicissitudes da energia bio-sexual — de que forma e em que quantidade essa energia é represada (ou descarregada). Mas levou em consideração, igualmente, o fato de que as sociedades autoritárias promovem e ‘lucram’ com a contenção energética crônica, base a partir da qual se desenvolvem, no entendimento de Reich, as patologias neuróticas e a submissão à ordem política dominante (BEDANI; ALBERTINI, 2006, p. 68)



Ao tentar compreender a maneira pela qual a “base material” de uma dada sociedade se converte em “superestrutura ideológica”, Reich chegou à conclusão que o sistema social dominante procura moldar (e domar) a estrutura de caráter, nela embutindo conceitos tradicionalistas que negam a vida, amortecem a sexualidade e abafam as capacidades reflexivas. Do ponto de vista reichiano, a estrutura de caráter é a instância psíquica que carrega e simultaneamente promove a disseminação de milenares valores autoritários e patriarcais:

A análise do caráter descobriu que a origem social de uma pessoa acha-se fixada, de forma congelada, em seu caráter. Ao modificar os impulsos instintuais, as organizações sociais produzem a estrutura de caráter típica, e a estrutura de caráter dos seres humanos de uma determinada época reproduzem as instituições sociais e suas correspondentes ideologias (REICH, 1950/1990c, p.23).

Em 1930, Reich mudou-se para a Alemanha, na expectativa de encontrar psicanalistas mais progressistas em relação às questões sociais e mais receptivos para com a teoria da potência orgástica e a técnica da análise do caráter. Vivendo em Berlim, deu continuidade ao trabalho sexo-político, envolvendo-se em novos projetos de cunho social (além de continuar se dedicando à clínica em consultório privado e à produção teórica no campo da técnica terapêutica). O autor relata que, na Alemanha de 1930, havia cerca de oitenta organizações que trabalhavam com questões relativas à sexualidade; professando orientações muito distintas e não raramente rivalizando entre si, tais organizações agregavam, porém, um número significativo de membros (cerca de trezentos e cinquenta mil pessoas). Ocorreu-lhe, então, a idéia de criar uma associação que tentasse unificar aquelas organizações a partir de “um esforço conscientemente dirigido” (REICH,

1953/1976a, p.151). A proposta foi levada adiante e, com o apoio do Partido Comunista Alemão, deu-se em 1931 o primeiro congresso da Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária; o encontro reuniu oito organizações que representavam vinte mil pessoas. Outros grupos passaram a se associar e novos surgiram, fazendo com que o movimento – que ficou conhecido como SEXPOL – crescesse rapidamente, chegando a contar com quarenta mil participantes.

Em suas memórias, Reich menciona que nos grupos existentes em várias regiões da Alemanha, pessoas de diferentes classes sociais e orientações ideológicas expunham seus dilemas sexuais/emocionais, ávidas por respostas. Por outro lado, a questão da luta de classes e outros temas caros aos dirigentes comunistas eram cada vez menos debatidos: “As pessoas queriam simplesmente conselhos práticos e ajuda sobre suas dificuldades conjugais, criação dos filhos, distúrbios sexuais e crises morais de consciência” (REICH, 1953/1976a, p.154).

O autor relata que o Partido Comunista viu com bons olhos, inicialmente, a grande força de atração da SEXPOL. Com o decorrer do tempo, porém, líderes partidários passaram a boicotar o movimento, acusando a orientação reichiana de dar mais valor à política sexual do que à política econômica.

Em 1933, com a ascensão de Hitler ao poder, Reich precisou deixar a Alemanha. Uma pergunta, no entanto, inquietava-o profundamente: de onde a ideologia fascista extrai sua força de atração? Tomando por base o contato próximo que vinha estabelecendo com uma grande massa de proletários e desempregados, as pesquisas que empreendeu no campo da Economia Sexual e um sistemático estudo, que iniciara em 1930, a respeito do ideário nazista, o autor procurou dar

respostas àquela difícil pergunta em *Massenpsychologie des Faschismus* (“Psicologia de massas do fascismo”).<sup>20</sup>

A psicologia de massas reichiana propôs-se a estudar os “processos psicológicos típicos comuns a uma camada social, a uma classe, a um grupo profissional etc.” (REICH, 1933/1974, p.19-20), deixando de lado as diferenças individuais. O indivíduo médio, constatou Reich, é portador, em sua estrutura caracterial, de uma profunda cisão entre tendências “revolucionárias” e “reacionárias”. Por um lado, deseja significativas mudanças sociais e aspira à felicidade nos âmbitos cultural e sexual; por outro, carrega em sua estrutura uma milenar moral patriarcal e sexo-negativa que o torna apático e temeroso de se responsabilizar por seu próprio destino. Entorpecido desde cedo pela família autoritária e inserido em um sistema social que suga sua “força de trabalho”, o sujeito, apesar de seus anseios libertários, acaba apoiando justamente a classe que o explora: “a inibição sexual modifica estruturalmente o homem economicamente oprimido, de tal modo que ele age, sente e pensa contra o seu interesse material. O que equivale à uma assimilação à burguesia” (REICH, 1933/1974, p. 34).<sup>21</sup>

A relação entre Reich e o Partido Comunista Alemão tornou-se cada vez mais delicada. A publicação, em 1933, de *Massenpsychologie des Faschismus*, incrementou o clima de tensão – o autor, referindo-se à ascensão de Hitler ao poder, iniciou a obra com uma frase que teria irritado os burocratas do Partido: “A classe operária alemã acaba de sofrer uma grave derrota [...]” (REICH, 1933/1974, p. 5). Em 21 de novembro de 1933 o Partido Comunista Dinamarquês (Reich

---

<sup>20</sup> Utilizamos, aqui, uma versão portuguesa dessa obra: *Psicologia de massa do fascismo* (REICH, 1933/1974).

<sup>21</sup> Para uma análise mais ampla da psicologia de massas reichiana, indicamos o trabalho da psicóloga Sueli Ramalho: *Psicologia de massa do fascismo: Reich e o desenvolvimento do pensamento crítico* (RAMALHO, 2001).

achava-se exilado em Copenhague, mas não pertencia à agremiação) em concordância com o Partido Comunista Alemão (que havia sido extinto em março) publicou uma nota comunicando sua expulsão.

A relação entre Reich e o meio psicanalítico também se tornara, desde o final da década de 1920, conflituosa; diferenças teóricas, metodológicas e políticas evidenciaram-se pouco a pouco. O autor considerava a teoria da libido como um dos pilares da obra freudiana, mas, em sua avaliação, a tendência geral, entre os psicanalistas, era a de relegar o conceito de “energia sexual” a um segundo plano, o que implicaria em uma “descientifização” da Psicanálise. Além disso, Reich passou a criticar veementemente o conceito freudiano de “pulsão de morte”, e suas propostas no campo da técnica terapêutica começaram a se distanciar da metodologia clínica psicanalítica.

Em agosto de 1934, realizou-se em Lucerne, na Suécia, o 13.º Congresso Internacional de Psicanálise. De acordo com os relatos de Reich, foi durante esse evento que se concretizou sua expulsão da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Reich, como comentamos logo acima, vinha criticando aspectos do pensamento freudiano e a pouca atenção que, a seu ver, os psicanalistas estavam dando à perspectiva energética. Mas, como analisa o psicólogo Claudio Mello Wagner, sua exclusão parece ter sido motivada, muito mais, pelo incômodo que sua militância política suscitou na IPA, no delicado momento da ascensão de Hitler ao poder:

Não há dúvida de que Reich pertencia ao grupo de psicanalistas que situava o conflito humano na fronteira entre indivíduo e sociedade. E que ele e outros representantes dessa facção sofreram, além da perseguição nazista (como praticamente todos os representantes da psicanálise), uma outra perseguição, e esta vinha de dentro da

própria instituição psicanalítica. Além de Reich, outros psicanalistas de esquerda foram orientados, pelas instituições psicanalíticas a que estavam filiados, a abandonar a militância política (WAGNER, 1995, p. 60).

A concepção freudiana da sexualidade, em suma, levou Reich a se decidir, em 1920, pela “causa da Psicanálise”; por quatorze anos, ele procurou, como vimos, extrair conseqüências teóricas, clínicas, pedagógicas e políticas da teoria da libido.

Iremos, agora, retomar algumas concepções de Freud sobre a dimensão quantitativa e a “energia sexual”, apontando, também, a maneira pela qual o jovem Reich interpretou a teoria psicanalítica da libido. Dando por encerrado o panorama que nos propusemos a traçar a respeito da fase psicanalítica de Reich (o período compreendido entre 1920 e 1934), retornaremos às questões energético-epistemológicas formuladas pelo autor no nascimento de sua obra.

### 3.2.2 Fator quantitativo

Em diversas oportunidades, Reich reconheceu a importância, para o desenvolvimento de sua pesquisa, dos referenciais energético-quantitativos postulados por Freud. Esse reconhecimento pode ser observado, por exemplo, no depoimento que o autor concedeu, no início da década de 1950, aos Arquivos Sigmund Freud. Vivendo a maturidade de seu trabalho e estando distante do movimento psicanalítico por quase duas décadas, Reich, aos cinquenta e cinco anos de idade, declarou:

Basicamente, Freud descobriu o princípio de funcionamento da energia no aparelho psíquico. *O princípio de funcionamento da energia*. Foi o que o distinguiu dos demais psicólogos. Não tanto a descoberta do inconsciente. O inconsciente, a teoria do

inconsciente, foi uma consequência, a meu ver, de um princípio que ele introduziu na Psicologia. Tratava-se do princípio, do princípio científico natural, da energia – a ‘teoria da libido’ (HIGGINS; RAPHAEL, 1972, p. 15; grifo do autor).

O referencial energético foi, de fato, contemplado desde os primórdios da obra freudiana, como se pode notar em um texto de 1895, *Projeto de uma psicologia* (intitulado pelos editores da obra de Freud como *Entwurf einer Psychologie*, esse manuscrito só veio a público em 1950, após a morte de seu autor, portanto). Perseguindo a tese de que os fenômenos mentais mantêm relações diretas com o sistema nervoso, Freud procurou explicar, a partir de uma energética que se estabelece em redes neuronais, fenômenos tais como a memória, a percepção, as sensações de prazer e dor, o pensamento associativo. Amparando-se na experiência clínica, ele estava, então, em busca de “uma psicologia científica e naturalista” que representasse os processos psíquicos como “estados quantitativamente determinados” (FREUD, 1895, citado em GABBI JR., 2003, p. 175).<sup>22</sup>

Osmyr Faria Gabbi Jr., comentador e tradutor, para o português, do *Projeto de uma psicologia*, analisa da seguinte maneira o intento freudiano:

Uma psicologia natural tem as seguintes características: (a) toma a física como modelo, (b) supõe que não haja diferença essencial entre fatos físicos e fatos psicológicos e (c) explica os processos pela sua gênese. Todas essas características [...] estão presentes em *Entwurf* (GABBI JR., 2003, p. 19).

---

<sup>22</sup> Para citarmos obras de Freud, procuramos recorrer, preferencialmente, a quatro fontes: a) a tradução, elaborada por Gabbi Jr., do *Projeto de uma psicologia*; b) a *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*; c) a edição espanhola das *Obras completas de Sigmund Freud*; d) a tradução francesa, feita por Laplanche e Pontalis, de *Para além do princípio do prazer*. No entanto, algumas poucas citações indiretas foram feitas, por favorecerem o entendimento do texto freudiano.

Certamente influenciado pelo clima científico da época, Freud partiu do pressuposto, no “Projeto...”, de que há uma quantidade de energia ( $Q$ ) que atua em sistemas neuronais; recorreu, ainda, a outros conceitos da Física – como, por exemplo, o Princípio de Inércia – para fundamentar suas especulações.

Para o Freud de 1895, o sistema nervoso, além de representar o substrato da dinâmica psíquica, estava submetido ao fenômeno da inércia. O Princípio da Inércia acha-se formulado na Primeira Lei de Newton: “Todo corpo continua em seu estado de repouso, ou de movimento uniforme em linha reta, a menos que seja compelido a modificar esse estado por forças imprimidas sobre ele” (NEWTON, 1687/2002, p. 286). O organismo, à maneira como é concebido no “Projeto...”, manifesta uma tendência primitiva à “inércia neuronal”. Os neurônios procurariam se desembaraçar de  $Q$ , para que o nível de tensão interno viesse a se tornar igual ou mais próximo possível de zero e para que o sistema neuronal pudesse, assim, recuperar seu estado de repouso (ou de ausência de mudança de estado).<sup>23</sup>

A tentativa de Freud de embasar suas teorias psicológicas em conceitos provenientes da Física, tal como a noção de energia, pode ainda ser observada em *As neuropsicoses de defesa*, outro trabalho redigido na fase inicial de sua obra:

[...] nas funções mentais, deve-se distinguir algo – uma carga de afeto ou soma de excitação – que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma

---

<sup>23</sup> Na maturidade de sua obra e há vários anos distante do movimento psicanalítico, Reich tomou conhecimento do *Projeto de uma psicologia* (que só veio a lume em 1950) ao ler a biografia que Ernest Jones escreveu sobre Freud. Referindo-se ao “Projeto...”, ele então ponderou: “Sigmund Freud, por meio da atividade clínica [...], havia estado a caminho da descoberta da bioenergia, a qual ele rejeitou posteriormente. Freud falhou na descoberta da energia vital física, como tinha falhado na conclusão de seus estudos sobre a cocaína” (HIGGINS; RAPHAEL, 1972, p. 130).

carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo. Essa hipótese [...] pode ser aplicada no mesmo sentido que os físicos aplicam a hipótese de um fluxo de energia elétrica (FREUD, 1894/1999b).

Esse ponto de vista quantitativo, energético, “econômico”, não se restringiu, porém, aos primeiros escritos de Freud; percorreu, na verdade, toda sua obra. É ao fator quantitativo que ele irá recorrer, por exemplo, para explicar sua tese da relação de continuidade entre a “normalidade” e a “patologia”. No texto *A Psicanálise*, de 1910, após mencionar que nada há de especial nas neuroses que não possa, também, ser identificado em indivíduos “sadios”, Freud comenta que a diferença entre o “normal” e o “patológico” deve-se, exclusivamente, a questões de natureza quantitativa. Tais questões permeariam os embates internos a que está submetido o aparelho psíquico: “Depende das circunstâncias quantitativas e das relações entre as forças que combatem entre si, que a luta conduza ou não à saúde, às neuroses ou a sublimações compensadoras” (FREUD, 1910/1973b, p. 1560).

Até o final de sua obra, Freud fez menções à perspectiva científico-natural e ao fator quantitativo. No texto *A natureza do psíquico*, por exemplo, ao situar a Psicanálise como “uma parte da ciência mental da Psicologia”, ele afirmou: “Também a Psicologia é uma ciência natural. O que mais pode ser?” (FREUD, 1938/1999a).

Reich, em trabalho publicado em 1950, descreveu a satisfação que sentira, trinta anos antes, ao encontrar uma abordagem psicológica que se inspirava em referenciais científico-naturais e em fatores quantitativos. Mas lembrou, também, o quão o modelo maquínico estava presente nas teorias freudianas:



Naquela época a teoria psicanalítica baseava-se no mesmo princípio da física clássica. Tal como ocorre na natureza não-viva, em que ‘matéria’ ou ‘massa’ (tidas como primárias) eram movidas e deslocadas por ‘forças’, também na esfera psicológica ‘quantidades de energia’ eram associadas a idéias estáticas, movendo estas últimas e deslocando-as. As idéias correspondiam à ‘matéria’, e as ‘pulsões’ (*drives*) correspondiam às ‘forças’ ou ‘impulsos’ da física clássica (REICH, 1950/1990c, p. 5).

Entre os diversos referenciais freudianos de índole quantitativa, Reich deu especial atenção ao conceito de “libido”. Elemento importante da estrutura teórica elaborada por Freud, a noção de libido, entretanto, não foi inequivocamente caracterizada pelo fundador da Psicanálise, como explicam Laplanche e Pontalis: “Não apenas a teoria da libido evoluiu com as diversas etapas da teoria das pulsões, como o próprio conceito está longe de ter tido uma definição unívoca” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 343). Mas na obra de Freud prevalece, de acordo com a dupla de psicanalistas franceses, a idéia de que a “libido” é a energia da “pulsão”. Mais especificamente, a libido representaria a “manifestação dinâmica na vida psíquica da pulsão sexual” (FREUD, 1922, citado em LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 344) (no próximo capítulo, voltaremos à teoria freudiana das pulsões).

Originalmente designando, em latim, vontade ou desejo, a “libido”, para Freud, era a expressão de uma grandeza quantitativa, ainda que não pudesse ser mensurada; nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, ele define da seguinte maneira o fenômeno:

Estabelecemos o conceito de libido como uma força de quantidade variável que permite medir os processos e as transformações no domínio da excitação sexual. Distinguimos esta libido da energia que é geralmente atribuída aos processos psíquicos com referência

à sua origem especial, e assim lhe atribuímos também um caráter qualitativo. Ao separar a energia libidinal de outras energias psíquicas damos expressão à hipótese de que os processos sexuais do organismo se diferenciam dos processos nutricionais através de um quimismo especial (FREUD, 1905/1999f).

Reich mencionou, em diversas oportunidades, que o conceito de libido assumiu grande importância em suas pesquisas. Relembrando, em 1952, sua participação no movimento psicanalítico, ele explicou que se dedicou à teoria da libido não “por ser especialmente partidário do sexo no sentido usual do termo, mas porque tal teoria era um princípio científico natural da quantidade de energia e do funcionamento objetivo” (HIGGINS; RAPHAEL, 1972, p. 122); enfatizou, ainda, que “*com a teoria da libido a psicologia ligou-se à ciência natural pela primeira vez na história da ciência*” (HIGGINS; RAPHAEL, 1972, p. 126; grifo do autor).

O autor pontua, porém, que o “ângulo quantitativo, o ângulo da energia era somente um conceito”; e deixa claro que, enquanto o meio psicanalítico se preocupava em desenvolver a perspectiva qualitativa (tudo o que se referia às “idéias” e suas interconexões), ele priorizou o fator energético-quantitativo: “Tive de me apoiar na teoria da libido [...], não só porque era verdadeira, mas porque eu necessitava dela. Necessitava dela como um instrumento. Ela conduziu ao campo fisiológico” (HIGGINS; RAPHAEL, 1972, p. 120).

Mas, como temos insistido nesta dissertação, o jovem Reich sentiu-se atraído não apenas por referenciais de índole energética, mas também, por temas relativos à epistemologia da produção científica. Averiguamos, na seção 3.1, as concepções “energetistas” que ele encontrou no neovitalismo e apontamos, logo acima, as que encontrou na Psicanálise. Analisaremos, agora, os questionamentos epistemológicos formulados pelo autor, nos primórdios de sua obra.

### 3.3 CRÍTICA EPISTEMOLÓGICA

A julgar por seus relatos autobiográficos, Reich, no começo de sua obra, preocupou-se especialmente com dois temas de conotação epistemológica: (a) a possibilidade de a pesquisa científica associar as dimensões qualitativa (psíquica) e quantitativa (energética) e (b) o uso abusivo de concepções mecanicistas e finalistas em trabalhos científicos que abordavam o fenômeno da vida, o funcionamento mental ou a dinâmica da sexualidade.

Desde os primórdios de sua produção, o autor mostrou-se interessado em estabelecer relações entre “o mundo psíquico, subjetivo e o mundo físico, objetivo” (REICH, 1950/1990d, p. 3). O “mundo físico, objetivo” remetia diretamente, de acordo com a leitura reichiana, à questão da energia. Quanto ao “mundo psíquico, subjetivo”, Reich não o reduziu, apenas, às idéias e representações; desde o começo de seu trabalho, ele enfatizou o papel desempenhado pela apreensão percepto-sensorial.

A seguir analisaremos, em um primeiro momento, a influência exercida por dois filósofos, Bergson e Lange, no posicionamento favorável de Reich em relação à esfera sensorial; averiguaremos, ainda, a maneira pela qual Freud contribuiu para o projeto reichiano de conectar os âmbitos quantitativo e qualitativo.

Por fim, examinaremos o outro tema epistemológico que intrigou o jovem psicanalista: o problema da infiltração de conceitos mecanicistas e teleológicos na pesquisa científica. Veremos, então, que as críticas que Reich endereçou ao Finalismo e ao Mecanicismo foram colorizadas, uma vez mais, pelo pensamento bergsoniano.

### 3.3.1 Mundo sensorial

Em sua época de universitário, Reich não se limitou, como temos visto, às disciplinas regulares do curso de Medicina. Dedicando-se às mais diversas pesquisas extracurriculares, ele acabou se deparando com um monumental estudo no campo da Filosofia da Ciência: *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart* (“História do materialismo e crítica de sua importância atual”),<sup>24</sup> obra publicada em 1866 por Friedrich Albert Lange (1828-1875), ativista político, jornalista e filósofo alemão (Lange integrou a corrente neokantiana, constituída por pensadores que estavam interessados em fazer a filosofia de Kant dialogar com o conhecimento científico). “*Geschichte des Materialismus...*” causou forte impacto no jovem estudante de medicina, e continuou ecoando ao longo da obra reichiana. Em diversas oportunidades, Reich fez menções a Lange e em *Ether, God and Devil* incluiu o filósofo alemão no rol de autores que influenciaram significativamente suas pesquisas (REICH, 1949/1973b, p. 8).<sup>25</sup>

Reich encontrou, no livro de Lange, uma ampla discussão sobre a dinâmica da sensação. Em “*Geschichte des Materialismus...*” o filósofo alemão enfatizou que o mundo das sensações é “o único mundo dado” (LANGE, 1866/1950, vol. 2, 2.<sup>a</sup> seção, p. 328), que a sensação é “*real e dada*” (LANGE, 1866/1950, vol. 2, 2.<sup>a</sup> seção, p. 326; grifo do autor). Criticando o ponto de vista mecanicista que concebia os movimentos ou vibrações dos átomos no cérebro como algo objetivo e as sensações, como simples aparências ou miragens dessa objetividade, Lange

---

<sup>24</sup> Recorremos, aqui, a uma tradução da obra para a língua inglesa: *The history of materialism and criticism of its present importance* (Lange, 1866/1950).

<sup>25</sup> A grande influência que Lange exerceu sobre a pesquisa de Reich mereceria, a nosso ver, uma profunda avaliação – uma empreitada certamente árdua, dada a dimensão e complexidade das obras dos dois autores. Não temos notícia de comentadores que se dedicaram a essa tarefa; nossos apontamentos, aqui, talvez representem um primeiro e modestíssimo passo nessa direção.

mostra-se indignado com o fato de o âmbito subjetivo ter sido reduzido a um “nada”. A existência subjetiva já não mais representaria “a verdadeira, a própria existência”; e a consciência, ponto de partida de todo o conhecimento desde Descartes, teria se tornando um mero “fenômeno subjetivo” (LANGE, 1866/1950, vol. 2, 2.<sup>a</sup> seção, p. 325).

Lange fez questão, entretanto, de mostrar que nem todos os pesquisadores de sua época reduziam a sensação a um epifenômeno do órgão cérebro. Recorrendo a uma das obras do astrônomo Johann Zollner (1834-1882), ele afirma que, segundo este cientista, “somente chegamos à concepção de um objeto por meio da sensação” (LANGE, 1866/1950, vol. 2, 2.<sup>a</sup> seção, p. 325); ou, nas palavras do próprio Zollner: “o fenômeno da sensação é um fato de observação muito mais fundamental do que o movimento da matéria” (ZOLLNER, 1872, citado em LANGE, 1866/1950, vol. 2, 2.<sup>a</sup> seção, p. 326).

Bergson também analisou, de outra perspectiva, a questão da sensação. Para o filósofo francês as sensações só podem ser apreendidas no plano qualitativo e não estão, portanto, sujeitas à quantificação. O espaço maior contém o espaço menor, o número um está contido no número três; mas, pergunta Bergson em seu *Essai sur les donnés immédiates de la conscience*, “como uma sensação mais intensa conteria uma sensação de menor intensidade?” (BERGSON, 1889/1984a, p. 5). “Intensidade” e “qualidade”, insistiu o pensador, são propriedades das sensações psíquicas, enquanto “extensão” ou “quantidade” são propriedades dos processos físicos.

Reich, por sua vez, cogitou a possibilidade, desde o início de sua pesquisa, de conciliar as “quantidades intensivas” (sensoriais) e as “quantidades extensivas”

(físicas). Reavaliando, em trabalho publicado em 1950, suas embrionárias investigações, ele comentou:

Sabia que se tivesse sucesso em encontrar o princípio comum de funcionamento da sensação e da excitação, *então, pela primeira vez na história da pesquisa científico-natural, uma conexão prática seria estabelecida entre o mundo psíquico, subjetivo e o mundo físico, objetivo* (REICH, 1950/1990d, p. 3; grifo do autor).

Na teoria freudiana, Reich encontrou valiosos recursos teóricos para pensar a inter-relação entre os fatores quantitativos e qualitativos; o autor comenta, inclusive, que freqüentemente discutia essa questão com Freud (HIGGINS; RAPHAEL, 1972).

No início de sua obra, Freud supôs, como mencionamos anteriormente, a existência de um certo montante de afeto que “possui todas as características de uma quantidade” (FREUD, 1894/1999b). Ainda que também tenha utilizado o termo “afeto”, como explicam Laplanche e Pontalis, para simplesmente designar “a ressonância emocional de uma experiência geralmente forte”, Freud, em seus escritos metapsicológicos de 1915, voltou a realçar a faceta quantitativa do conceito (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 35).

Reich comenta que a ligação entre “afeto” (que remete a fatores quantitativos) e “representação” ou “idéia” (que aponta para aspectos qualitativos) “determinou o curso” de sua embrionária pesquisa. Analisando a conexão afeto-idéia, ele afirmou:

Freud foi, parece-me, o primeiro pesquisador no campo da Psicologia a assumir a existência de uma ‘energia psíquica’. De acordo com essa concepção, idéias e percepções achavam-se

associadas a quantidades de ‘afeto’ variáveis. Tais afetos, que posteriormente foram simplesmente chamados de ‘emoções’, eram a expressão de impulsos biológicos. Por exemplo: um processo de repressão podia atuar somente sobre uma idéia, como no caso da histeria, deixando o afeto correspondente sem repressão; ou podia agir apenas sobre o afeto deixando a idéia intocada, como na neurose obsessiva. Podia ocorrer, também, de ambos (idéia e afeto) serem reprimidos, como acontece em certos casos de amnésia completa (REICH, 1950/1990c, p. 4-5)

O fundador da Psicanálise estabeleceu uma importante vínculo, no entendimento de Reich, entre os âmbitos quantitativo e qualitativo ao associar “afeto” e “idéia”. Segundo os relatos reichianos, o próprio Freud considerava como um de seus grandes feitos a descoberta de que “uma idéia não é ativa por si mesma, mas sim, porque tem um certo investimento de energia, ou seja, tem uma certa quantidade de energia que lhe está associada” (HIGGINS; RAPHAEL, 1972, p. 120).

Reich, em suma, encontrou na obra de Lange uma profunda análise sobre a importância do mundo sensorial; deparou-se, nos livros de Bergson, com o problema epistemológico de associar os âmbitos qualitativo e quantitativo; e localizou, nos trabalhos de Freud, recursos teóricos que sustentavam seu projeto de integrar “sensação” e “excitação”. No próximo capítulo analisaremos, com mais detalhes, a tentativa reichiana de associar o mundo sensorial à esfera energética.

### 3.3.2 O problema do finalismo

No decorrer de seus estudos em Biologia – sempre pautados, como comentamos anteriormente, pela interrogação “O que é a vida?” –, Reich, em sua época de universitário, sentia-se incomodado com os pesquisadores que recorriam, em suas análises, a princípios marcadamente teleológicos. Recordando-se de suas leituras da década de 1920, ele comenta a forma de pensar que dominava “a

Biologia do ‘para’ e do ‘a fim de que’”:

De acordo com este princípio [teleológico], a célula dispunha de membrana *para* se proteger melhor contra os estímulos externos. A célula espermática masculina apresentava grande agilidade *para* entrar com mais facilidade no óvulo. Os animais machos eram maiores e mais fortes do que as fêmeas, e freqüentemente mais coloridos, *para* serem mais atraentes para elas, ou tinham chifres *para* poderem lutar melhor com seus rivais. Argumentava-se, até mesmo, que as formigas operárias fêmeas eram assexuadas *para* poderem realizar melhor seu trabalho. As andorinhas construíam seu ninho *para* aquecerem suas crias e a natureza havia ‘arranjado’ isso ou aquilo, dessa ou daquela maneira, *para* atingir este ou aquele objetivo. Em suma, também reinava no campo da Biologia uma mescla de vitalismo finalista e materialismo causal (REICH, 1942/1989, p. 25-26; grifos do autor).

Na teoria bergsoniana, Reich encontrou uma consistente crítica à aplicação do finalismo e do mecanicismo à esfera da vida: “As hipóteses de Bergson dirigiam-se, simultaneamente, contra o materialismo mecanicista e o finalismo teleológico” (REICH, 1948/1973b, p. 8-9).

Sem negar que há uma “identidade fundamental” entre o vivo e o não-vivo e que a pesquisa científica certamente descobrirá “no processo de criação orgânica um número crescente de fenômenos físico-químicos”, Bergson, em *L'évolution créatrice*, afirma que esses fatos não permitem concluir que “a química e a física devam nos entregar a chave da vida” (BERGSON, 1907/1984c, p. 520-521). Ainda que o pensamento mecano-materialista possa descrever uma série de regularidades físico-químicas no domínio do vivo, o filósofo francês chamou atenção para o “movimento vital que se produz em profundidade”, movimento esse que aponta para a imprevisibilidade e a indeterminação. Em *L'énergie spirituelle*, que veio a público em 1919, ele afirma:



O mundo, deixado a si mesmo, obedece a leis inexoráveis. Em condições determinadas a matéria se comporta de forma determinada; nada do que faz é imprevisível: se nossa ciência estivesse completa e nossa capacidade de calcular fosse infinita, saberíamos antecipadamente tudo o que iria ocorrer no universo material inorganizado, em sua massa e em seus elementos, da mesma forma que prevemos um eclipse solar ou lunar. Em suma, a matéria é inércia, geometria, necessidade. Mas, com a vida surge o movimento imprevisível e livre. O ser vivo escolhe ou tende a escolher. Seu papel é o de criar. Em um mundo em que todo o restante é determinado, uma zona de indeterminação o envolve. [...] [A vida] seria impossível, caso o determinismo ao qual a matéria obedece não pudesse afrouxar o seu rigor (BERGSON, 1919/1984b, p. 824).

O “mecanicismo radical” e o “finalismo radical”, analisa Bergson, desembocam no mesmo lugar: a suposição de que tudo já está dado. O mecanicismo radical, por acreditar que se todos os elementos materiais de um dado sistema (de um sistema vivo, inclusive) fossem desvendados, poder-se-ia prever com perfeição sua direção futura; o “finalismo radical”, por julgar que todos os acontecimentos (até mesmo os da esfera da vida) são o resultado de um plano ou programação pré-determinada. Ambas as doutrinas, pondera o filósofo em *L'évolution créatrice*, “recusam-se a ver no curso das coisas, ou mesmo simplesmente no desenvolvimento da vida, uma imprevisível criação de forma” (BERGSON, 1907/1984c, p. 533). Mas, ao se transpor as limitações impostas por esses sistemas de pensamento, “a realidade surge a nós como um jorro ininterrupto de novidades [...]” (BERGSON, 1907/1984c, p. 534).

Já no princípio de sua obra, Reich deu-se conta que as teorias científicas sempre se assentam em orientações filosóficas e metodológicas. Esse aprendizado certamente contou com a contribuição da filosofia bergsoniana: “Instintivamente, senti a assertividade dos esforços [de Bergson] em refutar tanto o materialismo

mecanicista, quanto o finalismo” (REICH, 1942/1989, p. 23). Desde o começo de seu trabalho, Reich adotou, a nosso ver, a diretriz bergsoniana de que “a *teoria do conhecimento* e a *teoria da vida* parecem-nos inseparáveis uma da outra” (BERGSON, 1907/1984c, p. 492; grifos do autor).

### 3.4 NOVOS IMPASSES

Tendo em mente a pergunta “O que é a vida?”, Reich envolveu-se, no início de sua produção, com teorias provenientes de distintas esferas do saber humano — Filosofia, Biologia, Psiquiatria, Psicanálise. Os estudiosos a que ele recorreu haviam formulado teorias originais que contribuíram, de diferentes maneiras, para suas primeiras reflexões energetistas e epistemológicas. Mas, apesar de atuarem em áreas diferentes, muitos dos autores consultados por Reich, se não todos, depararam-se, de alguma forma, com uma questão “biológica” que estava na pauta do dia: a transformação das espécies. De fato, se há algo em comum entre os filósofos Lange e Bergson, os biólogos Driesch e Kammerer, o médico Freud, é o fato de todos, sem exceção, terem esbarrado nas idéias professadas pelo naturalista Charles Darwin (1809-1882).

Para Darwin, a transformação das espécies teria como motor a “seleção natural”: a sobrevivência dos seres vivos que conseguem se ajustar ao seu meio ambiente e o desaparecimento daqueles que não se adaptam. A teoria darwiniana da seleção natural leva em conta, inicialmente, a presença de pequenas variações hereditárias em uma dada espécie. Mas essas variações não apresentam, em si mesmas, qualquer finalidade ou “intenção” adaptativa. Charles Lenay, professor francês de História da Ciência, explica que “Para Darwin [...] as variações se produzem independentemente das exigências de seleção, seu valor não é definido

de antemão [...]”. Nenhum propósito adaptativo manifestar-se-ia previamente; o processo evolutivo seria, na verdade, regulado por fatores contingenciais e probabilísticos: “É absurdo procurar uma direção na evolução, porque essas variações hereditárias são estritamente aleatórias e seus valores seletivos totalmente imprevisíveis” (LENAY, 2004, p. 163). Na “luta pela existência”, como Darwin a concebeu, os seres orgânicos que, por mero acaso, apresentarem variações vantajosas para sua sobrevivência, acabarão perdurando e se reproduzindo com mais facilidade e frequência. Tais vantagens adaptativas poderiam, inclusive, ser “repassadas” aos descendentes da espécie, permitindo, assim, o surgimento de uma “população” mais bem adaptada.

Em suma, a teoria darwiniana da seleção natural procurou explicar a transformação das espécies sem recorrer a qualquer “força vital” ou “propósito inteligente” inerente aos seres vivos. A “evolução” não estaria submetida a princípios teleológicos, fossem eles de caráter sobrenatural ou imanentes aos organismos vivos. Como comenta Thomas A. Goudge, professor de Filosofia da University of Toronto, a teorização darwiniana prescindiu tanto de uma “teleologia externa” – “a doutrina bíblica de uma criação especial das espécies mostrou-se cientificamente supérflua” –, quanto de uma “teleologia interna” – “não foi necessário fazer referências a propósitos internos, conscientes ou inconscientes” (GOUDGE, 1961). O próprio naturalista inglês afirmou, em sua autobiografia, que o “velho argumento de uma finalidade na natureza [...], que antes me parecia tão conclusivo, caiu por terra depois da descoberta da lei da seleção natural” (DARWIN, 1887, citado em LENAY, 2004, p. 98).

Bergson, como vimos anteriormente, também procurou apontar certos problemas associados ao finalismo. Em *L'évolution créatrice* o filósofo ponderou

que a doutrina do “finalismo radical” concebe a totalidade do mundo vivo como uma construção, tomando como modelo as construções que apenas os seres humanos podem realizar: “Todas as peças, nessa construção, estariam ordenadas visando o melhor funcionamento da máquina. Cada espécie teria sua razão de ser, sua função, seu destino” (BERGSON, 1907/1984c, p. 602). O pensador francês acreditava que a vida em seu conjunto, se encarada como evolução criadora, “transcende a finalidade, caso se entenda por finalidade a realização de uma idéia concebida ou concebível previamente”. Mas, diferente de Darwin, Bergson reconhecia a ação, no processo evolutivo, de uma “força criadora”, um “*élan original* da vida” que “é a causa profunda das variações, pelo menos daquelas que se transmitem regularmente, que se adicionam, que criam espécies novas” (BERGSON, 1907/1984c, p. 570). Bergson aceitava a tese darwiniana de que as espécies começaram a se diferenciar a partir de uma fonte comum e acentuaram suas divergências ao longo do processo evolutivo; levava em consideração, também, que a Natureza nem sempre expressa coerência, sendo necessário atribuir grande importância aos fatores acidentais. O pensador francês, no entanto, enfatizou o “movimento inicial”, o “impulso original” que imprimiria à vida uma evolução criadora:

Que a condição necessária da evolução seja a adaptação ao meio, é algo que não contestamos de forma alguma [...]. Mas uma coisa é reconhecer que as circunstâncias exteriores são forças com as quais a evolução deve contar e, outra coisa, sustentar que elas são as causas que direcionam a evolução. Essa última tese, é a do mecanicismo. Ela exclui totalmente a hipótese de um *élan original*, ou seja, de um ímpeto interior que conduziria a vida, por meio de formas cada vez mais complexas, a destinos cada vez mais elevados (BERGSON, 1907/1984c, p. 581).

Não continuaremos nos detendo nos argumentos apresentados pelo filósofo francês, nem analisaremos as divergências existentes entre as teorias de Bergson e Darwin. Pois o que nos interessa especialmente, aqui, é apontar um impasse teórico que o jovem Reich presenciou no começo da década de 1920, e que pode ser sintetizado da seguinte forma: a vida é portadora de um “ímpeto criador”, um “impulso original”, um “élan vital”, ou está sob o efeito, exclusivamente, de fatores mecano-materiais, físico-químicos, probabilísticos?<sup>26</sup>

Em *The function of the orgasm*, sua autobiografia científica de 1942, Reich, reportando-se aos estudos que empreendeu no início da década de 1920, comenta *en passant* que “a teoria da seleção natural de Darwin satisfazia a razoável expectativa de que, embora leis naturais básicas governem a vida, é preciso conceder uma ampla importância às influências ambientais” (REICH, 1942/1989, p.

---

<sup>26</sup> Além da polaridade “fatores exclusivamente materiais” – “energia criadora”, cabe mencionar que Reich também sofreu o impacto, na década de 1920, das acirradas disputas que vinham sendo travadas, desde o final do séc. XIX, entre neodarwinistas e neolamarckistas. Estabelecemos, logo acima, alguns contrastes entre concepções darwinianas e bergsonianas, com o objetivo de ilustrar os impasses epistemológicos que permearam o início da obra reichiana; mas está além de nossos propósitos, aqui, averiguar a maneira pela qual os principais “mestres” de Reich, na década de 1920, posicionaram-se em relação à transformação das espécies. A influência das concepções de Darwin (e dos neodarwinistas) e de Lamarck (e dos neolamarckistas) nos primórdios da obra reichiana é um tema que, no entanto, mereceria, a nosso ver, uma análise detalhada. A título de menção, vale lembrar que o querido professor de Reich na Universidade de Viena, Paul Kammerer, acreditava, tal qual Lamarck, que certas modificações ou características adquiridas pelo indivíduo ao longo de sua existência pessoal poderiam ser transmitidas aos seus descendentes: “Se caracteres adquiridos, se impressões na vida de um indivíduo são, em certas circunstâncias, hereditários, podemos assumir que os atos e pensamentos do homem podem ser repassados da mesma maneira. [...] para nossos herdeiros orgânicos, nossas experiências são, sem dúvida, mais do que algo simplesmente irrelevante” (KAMMERER, 1924). Hans Driesch, por sua vez, questionou as idéias antifinalistas de Darwin e afirmou que todos os pesquisadores “que durante a ascendência do materialismo preservaram a tradição vitalista foram, na mesma época, oponentes do darwinismo ortodoxo, isto é, materialista” (DRIESCH, 1914, p. 151). Crítico das idéias darwinistas (e neodarwinistas) e adotando, como Driesch, uma perspectiva teleológica, Johannes Von Üexküll, outro “mestre” de Reich na década de 1920, acreditava na existência de um “plano de construção” que imprimiria sua estrutura à matéria viva: “O plano de construção não é um objeto material, mas sim, a unidade das relações imateriais entre as partes de um corpo animal [...]” (ÜEXKÜLL, 1930, citado em CASSIRER, 1993, p. 243).

29). Mas as “leis naturais básicas” que governam a vida, a que Reich se refere, não eram, certamente, as que vinham sendo formuladas pela físico-química ou pela nascente ciência da genética.<sup>27</sup> Sabemos que o autor, em sua tentativa de entender “O que é a vida?”, nutria mais simpatia pelos biólogos vitalistas (que postulavam um princípio vital e uma lógica não-mecânica atuando nos estratos profundos do organismo vivo) do que pelos pesquisadores de orientação mecano-materialista (que procuravam explicar a vida pautando-se por descobertas e métodos extraídos do estudo do mundo inanimado). Admitindo a legitimidade dos questionamentos vitalistas, Reich, porém, sentia-se insatisfeito, como vimos, com a utilização de conceitos fortemente especulativos (“*élan vital*”, “enteléquia”) que não eram acessíveis à pesquisa experimental. Nunca teve dúvidas, porém, a respeito “de uma força criadora que governa a vida” (REICH, 1942/1989, p. 24). Reconheceu a existência da transformação das espécies, aceitou a ação da “seleção natural” (que atribuiu à “grande importância das influências ambientais”), mas jamais duvidou que a vida é direcionada por “leis básicas” – leis essas que designam, na perspectiva reichiana, princípios energéticos profundos, singulares e de caráter não-mecânico.

Na obra de Freud, foram novamente as noções de índole energética que chamaram a atenção de Reich. O jovem estudante de Medicina também sentiu-se atraído por outros aspectos da pesquisa freudiana, mas, como vimos anteriormente, ele acreditava que tais aspectos estavam subordinados ao “princípio do funcionamento da energia no aparelho psíquico”: “Foi o que distinguiu [Freud] dos demais psicólogos. Não tanto a descoberta do inconsciente.

---

<sup>27</sup> Foi em 1902 que o geneticista norte-americano Walter S. Sutton (1877-1916) “apresentou as primeiras provas conclusivas de que *os cromossomos contêm as unidades da hereditariedade e que eles ocorrem em pares distintos [...]*” (BRODY; BRODY, 1999, p. 339; grifo dos autores).

O inconsciente, a teoria do inconsciente, foi uma conseqüência, a meu ver, de um princípio que ele introduziu na Psicologia [...] [o] princípio científico natural da energia – a ‘teoria da libido’” (HIGGINS; RAPHAEL, 1972, p. 15). O conceito de energia, em Freud, não remetia, porém, a uma “força criadora” ou a um “princípio vital”; o médico vienense inspirou-se, como brevemente demonstramos, em certos modelos originários da Física. Nas funções mentais, diz Freud, é preciso distinguir “uma carga de afeto ou soma de excitação – que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo” (FREUD, 1894/1999b). Mesmo a fonte da “pulsão sexual”, especulou Freud, talvez estivesse relacionada a uma substância química que circula pelo organismo e se acumula em determinadas regiões, fazendo dessas regiões zonas erógenas.

O fato é que um outro dilema configura-se, assim, na pesquisa reichiana do início da década de 1920. Por um lado, Reich via sentido nas teses bergsonianas: o *élan vital* parecia-lhe uma tentativa de solucionar a incompatibilidade existente entre as formas conhecidas de energia e a peculiar energética do vivo, e ele acreditava que as hipóteses formuladas pelo filósofo francês expressavam, ao menos teoricamente, “o caráter basicamente *funcional* dos processos vitais” (REICH, 1948/1973b, p. 8; grifo do autor). Por outro lado, o jovem pesquisador identificou-se profundamente com os referenciais energetistas presentes na teoria freudiana, referenciais esses que, contudo, eram fortemente influenciados por uma físico-química que apenas aceitava a ação, no organismo vivo, das tradicionais formas de energia.

Reich, no início da década de 1920, herdou, em suma, um dilema que incomodava vários cientistas e que, sinteticamente, pode ser formulado da seguinte maneira: a “energética” do vivo está, afinal, profundamente ancorada em uma “força criadora”, “espontânea”, que inclusive é capaz de desenvolver novas formas orgânicas, ou nada mais representa do que um conjunto de energias estritamente físico-químicas, restritas às leis da causalidade material e semelhantes às que os cientistas haviam detectado no mundo inorgânico? Nessa encruzilhada, Reich ancorou-se, em termos práticos, na teoria freudiana da libido (mesmo que o conceito de libido também estivesse fora do âmbito da validação experimental), mas reteve, ao mesmo tempo, a idéia de uma “força criadora”. A noção de libido, em seu entendimento, estabelecia uma ponte com o pensamento científico dominante, proporcionava alguma concretude (ainda que teórica) e podia abrir um caminho em direção ao funcionamento biológico; o “*élan vital*” (Bergson), a “energia formadora” (Kammerer), a “enteléquia” (Driesch) eram conceitos que, por sua vez, indicavam os limites a que a Ciência Natural estava submetida quando se propunha a entender a especificidade do fenômeno “vida”.

Mas, dada essa pendulação, cabe indagar: nos primórdios de seu trabalho, Reich era um mecanicista ou um vitalista? Ou mesclou, em sua primeira formação intelectual, essas duas tendências? Ele mesmo dá a resposta:

Na época em que estudei medicina, eu era um mecanicista e meu raciocínio tendia a ser excessivamente sistemático. Entre as disciplinas pré-clínicas, interessei-me especialmente pela anatomia sistemática e a topográfica. Compreendi a fundo a anatomia do cérebro e de todo o sistema nervoso. Estava fascinado pela complexidade do sistema nervoso e pela engenhosa disposição dos gânglios [...]. Ao mesmo tempo sentia-me, porém, fascinado pela metafísica [...]. A versatilidade de meus interesses intelectuais



conduziu-me, posteriormente, a este princípio: ‘Todos têm razão de alguma maneira’ – é apenas uma questão de saber ‘como’ (REICH, 1942/1989, p. 24-25).<sup>28</sup>

Na tentativa de contextualizar as distintas e muitas vezes antagônicas direções teóricas que influenciaram os primórdios da obra reichiana, retomamos, a pouco, algumas proposições de Darwin (cientista que se opôs à idéia de que há princípios teleológicos guiando a transformação dos organismos vivos), depois comentamos certas idéias de Bergson (filósofo que fez menção a uma força criadora) e, logo acima, mencionamos a filiação de Freud ao pensamento científico dominante (pensamento esse que estava decidido a se livrar de conceitos de índole substancialista). Vimos, também, que as concepções energetistas de Reich pendulavam entre o vitalismo e o mecanicismo. O vitalismo agradava-lhe, pois essa corrente apostava em princípios biológicos específicos, realçava a importância do “todo organísmico” e chamava a atenção para uma singular lógica de funcionamento do vivo; o mecanicismo interessava-lhe, posto que essa doutrina exigia a comprovação experimental dos fenômenos e evitava pautar-se por concepções de índole metafísica.

Resta-nos, agora, conhecer as soluções teóricas que Reich encontrou, no princípio de sua obra, ao integrar orientações metodológicas tão distintas. Essa é a tarefa à qual nos dedicaremos no próximo capítulo.

---

<sup>28</sup> Temos privilegiado, nesta dissertação, as traduções das obras de Reich feitas para o inglês (geralmente, de ótima qualidade) e os textos que o próprio autor redigiu em língua inglesa. No caso do livro *The function of the orgasm*, temos cotejado a tradução norte-americana com duas outras: a versão para o francês, *La fonction de l'orgasme*, revisada pelo próprio autor (REICH, 1942/1986), e a versão portuguesa, *A função do orgasmo* (REICH, 1948/1979a). No trecho acima citado, as traduções francesa e portuguesa permitiram esclarecer algumas frases, não muito claras na versão em inglês.

## 4. FENOMENOLOGIA DA SENSACÃO DE PRAZER

“Meu ensaio ‘Sobre a energia das pulsões’ está com Freud – ele certamente balançará a cabeça e o devolverá”.

W. Reich - 05.12.1920, *Passion of Youth*.

No segundo capítulo desta dissertação, preocupamo-nos em retomar as hipóteses de Reich acerca de uma “energia primária” que se manifestaria no território inorgânico; no terceiro, abordamos os questionamentos formulados pelo autor, a respeito de “forças” específicas que atuariam na matéria viva. Também vimos, no capítulo anterior, que Reich sofreu, nos primeiros anos de sua produção, a influência de diferentes sistemas teóricos – biologia e filosofia vitalistas, teoria freudiana, medicina de orientação mecano-materialista –, tendo sido fortemente marcado pelas descobertas do médico Freud, pelas teorias dos biólogos Driesch e Kammerer, pelas idéias dos filósofos Lange e Bergson, entre outros autores que ele estudou no início de sua obra.

Averiguaremos, agora, uma importante tentativa reichiana de caminhar, no começo da década de 1920, do terreno das cogitações para o da pesquisa teórico-epistemológica. Pautando-se pela perspectiva energetista e esforçando-se em contemplar as principais orientações científicas e filosóficas que vinha estudando, o jovem psicanalista propôs-se a contribuir, nos primórdios de seu trabalho, para a ampliação do conceito freudiano de “pulsão”. Procedendo a uma detalhada investigação fenomenológica da “pulsão sexual”, Reich não apenas descreveu novos aspectos do fenômeno, como também, defrontou-se com questões de natureza epistemológica que foram fundamentais para o decurso de sua obra.

Iniciaremos nossas análises, neste quarto capítulo, retomando as primeiras descobertas de Reich acerca da cadência bioenergética da “pulsão”; para tal,

seguiremos, passo a passo, as elaborações publicadas pelo autor em 1923, no artigo “Zur Trieb-energetik” (*Sobre a energética das pulsões*). Vários fatores fazem desse artigo um importante objeto de estudo, para nós: (a) trata-se da única produção em que o jovem Reich expôs claramente, e procurou articular, as principais orientações científicas e metodológicas que alimentavam suas reflexões no início da década de 1920; (b) o trabalho traz novos entendimentos a respeito de um pilar da obra freudiana: a teoria das “pulsões”; (c) o escrito apresenta as primeiras proposições energetistas estritamente reichianas; (d) o texto suscitou, em seu autor, uma série de indagações de ordem epistemológica que acabaram dando origem à metodologia reichiana de pesquisa.

Considerado, pelo próprio Reich, como o marco inicial de sua obra, “Zur Trieb-energetik” é um trabalho que, até onde sabemos, não foi profundamente explorado pelos comentadores da produção reichiana. Assim, procuraremos, inicialmente, contribuir para uma melhor compreensão desse escrito de 1923, analisando-o detalhadamente e recorrendo, também, aos comentários ofertados pelo autor, em sua autobiografia científica de 1942, a respeito do artigo em questão.

Em um segundo momento, examinaremos as menções que Reich fez a “Zur Trieb-energetik” em um texto de caráter metodológico, publicado em 1950. Procuraremos, então, apontar novos aspectos do estudo reichiano sobre a energética das “pulsões”, resgatando informações que apenas foram reveladas pelo autor na maturidade de sua obra. Procuraremos, também, analisar a importância capital desse trabalho de 1923, para as pesquisas epistemológicas reichianas.

Por fim, discutiremos a maneira pela qual Reich, ao averiguar “o enigma da pulsão”, interconectou pensamento filosófico, crítica epistemológica e produção

científica, estabelecendo, ao mesmo tempo, interfaces entre diversas áreas do saber (Sexologia, Psicanálise, Fenomenologia, Epistemologia, Biologia, Fisiologia Sexual).

#### 4.1 TRIEB-ENERGETIK

O estudo que doravante analisaremos – “Zur Trieb-energetik” (*Sobre a energética das pulsões*) –, foi apresentado por Reich, em 08 de junho de 1921, durante uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena. Em 1923, o material foi publicado, na forma de artigo, no vol. 10 da *Zeitschrift für Sexualwissenschaft*.

Até onde sabemos, o artigo recebeu três traduções, duas para a língua inglesa e uma, para o idioma francês:

- “The energetic of drives” (REICH, 1923/1955). Essa versão de “Zur Trieb-energetik” foi publicada em junho de 1955 no primeiro número da revista *Orgonomic Medicine*, compêndio editado nos EUA por Reich e seus colaboradores. Vivendo em solo norte-americano desde 1939, o autor certamente acompanhou a tradução do material, do idioma alemão para a língua inglesa.
- “Concerning the energy of drives” (REICH, 1923/1975a). Essa segunda versão para o inglês, que apresenta várias diferenças em relação à tradução acima citada, integra a obra *Early Writings - Vol. 1*. Publicado nos EUA em 1975, esse conjunto de “primeiros escritos” reúne vários trabalhos significativos, mas não todos, que o autor produziu no período 1919-1925.

- “Sur l’énergie des pulsions” (REICH, 1923/1976). A versão francesa de “Zur Trieb-energetik” acha-se inserida na antologia *Premiers Écrits 1*. Publicada na França em 1976, essa obra é idêntica, no que se refere à seleção de trabalhos, à edição norte-americana dos “primeiros escritos” de Reich. A tradução, de acordo com os editores, foi feita diretamente do alemão para o francês.

Para nossas análises, aqui, resolvemos cotejar sistematicamente as três traduções. As citações que fizemos ao artigo foram traduzidas, na maior parte das vezes, da versão francesa, a mais afinada com os padrões terminológicos utilizados, nas últimas décadas, na literatura psicanalítica brasileira. Houve momentos, porém, que precisamos recorrer à versão norte-americana de 1955 (por apresentar, de forma mais clara, algumas passagens complexas do texto e por ser a única a não “sumir” com um trecho do artigo) ou à de 1975 (por favorecer, também, a inteligibilidade).<sup>29</sup>

No que se refere ao título do artigo, cabe realçar que, das três versões de “Zur Trieb-energetik”, apenas a primeira (“The energetic of drives”), preservou o sentido original do termo alemão *energetik* (é bem provável que Reich tenha revisado essa primeira tradução do artigo para a língua inglesa). A segunda tradução norte-americana verteu *energetik* por *energy* (“Concerning the energy of drives”) e a francesa, de forma idêntica, optou por *énergie* (“Sur l’énergie des pulsions”). Ao utilizar a palavra *energetik* no título de seu trabalho, Reich pretendia, certamente, realçar o aspecto dinâmico, processual e seqüencial das

---

<sup>29</sup> Para nossos objetivos, neste capítulo, o ideal seria que trabalhássemos com o texto original. O fato de não estarmos suficientemente familiarizados com a língua alemã forçou-nos, porém, a utilizarmos as versões norte-americanas e francesa.

“pulsões”. Ele também tinha em mente, como veremos adiante, a questão da “energia das pulsões”, mas o termo *energetik*, por sugerir dinamismo e movimento, certamente expressa com mais propriedade o intento reichiano.<sup>30</sup>

Um segundo conceito – *Trieb* –, presente no título do artigo e objeto de estudo do texto de Reich, merece, também, algumas considerações. Muitas vezes vertido, nas línguas românicas, por termos que remetem à “instinto”, o vocábulo alemão *Trieb*, como indica o tradutor Paulo César de Souza, apresenta, contudo, diversas acepções: “impulso, ímpeto, inclinação, propensão, pressão, movimento, vontade e (em botânica) broto ou rebento” (notas de SOUZA em NIETZSCHE, 1886/1998, p. 216). Souza observou, ainda, que a palavra inglesa *drive* tem a mesma origem de *Trieb* (nas duas versões norte-americanas de “Zur *Trieb-energetik*”, *Trieb* foi, de fato, traduzido por *drive*). No âmbito da literatura psicanalítica, o vocábulo alemão *Trieb* é geralmente vertido, para nossa língua, como “pulsão”. Estudiosos e tradutores vêm discutindo, há muito, a complexidade conceitual que envolve, na obra de Freud, o vocábulo em questão. Laplanche e Pontalis, por exemplo, insistiram que a tradução de *Trieb* por “instinto” não faz jus ao pensamento freudiano, pois o médico vienense, ao utilizar o termo *Trieb*, não teria se referido a comportamentos pré-fixados hereditariamente, mas sim, a um “ímpeto” propriamente humano, colorizado por determinantes únicos em cada indivíduo.

No que tange à obra de Reich, seria mais adequado, a nosso ver, traduzir *Trieb* por “impulso”. Por remeter à Física, “impulso” é um vocábulo que está, certamente, mais sintonizado com a perspectiva científico-natural que o autor

---

<sup>30</sup> Como vimos no capítulo 2, o químico alemão Wilhelm Ostwald, um dos expoentes do “energetismo”, utilizou o termo *Energetik* para designar sua linha de pesquisa.

desejou imprimir às suas pesquisas, desde o início da década de 1920. Mas se adotássemos, para os escritos psicanalíticos de Reich, a tradução de *Trieb* por “impulso”, acabaríamos introduzindo, em nossas análises, algumas complicações terminológicas e conceituais. Para o bem ou para o mal, a palavra “pulsão” acabou se consagrando, e acreditamos que uma certa confusão surgiria se utilizássemos “pulsão” para indicar a *Trieb* em Freud e “impulso”, para designar a *Trieb* em Reich.

Em função dos problemas acima mencionados, manteremos, aqui, a usual tradução de *Trieb* por “pulsão”, sempre inserindo, porém, aspas no vocábulo, exceto em citações diretas de autores.

Além dessas questões terminológicas e conceituais, cumpre mencionar, ainda, que “Zur Trieb-energetik” é um dos textos mais complexos do período psicanalítico de Reich, se não, de toda a sua obra. A conexão entre os diversos módulos temáticos do artigo nem sempre é evidente e, em algumas frases, a falta de clareza obstaculiza sobremaneira o trabalho de decifração. O próprio Reich, aliás, comentou as dificuldades que seus pares encontraram em relação ao material: “Recordo-me que [‘Zur Trieb-energetik’] não foi compreendido. Daí em diante, apresentei apenas material clínico e abster-me de ensaios teóricos” (REICH, 1942/1989, p. 53). Por outro lado, o autor enfatizou, em vários momentos de sua obra, a importância teórica e metodológica do artigo (REICH, 1923/1955; REICH, 1942/1989; REICH, 1950/1990c).

Analisaremos, a seguir, o texto reichiano de 1923, levando em consideração, também, os comentários que Reich fez, em sua autobiografia científica de 1942, a respeito do trabalho. O autor dividiu “Zur Trieb-energetik” em cinco seções; acompanharemos, aqui, essa divisão.



#### 4.1.1 *Parte 1: A importância da metapsicologia*

Reich inicia seu artigo retomando a importância capital da metapsicologia freudiana. Freud criou o termo metapsicologia, de acordo com Laplanche e Pontalis,

para designar a psicologia por ele fundada, considerada na sua dimensão mais teórica. A metapsicologia elabora um conjunto de modelos conceituais mais ou menos distantes da experiência, tais como a ficção de um aparelho psíquico dividido em instâncias, a teoria das pulsões, o processo de recalçamento, etc. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 361-362).

No texto *O inconsciente*, de 1915, Freud havia sugerido que, ao se descrever “um processo psíquico em seus aspectos dinâmico, topográfico e econômico, passemos a nos referir a isso como uma apresentação metapsicológica” (FREUD, 1915/1999d).

Reich, em “Zur Trieb-energetik”, salientou que os pontos de vista tópico (ou topográfico), dinâmico e econômico possibilitam uma “classificação científica” das constelações normais e patológicas, e de sua evolução; e resumiu aquela tríade de referências da seguinte forma:

1) Tópico: Permite que idéias, pensamentos ou impulsos do material inconsciente (recalcado) sejam coordenados com o pré-consciente (o material acomodado ao ego e que pode ser conduzido à consciência a qualquer momento) e com o consciente (o conteúdo psíquico que se encontra momentaneamente na consciência). 2) Econômico: Controla as variações da quantidade de excitação, a constelação prazer-desprazer. 3) Dinâmico: Tem por tarefa examinar as flutuações quantitativas e qualitativas das moções pulsionais, revelar as reivindicações pulsionais recalçadas e repressoras e, com a ajuda do ponto de vista econômico, reconstruir a gênese da constelação pulsional atual a partir da história infantil (REICH, 1923/1976, p. 154).

Destacando o empenho de Freud em alcançar uma visão dinâmica e causal dos fenômenos mentais, Reich observa que a “psicologia profunda” freudiana avançou significativamente em relação às abordagens que se limitavam à apreensão fenomenológica dos eventos psíquicos:

[A concepção metapsicológica] deve ser diferenciada da psicologia descritiva, que parte da fenomenologia psíquica. Esta última pode ser classificada de psicologia do ‘como’, e a primeira de psicologia do ‘porquê’. Por exemplo: no que se refere à posição adotada sobre a imaginação e a percepção nas alucinações paranóides, a psicologia profunda não se detém no ‘como’, mas tenta descobrir ‘porquê’ elas se produzem [...] (REICH, 1923/1976, p. 155).

#### 4.1.2 *Parte 2: A teoria freudiana das “pulsões”*

O autor principia a segunda seção de “Zur Trieb-energetik” reafirmando que a concepção metapsicológica e o método clínico da associação livre permitiram a elaboração de “um conceito de pulsão ao qual a psicologia descritiva nunca pôde chegar” (REICH, 1923/1976, p. 155).

A teoria das “pulsões” é central na obra de Freud e foi adotada, por Reich, como linha condutora de seu artigo. Dada a importância dessa teoria para o entendimento das questões abordadas em “Zur Trieb-energetik”, iremos revisá-la brevemente, logo abaixo. Para essa síntese, recorreremos aos escritos freudianos e, também, a um outro estudo redigido por Reich no começo de seu trabalho: “Trieb und Libidobegriffe von Forel bis Jung” (*Conceitos de pulsão e libido, de Forel a Jung*) (como comentamos no capítulo anterior, esse texto foi apresentado por Reich, em 1919, ao Seminário de Sexologia de Viena, tendo sido publicado em 1922). Consultando a autobiografia científica de Reich, *The function of the orgasm*,

resgataremos, ainda, a maneira pela qual o autor interpretou, nos primórdios de sua obra, a noção de “pulsão”.

De acordo com a teoria freudiana, a “pulsão” nasce da “organização somática” (FREUD, 1940/1999c). Um raio de luz que incide sobre o olho não é uma “pulsão”, mas o são, por exemplo, “a secura da membrana mucosa da faringe ou a irritação da membrana mucosa do estômago” (FREUD, 1915/1999e). A “fuga muscular”, expediente ao qual o indivíduo pode recorrer para se proteger e se desembaraçar das excitações externas, de nada vale em relação à “pulsão”, posto que, no entendimento de Freud, os estímulos pulsionais são gerados internamente e exercem uma força contínua.

Retomando as idéias que Freud formulou em 1915 no texto *A pulsão e os destinos da pulsão*, Reich procurou explicar, aos colegas do Seminário de Sexologia, a diferença existente entre a excitação física que vem de fora, e a de origem pulsional:

Um estímulo externo pode ser comparado a um impacto único. Mesmo quando parece ter uma atividade contínua, ele pode, sob um exame mais detalhado, ser decomposto em impactos individuais, os quais, por sua vez, parecem ser de natureza estática. As pulsões, ao contrário disso, caracterizam-se por sua força constante, insistente, força essa que, quando muito, pode variar quantitativamente (REICH, 1922/1975b, p. 104).

Produzida internamente, inacessível ao mecanismo da “fuga muscular” e manifestando-se de forma contínua, a “pulsão”, segundo Freud, pode ainda ser caracterizada por quatro elementos. Em *A pulsão e os destinos da pulsão* ele fez referência a uma fonte (processo somático em um órgão ou parte do corpo, que dá origem à “pulsão”), a um alvo ou objetivo (a supressão da excitação ou estado de

tensão que impera na fonte da “pulsão”), a um objeto (do mundo exterior ou um órgão do próprio corpo) por meio do qual a “pulsão” pode atingir seu alvo, e a uma força ou pressão (“fator motor” da “pulsão” que impõe, ao aparelho psíquico, uma determinada “exigência de trabalho”).

Freud considerou a “pulsão” como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, “como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (FREUD, 1915/1999e). Analisando o aspecto inovador, na obra freudiana, desse “conceito-limite”, o psicanalista Renato Mezan afirma:

Freud está propondo que a pulsão ‘representa’ no plano mental as forças orgânicas. O termo *representação* é ambíguo; devemos eliminar imediatamente qualquer conotação intelectualista, pois a pulsão é completamente inconsciente. A idéia de representação parece-nos aludir aqui à tradução, para uma outra ordem de realidade psíquica, das exigências corporais; mas esta tradução se parece mais a um texto bilíngüe, em que o original aparece ao lado de sua versão, pois a pulsão conserva uma face voltada para o somático, ou, na linguagem de Freud, para as forças ‘orgânicas’ (MEZAN, 1987, p. 159-160; grifo do autor).

O fundador da Psicanálise especulou, também, sobre uma possível natureza bioquímica da “pulsão”. Reich fez questão de lembrar essa cogitação em seu comunicado ao Seminário de Sexologia:

Freud acredita que a fonte da pulsão sexual encontra-se em uma substância química, especificamente sexual, que circula em nosso organismo e cuja acumulação em algumas regiões (glande do pênis, clitóris, boca, ânus) faz com que tais regiões se tornem zonas erógenas (REICH, 1922/1975b, p. 107).

No texto *Introdução ao narcisismo*, publicado em 1914, Freud é claro sobre a esperança que depositava nos fatores orgânicos: “[...] todas as nossas concepções psicológicas provisórias haverão de, em algum momento, se apoiar em substratos orgânicos e consideraremos então verossímil que sejam substâncias e processos químicos especiais que realizem as operações da sexualidade”; a Psicanálise, no entanto, substituiu “as substâncias químicas especiais por energias psíquicas especiais” (FREUD, 1914/1973a, p. 2020). Ainda que não tenha se dedicado, ao longo de sua obra, a averiguar experimentalmente aquela hipótese bioquímica, Freud estudou de forma detalhada os aspectos estritamente humanos associados ao fenômeno da “pulsão”.

Quando alcança o território psíquico a “pulsão” se coliga a “representações” que condicionam a escolha do objeto e as formas de satisfação: “a pressão interna, de início indeterminada, sofrerá um destino que a assinala com traços altamente individualizados” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 509). Enquanto a esfera instintual remete a comportamentos pré-fixados e à busca por “objetos” previamente determinados, a “pulsão”, no entendimento de Freud, está atrelada a uma série de variáveis: a singularidade da história pessoal (com ênfase nas vicissitudes das excitações e representações inconscientes que se estabelecem na infância), as contingências associadas aos objetos e a plasticidade das modalidades individuais de satisfação.

Ao chamar atenção para a existência de uma sexualidade na infância, Freud demonstrou que elementos dessa sexualidade se mantêm na vida adulta, podendo ressurgir de diversas formas: nas preliminares do ato sexual, em sintomas neuróticos que expressam formas disfarçadas de representações sexuais infantis, em comportamentos perversos, entre outras. A sexualidade, na perspectiva

freudiana, extrapolou, assim, a concepção dominante de que a experiência sexual responde tão-somente a um instinto determinado biologicamente, instinto esse que, em pessoas tidas como normais, deveria necessariamente conduzir à união dos órgãos genitais em parceiros de sexo oposto. Apenas na puberdade, concluiu Freud, as “pulsões parciais” (orais, anais etc.) tem a possibilidade de se subordinarem à primazia da “pulsão genital”. Reich, em “Trieb und Libidobegriffe von Forel bis Jung”, explicou da seguinte forma a continuidade da “pulsão oral” da infância, na vida adulta:

A sucção, a atividade erótica-oral, é a primeira atividade sexual do bebê; inicialmente ela se associa à pulsão de alimentação, mas logo se separa desta última, para se tornar uma satisfação independente. A natureza sexual da sucção não deixa dúvidas quando se observa uma criança (com ‘faces rosadas e olhos distantes que miram fixamente a imensidão’) sugando sua chupeta e, imediatamente depois, caindo exausta em sono profundo. Freud notou que estes são sintomas orgásticos observáveis em adultos e que o incremento da vasodilatação, o rebaixamento da receptividade aos estímulos externos e a queda no sono profundo são sempre manifestações de origem sexual. No adulto, a atividade erótica-oral se mantém na busca por uma ação sexual homóloga, e nós a reencontraremos na forma do beijo (o ‘beijar bem’) (REICH, 1922/1975b, p. 96).

Freud postulou, ao longo de sua obra, dois dualismos pulsionais. A primeira oposição foi claramente formulada em 1910: “pulsões sexuais” e “pulsões de autoconservação”. As “pulsões sexuais”, de acordo com o médico vienense, estão a serviço da consecução do prazer erótico e da procriação; ainda que não estejam necessariamente associadas à reprodução (dado seu aspecto contingente que as diferencia de instintos determinados hereditariamente), elas têm por objetivo, em última análise, a conservação da espécie. As “pulsões de autoconservação”, por sua

vez, remetem à manutenção e sobrevivência básica do indivíduo, visando satisfazer necessidades como a fome e a sede (também “pulsões”, segundo Freud).

O segundo dualismo “pulsional” foi apresentado em 1920 (esse é o ano, também, em que Reich foi formalmente aceito como membro da Sociedade Psicanalítica). Em *Para além do princípio do prazer*, Freud fez referências às “pulsões de vida” e “pulsões de morte”. As “pulsões de vida” buscam “manter a coesão das partes da substância viva” (FREUD, 1920/1985, p. 110), apresentando um caráter construtivo e agregador; as “pulsões sexuais” são suas “mais puras representantes” (FREUD, 1920/1985, p. 164). As “pulsões de morte”, por outro lado, pressionam no sentido da descarga de toda a excitação do organismo; desagregadoras e destrutivas, procuram resgatar a condição inorgânica e inanimada que antecedeu e propiciou o surgimento da vida.

Comentando os dois dualismos pulsionais, Gilberto Gomes, professor na Universidade Estadual do Norte Fluminense, destaca a importância dada por Freud à esfera somática:

[As duas teorias das pulsões] vêm as pulsões como fortemente alicerçadas no nível orgânico da vida. Na primeira teoria, a fonte somática e o alvo último da satisfação mostram as pulsões, tanto de autoconservação quanto sexuais, como profundamente dependentes de fenômenos biológicos. Na segunda, as pulsões são tendências gerais da própria matéria orgânica, que se refletem na vida psíquica. Ao se aprofundar no estudo das pulsões, a teoria freudiana coloca-se na fronteira de outros campos do conhecimento. Freud, aliás, expressou mais de uma vez a esperança de que uma contribuição maior para o conhecimento das pulsões pudesse vir de outras áreas do conhecimento, e especificamente, das ciências biológicas [...] (GOMES, 2001, p. 12).

Mas, voltemos a Reich. Descrevendo, em sua autobiografia científica de 1942, a “sexologia freudiana”, o autor relata a maneira pela qual ele próprio interpretou a dinâmica do “instinto”:

Freud disse: Não sabemos compreender concretamente o que é o instinto. O que experienciamos são apenas derivados do instinto: idéias sexuais e afetos. O instinto, em si mesmo, repousa profundamente no âmago biológico do organismo; ele se torna manifesto como uma necessidade afetiva de satisfação. Sentimos a necessidade de relaxamento, mas não o instinto em si mesmo. Eis aí um pensamento profundo que não foi compreendido nem pelos simpatizantes, nem pelos inimigos da Psicanálise; constituía uma base científico-natural sobre a qual se podia construir com segurança. Interpretei Freud da seguinte maneira: é perfeitamente lógico que o instinto em si mesmo não nos possa ser consciente, pois é ele que nos rege e governa. Somos o seu objeto. Tomemos a eletricidade. Não sabemos o que ela é e como se origina; reconhecemos apenas suas manifestações, tais como a luz e o choque elétrico. [...] Assim como a eletricidade apenas pode ser medida por meio de suas manifestações energéticas, os instintos apenas podem ser reconhecidos por meio de suas manifestações afetivas (REICH, 1942/1989, p. 29-30).<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> No trecho acima citado, a noção de instinto aparece em todas as traduções de *Die Entdeckung des Orgons...* (“A função do orgasmo”) que pudemos consultar: *instinct* é o termo encontrado nas versões norte-americana e francesa, e *instinto* nas versões portuguesa e espanhola. Apenas o acesso ao texto original dessa autobiografia – o que não nos foi possível realizar – permitiria esclarecer se Reich utilizou, em sua escrita, *Instinkt* ou *Trieb*. Tudo leva a crer, porém, que o autor, em determinados momentos de seus escritos da maturidade, usou de forma equivalente as noções de instinto e impulso para designar o conceito freudiano de *Trieb*. Na tradução norte-americana dessa autobiografia de 1942, encontramos, por exemplo, a seguinte frase, relativa às pesquisas que culminaram no artigo “Zur Trieb-energetik”: “On the basis of my biological studies, and in accordance with Freud’s definition of *instinct*, I ventured to investigate a puzzling aspect of the pleasure-unpleasure problem” (REICH, 1942/1989, p. 51; grifo nosso). Duas páginas adiante, em um trecho que ainda remete a “Zur Trieb-energetik”, surge o termo *drive*: “With my clinical-theoretical solution of the problems of drive, I had come very close to the border line of mechanistic thinking” (REICH, 1942/1989, p. 53). Cumpre lembrar, ainda, que o próprio Reich estabeleceu, no período 1928-1934, um dualismo de forças – “impulsos primários” (cuja fonte é bioenergética) e “impulsos secundários” (que resultam da supressão patológica das forças instintuais). De acordo com o autor, “Os impulsos primários geram um ‘sentimento de satisfação’, isto é, uma redução objetiva no nível de energia. Os impulsos secundários não produzem qualquer satisfação no cerne do organismo” (REICH, 1950/1990c, p. 19).



Em “Zur Trieb-energetik”, Reich se dedicou especialmente à faceta biológica da “pulsão”: “a definição freudiana de pulsão (‘A pulsão é um conceito limite entre o psíquico e o somático’) demonstra que, além do aspecto psicológico, os aspectos biológicos e fisiológicos são indispensáveis para clarificar as coisas” (REICH, 1923/1976, p. 155). Tomando como referência os escritos de Freud, trabalhos redigidos por outros psicanalistas e, também, estudos médicos da época, Reich manifestou esperanças de que “a antiga teoria psicanalítica das zonas erógenas [...] seja, um dia, solidamente fundada em uma base fisiológica” (REICH, 1923/1976, p. 156).

#### 4.1.3 *Parte 3: A identidade “pulsão”-prazer*

O conceito de “pulsão”, ao apontar tanto para o domínio psicológico, quanto para a esfera somática, coloca em pauta, inevitavelmente, o antigo problema da relação corpo-mente. Reich começa a terceira seção de seu artigo resgatando algumas noções, sobre a interconexão soma-psique, formuladas pelo filósofo francês Henri Bergson e pelo biólogo alemão Richard Semon. Em “Zur Trieb-energetik” fica evidente, como veremos adiante, o quanto Semon e Bergson, além de Freud, influenciaram as primeiras pesquisas reichianas.

Para contextualizarmos as proposições apresentadas no artigo de 1923, achamos por bem retomar, uma vez mais, noções formuladas por Bergson e concepções elaboradas por Semon, posto que as idéias desses dois autores nem sempre são explicitadas, com clareza, no escrito reichiano.

Em “Zur Trieb-energetik”, Reich se mostra preocupado com o grau de eficiência do paralelismo psicofísico, julgando que “se tornou muito difícil defender essa doutrina”; avalia, ainda, que outros entendimentos sobre a conexão soma-psique – como, por exemplo, os que haviam sido oferecidos por Bergson em

sua análise das disfunções afásicas – “tornaram-se cada vez mais importantes” (REICH, 1923/1976, p. 157; REICH, 1923/1975a, p. 146).

A doutrina do paralelismo psicofísico considera, em linhas gerais, que mente e corpo são dois processos independentes, sem correlação causal, mas correspondentes. Essa concepção inspirou-se no célebre dualismo cartesiano; Descartes, aliás, foi um dos pensadores que mais influenciou, a partir do século XVII, os debates sobre as possíveis conexões entre corpo e mente.

Um dos fundadores da ciência moderna e um dos principais desenvolvedores da “filosofia mecanicista”, Descartes postulou que o “espírito” ou “alma” é a sede do “eu pensante”; acreditava, inclusive, que é “este ‘eu’ que me faz ser o que sou”. E à pergunta “Que sou eu então?” o filósofo deu a famosa resposta: “nada sou, pois, falando precisamente, senão uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão [...]” (DESCARTES, 1641/1983, p. 94).

A “coisa que pensa” Descartes a separou nitidamente, em dado momento de sua obra, do corpo. De um lado, situou a “coisa pensante não extensa” (o eu consciente seria desprovido de extensão, ou seja, comprimento, largura e profundidade, as propriedades físicas que, na concepção do filósofo, definem a matéria); de outro, situou o corpo, “coisa extensa, não pensante”. Embora tenha admitido, também, que “experimentamos outras coisas dentro de nós que não podem referir-se só à mente ou só ao corpo”, coisas essas que surgem “da união íntima entre nossa mente e nosso corpo” (DESCARTES, 1644, citado em COTTINGHAM, 1995, p. 117), o pensador francês diferenciou nitidamente o eu-pensante e o corpo-material e estabeleceu uma identidade entre o pensar e o existir, formulada no célebre *Cogito ergo sum* (penso, logo existo). A “substância

pensante”, além de hierarquicamente superior em relação ao corpo, também seria, essencialmente, incorpórea.<sup>32</sup>

Bergson também se preocupou com o “problema da relação do espírito com o corpo”; na tradição de Lange e também dos espiritualistas que criticavam a arrogância positivista, o filósofo francês propôs-se a analisar, em *Matière et mémoire* (“Matéria e memória”), os limites da concepção paralelista. Investigando as conexões que se estabelecem entre o cérebro e a consciência, o pensador afirmou:

Que há solidariedade entre o estado de consciência e o cérebro, é algo incontestável. Mas também há solidariedade entre a roupa e o cabide ao qual ela está presa, pois caso se retire o cabide, a roupa cai. Dir-se-ia, a partir disso, que a forma do cabide desenha a forma da roupa ou que nos permite, de alguma forma, pressenti-la? Assim, de o fato psicológico estar preso a um estado cerebral, não se pode concluir um ‘paralelismo’ das duas séries, psicológica e fisiológica. Quando a filosofia pretende fundamentar esta tese paralelista em dados da ciência, ela produz um verdadeiro círculo vicioso: pois, se a ciência interpreta a solidariedade, que é um fato, no sentido do paralelismo, que é uma hipótese (e uma hipótese muito pouco inteligível), isso ocorre, consciente ou inconscientemente, por razões de ordem filosófica. Isso se dá porque a ciência se habituou, por uma certa filosofia, a crer que não há uma hipótese mais plausível, mais adaptada aos interesses da ciência positiva (BERGSON, 1911/1984e, p. 164).

Sem negar, como se vê pela citação acima, que a consciência está de alguma forma ligada ao cérebro, Bergson, no entanto, insistiu que ela não pode ser totalmente reduzida àquele órgão. Apenas uma ínfima parte da vida anímica

---

<sup>32</sup> Porém, em uma carta de 12 de janeiro de 1646 Descartes afirmou que “a suposição de que, sendo alma e corpo duas substâncias de natureza diferente isso as impede de interagir, é falsa e não pode, de modo algum, ser aprovada” (DESCARTES, 1646, citado em COTTINGHAM, 1995, p. 118).

estaria relacionada ao metabolismo cerebral, e ao cérebro não caberia, segundo o filósofo, desenhar todos os detalhes da consciência. Assim, não haveria razões para se postular um estrito paralelismo psicofísico, como se os estados anímicos correspondessem, termo a termo, aos estados cerebrais. Ao cérebro caberia principalmente “engancha” o pensamento, mantendo-o, dessa forma, em contato com o presente e com a realidade. Entre a vida anímica e a vida do corpo haveria, na visão do pensador francês, muito mais do que um paralelismo de funções – ocorreria, na verdade, uma relação de “solidariedade”.

Como mencionamos anteriormente, Reich reconheceu, em “Zur Triebenergetik”, que era “muito difícil” defender a doutrina do paralelismo; afirmou, também, que as idéias de Bergson vinham se tornando “cada vez mais importantes”. Ainda assim reconheceu, em seu artigo de 1923, o valor das séries paralelas:

[...] sinto-me obrigado a não abandonar totalmente a teoria do paralelismo; é uma boa hipótese de trabalho, a despeito do fato de que se deve ter sempre em mente que se opera, aqui, da mesma maneira que com a teoria atômica em Física. As leis fundamentais da geometria euclidiana foram uma base fecunda para todas as realizações técnicas modernas; nada parecia mais sólido, mais bem verificado ou mais inabalável do que elas. Entretanto, o espírito crítico de Einstein conseguiu refutá-las. Pode-se ampliar ainda mais a analogia: mesmo duas linhas paralelas encontram-se no infinito. (REICH, 1923/1976, p. 157).

Talvez por não ter encontrado uma aplicação prática para a relação de “solidariedade” psicofísica proposta por Bergson, o autor declara, em “Zur Triebenergetik”, que adotará como ponto de partida, em suas análises, as concepções paralelistas professadas por Richard W. Semon (1859-1918), médico e biólogo

alemão que, entre outras pesquisas, dedicou-se a estudar a questão da memória. O jovem psicanalista havia se deparado com as idéias de Semon ao investigar o que outros pesquisadores, além de Freud, tinham a dizer sobre os fenômenos mnêmicos e os “instintos”.

As investigações do biólogo alemão sobre o funcionamento da memória, ainda hoje pouco conhecidas, foram contudo aclamadas como inovadoras não apenas por Reich, mas também, pelo filósofo e matemático Bertrand Russell (1872-1970) e o psicólogo da *Gestalt*, Kurt Koffka (1886-1941), entre outros autores. De acordo com os relatos reichianos, Semon privilegiou a perspectiva “funcional” (não-mecanicista) ao optar por análises de caráter global e ao não se limitar à químico-física. Reich reconheceu, ainda, que o biólogo alemão “influenciou consideravelmente” o seu pensamento (REICH, 1996b, p. 64).

Pautando-se pela biologia evolucionista, Semon desenvolveu uma brilhante carreira como zoólogo marinho e naturalista; mas foi com negatividade que a maior parte da comunidade científica recebeu, na primeira década do século passado, seus dois trabalhos a respeito da memória. Em *Die Mneme* (“O mneme”), publicado em 1904, o biólogo abordou os fenômenos mnêmicos em um sentido amplo, defendendo a tese de que os mecanismos da memória e da hereditariedade são idênticos; em *Die Mnemischen Empfindungen* (“As sensações mnêmicas”), que veio a lume em 1909, o cientista se dedicou, especificamente, a investigar a memória humana. Foram essas as obras que contribuíram para as primeiras pesquisas de Reich e receberam, também, os aplausos de autores como Russell e Koffka.

Para elucidarmos as idéias formuladas por Reich em “Zur Trieb-energetik”, resgataremos, mais à frente, algumas concepções de Semon sobre os processos mnêmicos. Por ora, cabe destacar que o biólogo alemão era adepto de um certo

paralelismo psicofísico que chamou a atenção do jovem Reich. Referenciando-se por *Die Mneme* e *Die Mnemischen Empfindungen*, o autor adotou, em seu artigo de 1923, o seguinte pressuposto: “Partimos do ponto de vista de Semon de que toda sensação é acompanhada de um processo paralelo de excitação fisiológica no órgão correspondente, e que a sensação é, assim, o aspecto psíquico do estímulo fisiológico” (REICH, 1923/1976, p. 157). De fato, o biólogo alemão levou em conta, em suas pesquisas, que a sensação representa uma faceta psicológica da excitação, “uma das muitas formas pelas quais as excitações materiais fazem-se conhecidas a nós” (SEMON, 1904/1921, p. 281).

Após definir seu ponto de partida psicofísico, Reich passa a discorrer, em “Zur Trieb-energetik”, sobre a questão da intensidade da sensação de prazer. Dois fatores, um interno e outro, externo, determinariam a magnitude da sensação: a força e duração dos estímulos provenientes do meio e a ação das “substâncias sexuais” (essas substâncias, de acordo com uma especulação freudiana que já mencionamos aqui, circulariam pelo corpo e se acumulariam em algumas regiões, fazendo delas zonas erógenas).

Tomando por base o texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Reich comenta que o acúmulo das substâncias sexuais “pode se manifestar como uma tensão agradável que é experimentada, ao mesmo tempo, como desagradável, e impele à descarga da tensão” (REICH, 1923/1976, p. 157-158)

O fenômeno da “tensão de prazer” – a tensão que é experienciada, simultaneamente, como prazerosa e desprazerosa – é um dos temas centrais de “Zur Trieb-energetik”. Freud, em 1905, havia apresentado a questão da seguinte forma:

A característica tensão da excitação sexual apresenta um problema cuja solução é tão difícil quanto importante para a compreensão dos processos sexuais. A despeito das diferenças de opinião que se apresentam, atualmente, na Psicologia, eu mantenho que o sentimento de tensão precisa conter, em si, uma qualidade desprazerosa. Para mim, o decisivo é que tal sentimento traz consigo o impulso de mudança da situação psicológica, agindo como uma força pulsional que é completamente estranha à natureza do prazer experienciado. Mas, se a tensão da excitação sexual for classificada entre os sentimentos de desprazer, defrontamo-nos então com o fato inegável de que a tensão sexual é sentida como prazerosa. Sem exceção, o prazer manifesta-se simultaneamente à tensão produzida pelos processos sexuais. Mesmo nas manifestações preparatórias nos órgãos genitais, um tipo de satisfação é claramente percebido. De que forma, então, estão relacionados essa tensão desprazerosa e esse sentimento de prazer? (FREUD, 1905, citado em REICH, 1923/1955, p. 8-9).<sup>33</sup>

Procurando responder à pergunta formulada por Freud (“De que forma, então, estão relacionados essa tensão desprazerosa e esse sentimento de prazer?”), Reich ponderou que, nas situações em que o indivíduo espera alcançar um considerável prazer futuro, fantasiando uma intensa satisfação, dá-se não somente um aumento de tensão, mas também, pequenos e concomitantes alívios:

Se, por exemplo, viajo a trabalho para uma região devastada, tendo uma missão importante que pouco me entusiasma pessoalmente, a tensão que resultará disso fará com que eu cumpra minha tarefa o mais rapidamente possível, e ela será desagradável. Mas tudo é diferente se alguém que amo me espera no lugar para onde estou me dirigindo; talvez a tensão seja maior, mas ela também será, parcialmente (dada a expectativa do reencontro) agradável. Minha viagem me trará algo de positivo. Reconhecemos, portanto, que toda tensão originada no ego é desagradável na medida em que componentes sexuais não entram em jogo (REICH, 1923/1976, p. 157).

---

<sup>33</sup> Optamos, aqui, por uma citação indireta aos “Três ensaios...”, pois encontramos, na primeira versão norte-americana (1955) de “Zur Trieb-energetik”, a tradução mais inteligível do trecho freudiano em questão.

Reich chama atenção para a constatação freudiana de que, na tensão sexual, desprazer e prazer se alternam todo o tempo. O sentimento de desprazer estaria, certamente, associado ao aumento do nível de tensão; a sensação de prazer, por sua vez, seria decorrente de concomitantes e pequenas descargas: “O prazer que assim é adquirido, ainda que seja mínimo, confere o caráter de prazer à tensão” (REICH, 1923/1976, p. 158-159).<sup>34</sup>

Como temos visto, é marcante, em “Zur Trieb-energetik”, a influência do texto freudiano *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Referindo-se, nesse trabalho de 1905, ao prazer advindo da “excitação das zonas erógenas” e ao prazer que é produzido pela “expulsão das substâncias sexuais”, Freud afirma:

[As zonas erógenas] são todas usadas para proporcionar, mediante sua estimulação apropriada, um certo aumento do prazer; este leva a um acréscimo de tensão que, por sua vez, tem de produzir a energia motora necessária para levar a cabo o ato sexual. A penúltima etapa desse ato, mais uma vez, é a estimulação apropriada de uma zona erógena (a própria zona genital, na glândula peniana) pelo objeto mais adequado para isso (a mucosa da vagina); e do prazer gerado por essa excitação obtém-se, dessa vez por via reflexa, a energia motora requerida para a expulsão das substâncias sexuais. Esse último prazer é o de intensidade mais elevada e difere dos anteriores por seu mecanismo. É inteiramente provocado pela descarga: em sua totalidade, é um prazer de satisfação, e com ele se extingue temporariamente a tensão da libido. Não me parece

---

<sup>34</sup> É interessante observar que Nietzsche deteve-se, antes de Freud e Reich, na questão do “desprazer atuando como ingrediente do prazer”. Em 1888, o pensador alemão escreveu em seu caderno de notas: “Há inclusive casos em que uma experiência de prazer é condicionada por uma certa *seqüência rítmica* de pequenos estímulos de desprazer: assim se alcança um crescimento muito rápido da sensação de poder, da sensação de prazer. É o que ocorre, p.ex., no fazer cócegas, inclusive nas cócegas sexuais durante o coito: vemos, desse modo, o desprazer atuando como ingrediente do prazer. Parece um pequeno entrave, a ser superado e ao qual logo se segue outro entrave, o qual é por sua vez superado — esse jogo de resistência e vitória atíça ao máximo aquela sensação geral de extraordinário poder supérfluo que constitui a essência do prazer” (NIETZSCHE, 2002, p. 98; grifo do autor).



injustificável fixar através de uma denominação essa diferença de natureza entre o prazer advindo da excitação das zonas erógenas e o que é produzido pela expulsão das substâncias sexuais. O primeiro pode ser convenientemente designado de *pré-prazer*, em oposição ao *prazer final* ou prazer de satisfação da atividade sexual (FREUD, 1905/1999f; grifos do autor).

Pautando-se pela diferenciação, apresentada por Freud, entre “pré-prazer” e “prazer final”, Reich comenta que, nas preliminares do ato sexual, a excitação não apenas aumenta gradativamente, como também, apresenta leves rebaixamentos. O autor salienta, porém, que cada decréscimo desencadeia imediatamente um efeito-rebote: a excitação volta a aumentar e produz, inclusive, um novo pico de tensão. Após sucessivos aumentos de excitação, sempre permeados e estimulados por pequenas descargas, a tensão alcança seu nível máximo; na ausência de perturbações importantes da libido, ocorre, então, o rebaixamento máximo da excitação – o “prazer final” ou clímax orgástico.

Em sua autobiografia científica de 1942, Reich sintetizou da seguinte forma esses estudos de “Zur Trieb-energetik”: “A pequena gratificação, e a promessa do grande prazer no clímax, ofuscam o desprazer da tensão que antecede a descarga completa” (REICH, 1942/1989, p. 51). Em *The function of the orgasm* ele também apresentou, graficamente, suas descobertas do início da década de 1920:

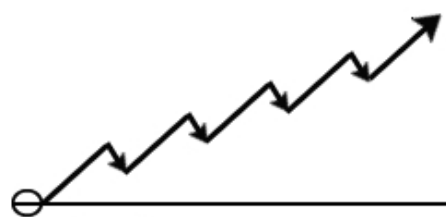


FIGURA 1 -  
Mecanismo do prazer preliminar

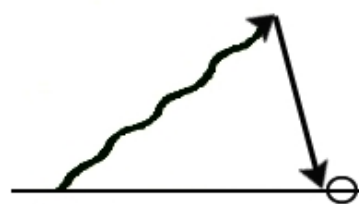


FIGURA 2 -  
Mecanismo do prazer final

Fonte: REICH, 1942/1989, p. 55.

Retornemos, porém, ao artigo de 1923. Vimos a pouco que Reich, em “Zur Trieb-energetik”, manifestou simpatia, ainda que de forma cautelosa, pela psicofísica de Semon; e que estava interessado em decifrar um problema apresentado por Freud (a questão da “tensão de prazer”).

Orientando-se pela perspectiva paralelista, Reich voltará a analisar, em seu texto, a questão da tensão sexual; mas, antes de aprofundar o tema, o jovem psicanalista julgou necessário enveredar pela “fenomenologia da sensação de prazer”.

Procurando estabelecer uma interface entre a Psicanálise e a Fenomenologia, Reich chamou atenção para o fato de que a experiência prazerosa não pode ser vista como uma “submissão passiva à sensação”. “Concepções psicológicas recentes (Psicologia do Ato)” contrapunham-se, segundo o autor, à concepção de que o Eu é um mero receptáculo de estímulos, e insistiam na tese de que a consciência pode adotar uma “atitude ativa” em relação às impressões sensoriais e outros fenômenos psíquicos (REICH, 1923/1976, p. 159).

A Psicologia do Ato a que Reich se refere, na citação acima, inspirou-se nas idéias do filósofo e psicólogo alemão Franz Brentano (1838-1917). No entendimento de Brentano, todo estado mental – tanto os de índole perceptiva (ouvir um som, sentir calor), quanto os não estritamente perceptivos (recordar-se de algo, emitir uma opinião) – possui, em si, um “objeto” que se apresenta ao sujeito (cf. RODRÍGUEZ, 2002). É próprio da consciência, afirma o filósofo alemão, a ação de visar, dirigir-se ou reportar-se aos seus “objetos”. Tendo em vista esse movimento intencional, essa “ação” da consciência, Brentano ponderou:

Cada fenômeno psíquico contém algo em si, a título de objeto, embora nem todos o façam da mesma maneira. Na representação, algo é representado, no juízo, algo é admitido ou rejeitado, no amor, no ódio, no desejo, algo é respectivamente amado, odiado, desejado, etc. Essa in-existência<sup>35</sup> intencional é peculiar exclusivamente aos fenômenos psíquicos. Nenhum fenômeno físico exhibe algo de semelhante. E, portanto, podemos definir os fenômenos psíquicos dizendo que eles são aqueles que contém em si intencionalmente um objeto (BRENTANO, 1874, citado em HUSSERL, 1901/1988).

Reich, em “Zur Trieb-energetik”, não fez menção a Franz Brentano; deu a entender, no entanto, que se amparou no filósofo alemão Edmund Husserl (1858-1938), um dos expoentes da corrente fenomenológica (em nota de rodapé ao seu artigo de 1923, Reich, ao se referir à Psicologia do Ato, cita o compêndio “Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische forschung” – *Anuário de filosofia e pesquisa fenomenológica* –, cujo principal editor foi Husserl). Influenciado por Brentano, Husserl também destacou o caráter intencional das “experiências vividas”. Ainda que discordasse da postulação brentaniana de que todas as “vivências”, sem exceção, são intencionais, Husserl deixou claro, na obra *Logische Untersuchungen* (“Investigações lógicas”), que a referência intencional é um aspecto central dos “fenômenos psíquicos” ou “atos” (HUSSERL, 1901/1988). Nelson Ernesto Coelho Junior, professor no Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP, ajuda-nos a entender a questão:

Como se sabe, a consciência não é concebida na fenomenologia como um em si, como algo independente do mundo, dos outros e dos objetos. A concepção de uma consciência intencional implica no fato da consciência ser sempre consciência *de*, consciência aberta

---

<sup>35</sup> “In-existência”: o *in* tem, aqui, o sentido latino de *em*, e a expressão designa, portanto, “existir em”, “existência interna”.

ao mundo, sempre consciência *de algo*. [...] Brentano, psicólogo e filósofo, professor de Husserl e Freud em Viena, a partir do texto dos escolásticos desenvolveu a noção de intencionalidade em relação aos atos psicológicos. Ele entendia que o fenômeno mental continha como característica exclusivamente sua um objeto dentro de si mesmo e, exemplificava, afirmando que no ódio, sempre algo é odiado, no amor, amado. A partir dessas afirmações, Husserl incluirá, como idéia fundamental em sua fenomenologia a noção de intencionalidade, ainda que com outras conotações. Husserl apresenta a intencionalidade como sendo algo inerente ao ato de conhecimento, situando-a como sendo a característica destes atos de sempre se referirem a algo, implicarem em algum objeto de conhecimento [...]. Assim, o conhecimento para Husserl implica em uma consciência intencional, que não é consciência em si, mas sempre consciência de alguma coisa (COELHO JUNIOR, 2002; grifos do autor).

Sem deixar claro (nem no artigo de 1923, nem em relatos autobiográficos) o quão profundamente se envolveu com as teorias fenomenológicas, o jovem Reich, no entanto, mostrou-se preocupado, como vimos, com a intencionalidade dos “atos” psíquicos e, mais especificamente, com o caráter “ativo” da apreensão percepto-sensorial.

No campo da Psiquiatria, o autor também encontrou subsídios para a tese da “percepção ativa”. Na mesma nota de rodapé, em “Zur Trieb-energetik”, em que fez menção a Husserl, ele citou um trabalho publicado pelo psiquiatra e neurologista Paul Schilder. Como comentamos no terceiro capítulo desta dissertação, Schilder, um dos orientadores de Reich no decorrer de sua especialização em Neuropsiquiatria, exerceu forte influência no começo da obra reichiana. O psiquiatra acreditava que Filosofia e Psicologia deveriam trabalhar conjuntamente e mostrava-se simpático, ainda que de forma crítica, à teoria freudiana: “uma psicologia que não faz uso da vasta ampliação de horizontes

realizada por Freud e pela Psicanálise, negligencia uma grande quantidade de experiências”. Bastante conhecido por suas pesquisas clínicas sobre a “imagem corporal”, Schilder era da opinião que “conhecimento e percepção não são produto de uma atitude passiva, mas são adquiridos por um processo extremamente ativo [...]” (SCHILDER, 1950).<sup>36</sup>

Associando a questão da “intencionalidade” à teoria freudiana, Reich propôs-se a contemplar, em “Zur Trieb-energetik”, o papel desempenhado pelo ego na apreensão sensorial. Em sua autobiografia científica de 1942 ele explicitou, de forma mais clara do que o fez no artigo de 1923, essa linha de raciocínio; reportando-se às pesquisas psicológicas que criticavam a tese de que as percepções são experiências meramente passivas, sem qualquer atividade por parte do ego, o autor comentou em *The function of the orgasm*:

Era mais correto afirmar que cada percepção era determinada por uma ‘atitude’ ativa em relação a um dado estímulo (‘intenção perceptiva’ ou ‘ato perceptivo’). Isso foi um importante avanço, pois agora era possível compreender de que forma o mesmo estímulo que, em um caso, geralmente produz uma sensação de prazer, pode, no caso de uma atitude interna diferente, não ser percebido. Em termos de Sexologia, isso significa que, enquanto uma carícia suave em uma zona erógena pode produzir, em um indivíduo, sensação de prazer, isso pode não ocorrer com um outro indivíduo, que nada mais percebe do que um toque ou fricção. Essa é a base de diferenciação entre a experiência de completo prazer orgástico e a experiência de sensações puramente táteis, ou seja, fundamentalmente a diferença entre potência orgástica e impotência orgástica (REICH, 1942/1989, p. 52).

---

<sup>36</sup> A obra citada acima, *The image and appearance of the human body: Studies in the constructive energies of the psyche*, foi escrita na maturidade de Schilder. Reich, em “Zur Trieb-energetik”, faz menção a um outro trabalho redigido pelo psiquiatra, trabalho ao qual não tivemos acesso: *Selbstbewusstsein und Persönlichkeitsbewusstsein; eine psychopathologische Forschung*.

Esse relato indica-nos que o autor estava bastante interessado em compreender os fatores que envolvem e determinam o ato perceptivo: “o mesmo estímulo que, em um caso, geralmente produz uma sensação de prazer, pode, no caso de uma atitude interna diferente, não ser percebido”. Mas, além do papel exercido pela “atitude interna”, Reich indicou, em seu texto de 1923, um outro vetor, valendo-se, novamente, do trabalho de Henri Bergson.

O jovem psicanalista julgava ter encontrado, na obra bergsoniana, “a mais correta descrição fenomenológica das sensações de prazer” (REICH, 1923/1976, p. 159). Essa descrição, ele a extraiu de *Essais sur les donnés immédiates de la conscience*; nesse livro de 1889, Bergson afirma:

O que é um grande prazer, se não um prazer preferido? E o que pode ser nossa preferência, se não *uma certa disposição de nossos órgãos* que faz com que, caso dois prazeres se apresentem simultaneamente a nosso espírito, *nosso corpo* se incline em direção a um deles? (BERGSON, 1889/1984a, p. 28; grifos nossos).

Essa ponderação bergsoniana parece ter indicado, a Reich, um segundo elemento condicionante da experiência prazerosa. A julgar pelas referências ofertadas em “Zur Trieb-energetik”, a qualidade da sensação de prazer está na dependência da presença intencional do ego (aspecto psíquico) e também, como sugeriu Bergson, de “uma certa disposição de nossos órgãos” (aspecto biológico).

E são aos fatores somáticos, mais especificamente à fisiologia dos órgãos genitais, que Reich dirige, na seqüência, sua atenção:

A contração dos músculos bulbocavernosos e isquiocavernosos e da musculatura pélvica, em particular, são responsáveis pela sensação de prazer orgástico; a partir desse processo, propaga-se uma contração rítmica motor-orgástica para outros músculos,

especialmente os músculos flexores da coxa e a musculatura facial (REICH, 1923/1955, p. 10-11).<sup>37</sup>

Findando essa rápida incursão pelo terreno fisiológico, Reich volta a analisar o caráter processual da experiência erótica que caminha do “pré-prazer” (ou “prazer preliminar”), em direção ao “prazer final”. Seu foco, nesse momento, são os aspectos sensoriais e motores da experiência sexual; ele estabelece, então, diferenciações entre o “prazer preliminar receptivo-periférico-tátil” (que está associado, mais diretamente, à superfície da pele) e o “prazer final motor-orgástico” (em que se destaca a ação muscular). O autor ressalva, porém, que esses dois tipos de prazeres “não podem, *de facto*, ser formalmente separados, já que uma certa atitude motora, por parte do indivíduo, também é necessária para a percepção do prazer preliminar. Efetivamente, devemos admitir que a percepção é totalmente impossível sem uma atitude motora” (REICH, 1923/1955, p. 11). Em sua autobiografia científica, Reich relatou, com mais precisão, as idéias que havia formulado no início da década de 1920 a respeito dos níveis sensório e motor: “Diferenciei o prazer em dois componentes, motor-ativo e sensório-passivo, ambos amalgamando-se em um só. Simultaneamente, o componente motor do prazer é experienciado passivamente, e a sensação é percebida ativamente” (REICH, 1942/1989, p. 52).

Analisando, em “Zur Trieb-energetik”, o comportamento da excitação sexual nas fases “sensória” e “motora”, Reich pondera:

---

<sup>37</sup> Grande parte de um parágrafo de “Zur Trieb-energetik” (que se inicia, na citação acima, em “a partir desse processo”) não foi traduzido, nem na edição francesa, nem na edição norte-americana dos “primeiros escritos” de Reich. Apenas a versão norte-americana de 1955 apresenta o trecho em questão.

No prazer preliminar predomina uma atitude motora expectante; sua essência reside nos processos periféricos de excitação da pele e das membranas mucosas. Quanto mais os mecanismos de prazer preliminar avançam em direção ao prazer final, mais as ações musculares predominam, a prontidão motora acentua-se, até que, nas fases finais, a musculatura passa a drenar toda a produção de prazer para si mesma, absorvendo completamente o prazer das superfícies erógenas (REICH, 1923/1955, p. 11).

Tanto no “prazer preliminar” quanto no “prazer final”, o aspecto motor, de acordo com Reich, assume grande importância na dinâmica da “pulsão”. Nesse “fator motor incorporado à sensação de prazer” o autor reconheceu “o protótipo da ‘pulsão’, ou seja, a pulsão em sua forma mais primitiva [...]” (REICH, 1923/1955, p.12).

Ao se perguntar, no texto de 1923, sobre o que distingue o “prazer preliminar tátil-periférico” do “prazer final motor-orgástico”, Reich vê-se então na obrigação de concluir que o aspecto “motor” não é o principal critério, posto que tendências motrizes manifestam-se em ambas as formas de prazer. Em sua opinião, é na dinâmica da libido (seu percurso e níveis de densidade) que se deve buscar o diferencial.

Segundo as análises de Reich, a excitação, na fase do “prazer preliminar tátil-periférico”, começa a se deslocar, das “zonas erógenas de todo o corpo” para os órgãos genitais; a libido então alcança, na etapa do “prazer final motor-orgástico”, sua máxima concentração na região genital e, a partir do clímax orgástico, começa a “diluir-se completamente”, retornando à sua condição inicial (nível mínimo de tensão) (REICH, 1923/1955, p.11). Valendo-se de uma metáfora – a excitação sexual se comporta como ondas do mar quebrando em rochedos que, por sua vez, espalham a água por vastas áreas – o autor enfatizou o papel da



diluição orgástica da libido: “É compreensível que impedir a excitação de se extinguir e se difundir nas zonas erógenas, como ocorre no coito interrompido, produza uma tensão desagradável que acaba conduzindo à neurastenia e aos sintomas da neurose de angústia” (REICH, 1923/1976, p. 160).

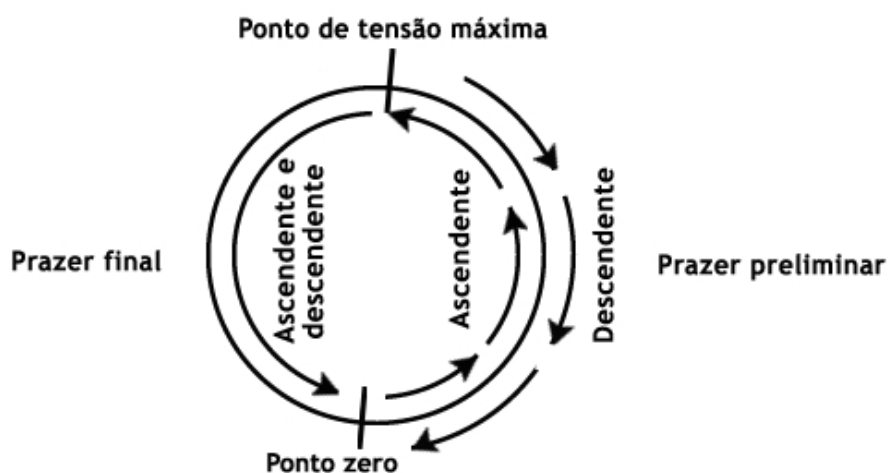
Esse processo, de acordo com Reich, é válido para diversas modalidades de satisfação sexual:

Pouco importa qual pulsão parcial está servindo o mecanismo de prazer preliminar, e pouco importa se a atividade sexual é normal ou perversa (seja ela narcísica, pederástica ou exibicionista); o prazer final permanece sempre associado, em sentido estrito, ao aparelho genital (REICH, 1923/1976, p. 160).

Reich retoma, agora, o argumento central de sua análise da “tensão de prazer” (os aspectos agradáveis da tensão sexual apenas ocorrem porque os acréscimos de excitação são acompanhados de descargas parciais), fundamentando-o na postulação freudiana de que o organismo “tende a permanecer em um estado desprovido ao máximo de qualquer excitação e a manter constante a superfície potencial” (REICH, 1923/1976, p. 161). De fato, Freud, desde o *Projeto de uma psicologia* (1895), insistiu na tese de que a tensão interna tende a se tornar igual ou mais próxima possível de zero; ele reafirmou essa concepção em escritos posteriores, como, por exemplo, em *Para além do princípio de prazer* (1920): “o aparelho psíquico tende a manter tão baixo quanto possível a quantidade de excitação presente nele ou, ao menos, mantê-la constante” (FREUD, 1920/1985, p. 45).

Seguindo a indicação freudiana, Reich pondera que todo aumento do “nível potencial” conduz ao desprazer quando a tensão não é eliminada; em outras

palavras, apenas o decréscimo da excitação proporciona sensações agradáveis: “por mais paradoxal que possa parecer, o prazer não é causado pelos elementos que se engendram a si mesmos, mas sim, pelos que se destroem a si mesmos” (REICH, 1923/1976, p. 160). Em “Zur Trieb-energetik” o autor representou graficamente suas idéias da seguinte forma:



**FIGURA 3**

Fonte: REICH, 1923/1976, p. 162.

A figura acima indica que, na etapa do “prazer preliminar”, o “componente ascendente” convive com o “componente descendente” – aumentos de excitação impelem, progressivamente, para o ponto de tensão máxima, ao mesmo tempo em que pequenos decréscimos pressionam em direção ao ponto zero, sem contudo alcançá-lo. Outra, porém, é a dinâmica que se estabelece a partir do clímax orgástico. Se, no “prazer preliminar”, os componentes ascendentes e descendentes se comportam de forma antitética, no “prazer final” eles se igualam em termos de intensidade, fundem-se e caminham em direção ao ponto zero, concretizando, assim, a descarga da excitação acumulada:

No prazer final as diferenças de tensão tornam-se bem maiores; o aumento e a diminuição passam por fases ascendentes e descendentes mais amplas, até que, finalmente, o componente descendente alcança o ponto zero desejado e o componente ascendente cancela a si mesmo, já que o ponto de partida de ambos é o ponto zero (REICH, 1923/1976, p. 161).

No entendimento do autor, a natureza “pulsional” do prazer sexual constitui-se, justamente, “pela diferença de intensidade entre as fases ascendente e descendente (tendências construtiva e autodestrutiva)” (REICH, 1923/1976, p. 162).

#### 4.1.4 *Parte 4: A dimensão mnêmica do prazer*

A quarta seção de “Zur Trieb-energetik” busca responder à seguinte questão: “o que faz com que o desejo desperte para novas realizações, após ele ter se destruído a si mesmo?” (REICH, 1923/1976, p. 163). Mas antes de analisar especificamente o tema, o autor retomou e procurou contextualizar algumas formulações que havia apresentado, nas seções anteriores do artigo, acerca do conceito de “pulsão”.

Deixando claro que, com suas análises fenomenológicas da sensação de prazer, não teve a pretensão de resolver “o enigma da pulsão”, Reich pondera que “em ciência não há soluções para questões básicas (e o problema da pulsão é uma delas), mas somente, um deslocamento de posição da questão”:

Simplesmente descrevi a natureza da sensação de prazer em termos mais precisos. Dado o estágio de nossos conhecimentos, uma explicação causal não pode e não deve ser nosso objetivo. Esta questão nos conduziria, inelutavelmente, às profundezas mais obscuras da biologia (REICH, 1923/1976, p. 163).

O autor considera, porém, que a análise por ele empreendida, a respeito da sensação de prazer, propiciou uma compreensão mais exata da noção de “pulsão”, posto que sua pesquisa pôde englobar “os aspectos ascendente (construtivo) e descendente (destrutivo) [...] na experiência vivida de prazer” (REICH, 1923/1976, p. 163).

Reich também acreditava que, caso suas análises fossem válidas, a questão da natureza da “pulsão” deveria ser transferida para a questão da natureza do prazer sexual. A sensação de prazer, diz-nos o autor em “Zur Trieb-energetik”, é a essência da “pulsão”.

Mas a sensação de prazer, enfatiza Reich, apenas se torna fonte da “pulsão” por meio da “função mnêmica”: “a pulsão é a expressão motora da lembrança do prazer já vivido”. O jovem psicanalista deixa claro, porém, que essa formulação não é de sua autoria: “Lembro ao leitor que retomo, aqui, de maneira mais concisa, o que Freud disse, incidentalmente, em outro contexto” (REICH, 1923/1976, p. 163). Dando crédito ao fundador da Psicanálise, Reich cita os seguintes trechos de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*: “Parece que a criança, quando suga, procura neste ato um prazer já experimentado e que agora lhe retorna à memória”; “Uma coisa é comum a todas as impressões sofridas durante este segundo período da atividade sexual [após a amamentação e antes do quarto ano de idade]: elas deixam traços mnemônicos (inconscientes) profundos na vida psíquica do indivíduo, e determinam seu caráter [...]” (FREUD, 1905, citado em REICH, 1923/1976, p. 164).

Em seu artigo, Reich transcreve, ainda, uma passagem de *O inconsciente*, publicado por Freud em 1915:

Uma pulsão nunca pode se tornar objeto da consciência – apenas a idéia que a representa pode. Tampouco a pulsão pode ser representada, no inconsciente, de outra forma a não ser por uma idéia. Se as pulsões não se ligassem elas próprias às idéias ou não se manifestassem como afetos, não as conheceríamos. Se, contudo, falamos de moções pulsionais inconscientes ou recalcadas, fazemo-lo devido a uma inofensiva negligência terminológica. Com estes termos queremos, simplesmente, nos referir a uma moção pulsional cuja representação é inconsciente; qualquer outra coisa está fora de questão (FREUD, 1915, citado em REICH, 1923/1976, p. 164).

A consciência, de acordo com essa tese freudiana, apenas tem acesso às “pulsões” por meio de suas “representações”. Reich insistiu, porém, que tais “representações” designam, em última análise, “uma idéia do objeto, ou melhor, do órgão estreitamente associado à memória do prazer experimentado”:

A direção da pulsão é determinada por seu ponto de partida, isto é, o prazer experimentado em um certo órgão. [...] Atrás das fixações de elementos pulsionais da libido objetal, descobrimos freqüentemente uma fixação auto-erótica [...]. No decurso da análise, todo objeto dissolve-se em órgãos singulares que proporcionam prazer; da mesma forma, a inclinação erótica de toda a personalidade decompõe-se em fixações em órgãos importantes no plano auto-erótico (ânus, boca, pênis etc.). [...] Em psicanálise, fala-se de fixação da libido. Segundo a definição psicanalítica, a libido é a intensidade ligada a uma pulsão ou a medida de sua força. Faz-se distinção entre libido do ego e libido objetal, levando-se em consideração se as pulsões se concentram em objetivos narcisistas auto-eróticos (os órgãos do próprio corpo) ou no mundo exterior [...]. A intensidade de uma sensação de prazer experimentada em um órgão é decisiva para a intensidade (libido) das pulsões parciais correspondentes. Por sua vez, a intensidade da excitação agradável depende da disposição fisiológica de um órgão para ser excitado (REICH, 1923/1976, p. 164-165).

É interessante notar o quanto Reich insistiu, em seu estudo sobre a energética das “pulsões”, nos fatores internos que condicionam a sensação de

prazer. Ele já havia feito menções ao grau de “atividade” do ego e ao papel da fisiologia dos órgãos genitais e, na citação acima, salientou a “disposição fisiológica de um órgão para ser excitado”. Apontando a importância do fator motor, ele afirmou, em seu texto de 1923, que “*a pulsão sexual é funcionalmente o aspecto motor*” do prazer (REICH, 1923/1955, p.17; grifo do autor). E no trecho que dedicou a “Zur Trieb-energetik”, em sua autobiografia científica de 1942, comentou ter descoberto, no início de sua obra, que a “pulsão” não é algo “aqui” (internamente) procurando por prazer “ali” (externamente) – “a pulsão (*drive*) é o prazer motor em si mesmo” (REICH, 1942/1989, p. 52). O prazer, em suma, não estaria localizado fora do sujeito, mas acompanharia o próprio “impulso”.<sup>38</sup>

Mas essa postulação, acerca da identidade “pulsão”-prazer, não responde à indagação que motivou a quarta seção de “Zur Trieb-energetik”, a saber: o que produz o reinvestimento da memória do prazer anteriormente experienciado? Depois de o desejo ter “se extinguido a si mesmo”, quais são os fatores que o despertam ou reativam? Se, após uma relação sexual “bem sucedida”, a excitação retorna à “superfície potencial zero”, o que faz com que a tensão cresça novamente?

Para responder a essas questões, Reich procurou subsídios nos dois livros que Richard Semon escreveu sobre os processos mnêmicos. Como comentamos anteriormente, essas obras são pouco conhecidas; assim, achamos por bem fazer algumas menções ao pensamento do biólogo (brevíssimas menções, na verdade),

---

<sup>38</sup> Reich, a nosso ver, não explicou claramente, em “Zur Trieb-energetik”, a formulação “a pulsão é o prazer motor em si mesmo”. No entanto, ele fez menções, em diversos momentos de sua obra, a tal formulação. Por ora, não nos aprofundaremos na análise desse enunciado, limitando-nos a reproduzir as idéias esboçadas por Reich em seu artigo de 1923 e em sua autobiografia científica de 1942. Em estudos que empreenderemos mais adiante, resgatando um texto reichiano publicado em 1950, buscaremos alcançar um entendimento mais amplo acerca da específica conexão que o autor estabeleceu, desde os primórdios de seu trabalho, entre “pulsão” e prazer.

com o propósito de contextualizar as teorias elaboradas por Reich em “Zur Trieb-energetik”.<sup>39</sup>

Em *Die Mneme* (“O mneme”), publicado em 1904, o biólogo alemão cunhou o termo “engrama” para indicar uma espécie de traço de memória que fica impresso no organismo, uma modificação permanente “na substância irritável, produzida por um estímulo” (SEMON, 1904/1921, p. 12). À ação que dá origem a um novo engrama, alterando duradouramente a substância viva, Semon denominou como “engrafia”.

Para designar o processo de recuperação ou reutilização de uma informação armazenada, cunhou o termo “ecforia”; em tal processo, influências (externas ou internas) “despertam o traço mnêmico ou engrama, de um estado latente para um estado de atividade manifesta” (SEMON, 1904/1921, p. 12).

Todo processo mnêmico, segundo o biólogo alemão, estaria submetido a quatro fases. O ponto de partida é o “primeiro estágio de indiferenciação”, condição em que o organismo se encontra antes de ser submetido a qualquer estímulo.

Em um segundo momento o organismo sofre o efeito de “estímulos que agem

---

<sup>39</sup> Para retomarmos o pensamento de Semon, foi-nos de fundamental importância um trabalho rigoroso e único (pois são raros os estudos extensos sobre a vida e obra do biólogo alemão), intitulado *Forgotten ideas, neglected pionners – Richard Semon and the story of memory* (“Idéias esquecidas, pioneiros negligenciados – Richard Semon e a história da memória”), de autoria de Daniel Schacter, professor no Department of Psychology da Harvard University. Schacter, em seu estudo, faz um minucioso relato da vida de Semon, traça um amplo panorama da psicologia da memória na segunda metade do séc. XIX e analisa detalhadamente dois livros publicados pelo cientista alemão – *Die Mneme* (1904) e *Die Mnemischen Empfindungen* (1909) (como comentamos anteriormente, foram essas as obras que inspiraram as primeiras pesquisas de Reich). Tivemos acesso, ao elaborarmos esta dissertação, a uma tradução norte-americana de *Die Mneme – The mneme* (SEMON, 1904/1921) –, mas não localizamos, nas bibliotecas universitárias que pudemos consultar, a obra *Die Mnemischen Empfindungen* (que será citada indiretamente, aqui, a partir do livro de Schacter).

engraficamente” – a “substância irritável” é, então, alterada e um novo engrama é formado. De acordo com Semon, este traço recém-criado pode se manter preservado nas “células somáticas” do cérebro (influenciando o indivíduo tão-somente ao longo de sua vida) ou pode, caso seja suficientemente repetido, alterar as “células germinativas” (afetando, assim, o comportamento de sua prole).<sup>40</sup>

A terceira fase do processo mnêmico é marcada por um período de “latência”, em que se estabelece, porém, uma fundamental condição: o organismo apresenta, agora, uma predisposição para responder aos estímulos que, na fase anterior, deram origem ao novo engrama (esse potencial de resposta é válido para as memórias associadas exclusivamente à existência individual e, também, para as características hereditárias adquiridas por uma dada geração).

A quarta e última etapa caracteriza-se pela euforia ou despertar dos traços mnêmicos (seja os da memória individual, seja os adquiridos hereditariamente). Para que o engrama seja novamente eliciado, basta que se repitam algumas circunstâncias que deram origem a ele (em outras palavras, a parte aciona o todo): “a euforia pode ocorrer, sem qualquer repetição do estímulo original, simplesmente por meio do retorno parcial da situação energética interna que se achava presente na formação do complexo de engramas” (SEMON, 1909, citado em SCHACTER, 2001, p. 171). No entendimento de Semon, tanto os eventos

---

<sup>40</sup> Vale mencionar que um dos temas abordados por Semon em *Die Mneme* (1904) é a questão da hereditariedade. Na época, pouco se sabia sobre o assunto e várias teorias tentavam desvendar o desafiador enigma. O biólogo alemão arriscou-se a explicar o fenômeno em termos de memória. Seguindo a trilha de alguns pesquisadores que lhe eram contemporâneos, Semon apostou na possibilidade de que a memória não se restringe à mente, mas faz-se presente em cada elemento do corpo. Se a memória é responsável pelo armazenamento das experiências individuais, talvez fosse responsável, também, pela preservação dos caracteres hereditários. A “memória orgânica”, para alguns biólogos da segunda metade do séc. XIX e início do séc. XX, expressava uma propriedade fundamental da matéria viva. E a hereditariedade, dessa perspectiva, nada mais seria do que um tipo de memória, uma espécie de elo ancestral.



externos, quanto as excitações internas estimulam o processo de eforização. Estados emocionais, pensamentos fugazes, sensações passageiras podem, também, ser armazenados como componentes de um complexo de engramas.

Inspirando-se nas idéias formuladas pelo biólogo alemão, Reich aventurou-se, em “Zur Trieb-energetik”, a dar algumas respostas à questão da reativação da tensão sexual:

Assim como o ferreiro é obrigado a esperar, inativo, que o fogo, quase se apagando, recomece a se inflamar graças ao fole, também o reservatório de engramas das sensações de prazer deve esperar que o sistema sensório-motor, exaurido pelo orgasmo, retome as forças e torne-se capaz de realizações. Os engramas são então eforizados e, assim, a tensão sexual é incrementada pelo fluxo contínuo de estímulos provenientes da psiquê (fantasia) e do corpo (o toque, a visão) e, não menos importante, por mudanças ocorridas no interior do corpo (produção de hormônios, acumulação de espermas nos canais, menstruação etc.). Todo estímulo interno ou externo tem um efeito eforizante (REICH, 1923/1976, p. 165-166).

No entendimento do jovem psicanalista, os estímulos internos e externos reativam, no decorrer da ontogênese, o “reservatório de engramas das sensações de prazer, isto é, as pulsões”. Reich também acredita que “a porção inata da pulsão sexual nada mais pode ser do que o reservatório de engramas de prazer mnemônico, experienciado corporal e psiquicamente por nossos ancestrais e ativado pelos cuidados dispensados à criança”. O fato de a libido não se manifestar em indivíduos que foram castrados muito cedo, mas continuar atuante naqueles que o foram tardiamente “justifica nossas opiniões, no que concerne ao efeito

ecforizante do prazer vivido durante a infância sobre a porção mnemônica da pulsão sexual” (REICH, 1923/1976, p. 166).<sup>41</sup>

#### 4.1.5 *Parte 5: Conclusões sobre o ritmo da “pulsão”*

Na última seção de “Zur Trieb-energetik”, Reich apresenta um resumo de suas descobertas. Vale destacar, aqui, uma elaboração que, a nosso ver, sintetiza os resultados a que chegou o autor: *“funcionalmente, a pulsão sexual é o aspecto motor de todo prazer experienciado no decorrer da filogênese e da ontogênese; psicologicamente, é uma expressão da memória do prazer já experienciado”*. (REICH, 1923/1976, p. 167; grifo do autor).<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> Ainda que Reich tenha tentado estabelecer conexões entre certas idéias de Freud e Semon, é interessante observar que o fundador da Psicanálise não era simpático às teorias professadas pelo biólogo alemão. Freud foi, porém, fortemente influenciado por Ewald Hering (1834-1918), fisiologista vienense que defendeu a tese de que a memória é uma propriedade universal da matéria viva. Inspirador das idéias elaboradas por Semon, Hering acreditava que a memória exerce uma espécie de força de atração que aglutina os vários e desconexos elementos da experiência, formando assim um todo que dá significado à existência pessoal. Em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, realizada em 14 de novembro de 1906, Freud e outros psicanalistas discutiram as idéias de Semon sobre o “Mneme”, conceito que o biólogo havia cunhado para designar “a capacidade do protoplasma (ou ‘substância irritável’) de armazenar os efeitos dos estímulos e estabelecer interações com o meio a partir das experiências que são conservadas”. Freud desaprovou, durante a reunião, as cogitações de Semon e valorizou as de Hering; suas considerações foram transcritas: “A única coisa que aprendi com o livro de Semon é que a palavra grega para memória é *mneme*. O livro de Semon é típico desses pseudocientistas que falsificam os fatos operando, meramente, com números e conceitos, e então acreditam que realizaram alguma coisa. As idéias de Hering, das quais Semon partiu, são engenhosas e sutis, mas só pode-se dizer o oposto do trabalho de Semon” (FREUD, 1906, citado em OTIS, 1994). Nas minutas da reunião consta, também, que Eduard Hitschmann e Alfred Adler comentaram que Semon apenas brincava com as palavras (referindo-se, certamente, aos vários termos criados pelo biólogo alemão: “ecforia”, “engrafia” etc.); Alfred Meisl, porém, posicionou-se a favor do biólogo, observando que o “engrama” expressava uma memória inconsciente. Quatorze anos após essa discussão, Reich ingressou no meio psicanalítico. Ao procurar respostas para a questão do despertar contínuo dos impulsos sexuais, ele acabou mesclando conceitos freudianos às teorias do biólogo alemão, re-inserindo na reflexão psicanalítica um autor que o próprio Freud havia descartado.

<sup>42</sup> Como comentamos há pouco, acreditamos que as análises que realizaremos a seguir, nas seções 4.2 e 4.3, trarão novas luzes sobre a formulação acima mencionada, e outras que Reich apresentou em seu artigo de 1923.

Finalizando seu artigo, Reich afirma estar consciente dos problemas que resultam de uma abordagem “tão condensada” da questão da “pulsão”. Ele assegura, no entanto, que não teve a pretensão de abordar todos os problemas e complicações que o tema suscita, limitando-se a apresentar uma visão de conjunto em relação à “pulsão”: “Minha exposição almejou ser, simplesmente, um desenvolvimento consciencioso do conceito psicanalítico de pulsão, em seus elementos constituintes, levando em conta as últimas descobertas fisiológicas e as mais recentes elaborações da psicologia descritiva” (REICH, 1923/1975, p. 157).

#### 4.2 REPERCUSSÕES METODOLÓGICAS

Em várias oportunidades, Reich comentou que “Zur Trieb-energetik” representou o primeiro marco de sua obra. Com efeito, os estudos que resultaram no texto de 1923 conduziram o autor, em etapas subseqüentes de seu trabalho, não somente a importantes pesquisas de caráter clínico e experimental, como também, a investigações de natureza epistemológica.<sup>43</sup>

No terceiro capítulo desta dissertação mencionamos que Reich, desde o início de sua produção, interessou-se por uma possível relação entre os âmbitos quantitativo e qualitativo; em “Zur Trieb-energetik”, essa preocupação, como vimos, é evidente.

---

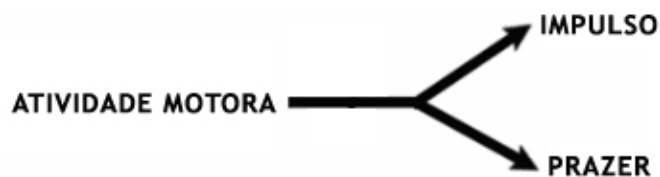
<sup>43</sup> Esta fora da alçada desta dissertação a análise de todas as implicações clínicas e experimentais motivadas pelos estudos contidos em “Zur Trieb-energetik”. A título de menção, vale lembrar uma pesquisa laboratorial empreendida pelo autor no período 1934-1936. Logo após ter se exilado, em 1934, na Noruega, Reich elaborou um experimento que tinha por objetivo mensurar as variações da bio-eletricidade da pele em função do estado emocional do indivíduo. Conhecidos como “experimentos bio-elétricos sobre a sexualidade e angústia” (REICH, 1982), esses estudos indicaram, entre outros resultados, que o potencial bio-elétrico da pele aumenta concomitantemente à percepção da sensação de prazer, e decresce quando o sujeito sente dor, angústia ou outro tipo de desprazer. Por meio desse experimento, Reich acreditava ter concretizado, em âmbito laboratorial, seu antigo projeto de vincular os âmbitos psico-qualitativo e somato-quantitativo.

Revedo, em *The function of the orgasm*, suas primeiras formulações psicofísicas, Reich afirmou que, no decorrer da elaboração de seu artigo de 1923, acabou dando o primeiro passo, “de forma totalmente inconsciente”, em direção à sua “posterior unificação do conceito quantitativo de excitação e do conceito qualitativo de prazer” (REICH, 1942/1989, p. 53). Em outros textos, redigidos em diferentes momentos de sua investigação, ele também salientou seus esforços, iniciados com o estudo da energética das “pulsões”, em vincular os fenômenos “excitação” e “sensação”.

Procuraremos analisar, a seguir, algumas repercussões metodológicas estimuladas por “Zur Trieb-energetik”, resgatando, também, outras informações a respeito do artigo, apenas mencionadas pelo autor na etapa madura de seu trabalho.

Em um texto publicado em 1950, “The developmental history of orgonomic functionalism”, Reich revelou que, já no início de sua obra, suspeitava que a sensação prazerosa e o impulso somático integravam-se em um nível mais profundo; o autor nomeou esse “princípio comum de funcionamento” como “atividade motora”.

Desde a época em que redigiu “Zur Trieb-energetik”, ele teria intuído que “impulso e prazer eram uma e mesma coisa em relação à atividade motora”; “a excitação corporal – o impulso – era idêntica à sensação psíquica em relação a um dado processo biológico, a atividade sexual motora” (REICH, 1950/1990c, p. 6). Em seu artigo de 1950 ele representou os fenômenos em questão, da seguinte maneira:



**FIGURA 4**

Fonte: REICH, 1950/1990c, p. 6.

O autor comenta que não lhe era evidente, nos primórdios de sua pesquisa, a natureza daquela “atividade motora”; no entanto, admite que vislumbrou, no início da década de 1920, uma importante questão metodológica:

Sensação e excitação são idênticas em relação a um princípio comum de funcionamento ainda indeterminado [a ‘atividade motora’]. Sensação é uma função da excitação, e excitação, por sua vez, é uma função da sensação. São inseparáveis e formam uma unidade funcional; ao mesmo tempo, não são idênticas, mas diferentes uma da outra [...]. Desse modo surgiu a primeira formulação da ‘simultaneidade de identidade e antítese’ (REICH, 1950/1990c, p. 6).

O gráfico inserido logo acima indica, de acordo com as elaborações reichianas da década de 1950, que de uma função mais ampla e unificadora – a “atividade motora” – desenvolvem-se dois fenômenos que se condicionam mutuamente: o “impulso” (ou “excitação corpórea”) e a “sensação de prazer”.

“Atividade motora”, “impulso” e “sensação de prazer” formam, segundo Reich, uma “unidade funcional”, posto que são indissociáveis; eles se manifestam, porém, de forma hierárquica. A “atividade motora” é mais profunda e ampla, enquanto o “impulso” e a “sensação de prazer” são mais superficiais; além disso, os três fenômenos ocorrem simultaneamente (a função-mãe não extingue os

fenômenos superficiais, e estes, convivem com o seu princípio comum de funcionamento).

Essa “simultaneidade de identidade e antítese”, vislumbrada no decorrer das pesquisas que resultaram em “Zur Trieb-energetik”, acabou se tornando um dos elementos centrais da metodologia reichiana de pesquisa.<sup>44</sup>

No artigo “The developmental history of orgonomic functionalism”, Reich discute a importância de sua descoberta metodológica:

Tal inovação na forma de pensar não tinha qualquer precedente no campo da ciência natural. O elemento fundamentalmente novo, aqui, era a suposição de que *duas funções podem ser simultaneamente idênticas e antitéticas*. A filosofia natural apenas pode oferecer a concepção monista da unidade do corpo e da alma, a visão dualista do paralelismo psicofísico, a dependência mecano-materialista unilateral da mente para com o soma, e a dependência espiritualista (idealista-metafísica) da matéria para com um mundo espiritual sobrenatural. O método de pensamento de Freud era

---

<sup>44</sup> A metodologia “funcional” reichiana alcançou sua forma mais bem elaborada nas décadas de 1940 e 50, mas, como temos comentado, Reich mostrou preocupação, ao longo de todo o seu trajeto, com questões relativas à Teoria do Conhecimento. Os primeiros *insights* epistemológicos estritamente reichianos surgiram, como estamos analisando aqui, no início da década de 1920, época em que o autor se propôs a estudar a dinâmica bioenergética das “pulsões”. Quando Reich entrou em contato com a teoria marxista, em 1927, suas reflexões de cunho epistemológico passaram a ser fortemente influenciadas pelo materialismo dialético de Marx e Engels. Ao adentrar, a partir de 1934, o terreno laboratorial, o autor pôde nutrir suas investigações metodológicas com a experiência advinda da pesquisa experimental. Nas décadas de 1940 e 50, Reich estruturalizou sua metodologia de investigação, fundamentando-se em ampla experiência adquirida em diversas áreas (trabalho clínico, intervenção social, pesquisa laboratorial) e, também, em investigações que, desde 1939, vinha conduzindo a respeito da “energia orgone”, a força básica, primordial e primária que o autor julgava ter identificado experimentalmente nos domínios do vivo e do não-vivo. Em 1939, Reich fundou a Orgonomia – ramo de pesquisa que tem por objeto de estudo as manifestações da energia orgone nos domínios do vivo e do não-vivo, no micro e macrocosmos. Na década de 1940, denominou como Funcionalismo Orgonômico o corpo de conhecimentos que procura expressar a dinâmica não-mecânica e não-metafísica que, no entendimento do autor, rege os processos orgonóticos; e nomeou como Orgonometria o campo de estudos que busca associar os fenômenos orgonóticos e a análise matemática.

essencialmente materialista, mas também dualista; operava com dois tipos de pulsões (*drives*) que não tinham nenhuma ligação entre si em âmbitos profundos. Inicialmente, havia os ‘instintos sexuais’ e os ‘instintos do ego’; depois, os ‘instintos sexuais’ e o ‘instinto de morte’ (REICH, 1950/1990c, p. 7; grifo do autor).

A metodologia reichiana de pesquisa foi inaugurada, em suma, quando o autor, ao estudar nos primórdios de sua obra a dinâmica da “pulsão”, interligou “instinto e prazer” (REICH, 1990a, p. 100), chegando, também, à “primeira formulação da ‘simultaneidade de identidade e antítese’” (REICH, 1950/1990c, p. 6). A julgar pelos relatos fornecidos por Reich, essa “primeira formulação” foi mais esboçada do que solidamente elaborada. Entretanto, foi inegavelmente no início da década de 1920 que ele se deparou, pela primeira vez, com instigantes questões epistemológicas que determinaram o curso de suas pesquisas clínicas, experimentais e metodológicas.

#### 4.3 CONVERGÊNCIAS E DESENVOLVIMENTOS

Ao analisarmos o texto “Zur Trieb-energetik”, publicado em 1923, e as referências que o Reich maduro fez a esse trabalho, em etapas subseqüentes de sua obra, pudemos notar o quanto o estudo da “pulsão sexual” motivou o autor, no início de seu trabalho, a estabelecer interfaces entre diversas áreas do saber, correntes de pensamento, temas científicos e, também, entre pesquisa teórica e elaboração epistemológica.

Um dos grandes méritos da pesquisa de Freud residiu em sua tentativa de desvendar os determinantes estritamente humanos que integram o fenômeno “pulsional”; entretanto, o médico vienense também postulou que a “pulsão” é um conceito-limite entre o psíquico e o somático. Pautando-se por essa indicação, o

jovem Reich dedicou-se especialmente à faceta somática da *Trieb* freudiana, procurando decifrar sua cadência biológica, ou melhor, bioenergética.

Avaliando que a teoria freudiana superou a psicologia descritiva no que se refere ao entendimento do conceito de “pulsão”, Reich, no entanto, esforçou-se em construir conexões entre a Psicanálise e a Psicologia do Ato. Recorrendo a formulações que encontrou, entre outros autores, em Husserl (eminente fenomenólogo) e Schilder (brilhante psiquiatra e um dos orientadores de Reich no decorrer de sua especialização em Neuropsiquiatria), o jovem psicanalista insistiu no fato de que a parte consciente do ego não só percebe os estímulos sensoriais, como também, realiza a ação de dirigir-se ou voltar-se intencionalmente para seus perceptos. A apreensão da sensação de prazer não dependeria apenas dos órgãos dos sentidos – estaria em função, igualmente, da “atitude” que o ego adota em relação ao estímulo. A qualidade dessa “atitude” – o grau de “presença intencional” – estaria condicionada, por sua vez, ao impacto da neurose no funcionamento do indivíduo, neurose essa que, para o Reich da primeira metade da década de 1920, poderia ser investigada e abordada clinicamente pelo método psicanalítico.

Para proceder a uma “análise fenomenológica da sensação de prazer”, Reich buscou ajuda não apenas nas reflexões de Husserl sobre o fenômeno da intencionalidade, mas também, no pensamento de Bergson, posto que o pensador francês teria elaborado “a mais correta descrição fenomenológica das sensações de prazer”: “O que é um grande prazer, se não um prazer preferido? E o que pode ser nossa preferência, se não uma certa disposição de nossos órgãos que faz com que, caso dois prazeres se apresentem simultaneamente a nosso espírito, nosso corpo se incline em direção a um deles?” (BERGSON, 1889/1984a, p. 28).



Interessado no antigo problema da relação corpo-mente, Reich reconheceu, em “Zur Trieb-energetik”, a validade das críticas de Bergson ao paralelismo psicofísico, mas adotou, no final das contas, a tese das séries paralelas. Falou mais alto, para o jovem psicanalista, a formulação de um cientista, Semon, que propôs um paralelismo entre a sensação psíquica e os processos fisiológicos de excitação.

Procurando dar respostas à indagação freudiana sobre a “tensão de prazer”, Reich, em seu artigo de 1923, acabou desenvolvendo uma série de proposições dialéticas, ainda que não tivesse contato, na época, com a teoria marxista: “Foi somente muitos anos depois, por volta de 1927, que tomei conhecimento do sistema de pensamento conhecido como ‘materialismo dialético’, postulado por Friedrich Engels (*Anti-Duhring*)” (REICH, 1950/1990c, p. 7). De acordo com as pesquisas reichianas, os componentes motor-ativo e sensório-passivo não se manifestam isoladamente na experiência erótica – eles se inter-relacionariam de forma dinâmica: “Simultaneamente, a componente motora do prazer é experienciada passivamente, e a sensação é percebida ativamente” (REICH, 1942/1989, p. 52). Haveria uma íntima conexão, portanto, entre os ramos motor e sensorial: “devemos admitir que a percepção é totalmente impossível sem uma atitude motora” (REICH, 1923/1955, p. 11).

Seguindo seu raciocínio energetista e as pistas que encontrou na teoria freudiana, Reich procurou descrever o comportamento da excitação sexual na experiência sexual que caminha do “prazer preliminar” em direção ao “prazer final”. Considerando que o “prazer final” está sempre associado ao aparelho genital, pouco importando o tipo de “pulsão parcial” que se manifesta no “prazer preliminar” e, até mesmo, “se a atividade sexual é normal ou perversa” (REICH, 1923/1976, p. 160), o autor identificou duas “forças” que agem simultaneamente:

os componentes “ascendente” e “descendente”. No “prazer preliminar” os elementos ascendentes e descendentes funcionariam de forma antitética; as tendências ascendentes seriam responsáveis pela gradual elevação da excitação, enquanto as descendentes, pressionariam em direção à diminuição da “superfície potencial”, promovendo a sensação agradável que, como Freud havia observado, faz-se presente na tensão sexual. No “prazer final”, “o componente descendente alcança o ponto zero desejado e o componente ascendente cancela a si mesmo, já que o ponto de partida de ambos é o ponto zero” (REICH, 1923/1976, p. 161). Dessa forma, Reich demonstrou que a passagem do “prazer preliminar” para o “prazer final” é pautada por uma dialética que alia duas forças, forças essas que se comportam, inicialmente, de forma oposta e, depois, igualam-se em termos de intensidade, resultando, então, na descarga máxima da excitação.

O autor adotou como critério de uma “relação sexual bem-sucedida” o gradual acúmulo, no decorrer do “prazer preliminar”, da libido genital; ao alcançar seu ponto máximo de acumulação a libido promoveria, no “clímax orgástico”, uma descarga brusca (um intenso rebaixamento do “nível potencial”), seguida de uma diluição da excitação. Essas constatações fundamentaram a teoria da “potência orgástica”, teoria essa que direcionou não somente o início do trabalho de Reich, mas toda sua obra.

Investigando, em “Zur Trieb-energetik”, os fatores que estimulam, após a descarga orgástica, a retomada da tensão sexual, Reich, amparando-se nas idéias de Semon, propôs que “o reservatório de engramas das sensações de prazer” é continuamente “ecforizado” por desencadeadores externos e internos: estímulos “provenientes da psiquê (fantasia) e do corpo (o toque, a visão)” e, também, “produção de hormônios, acumulação de espermatozoides nos canais, menstruação etc.”

(REICH, 1923/1976, p. 165-166). Tentando identificar elos entre a filogênese e a ontogênese, Reich cogitou que “a porção inata da pulsão sexual” provém do “reservatório de engramas de prazer mnemônico”, reservatório esse formado pelas experiências vividas por nossos ancestrais e reativado pelos “cuidados dispensados à criança”. Tendo como seu protótipo o fator motor e como sua essência, os engramas de sensação de prazer, a “pulsão”, de acordo com o Reich de 1923, “é a expressão motora da lembrança do prazer já vivido”. Na década de 1950, ele lembrou que “*a pulsão (drive) nada mais era do que a função motora do próprio prazer*” (REICH, 1950/1990c, p. 5; grifo do autor).

Em escritos das décadas de 1930, 40 e 50, Reich deixou claro que suas primeiras pesquisas sobre a energética do impulso sexual estimularam-no a continuar examinando, a partir de novas perspectivas, as relações existentes entre as dimensões qualitativa (psíquica-subjetiva) e quantitativa (energética-objetiva). Associando investigações clínico-terapêuticas, experimentais e metodológicas ele acabou chegando à formulação da “identidade de simultaneidade e antítese”: a possibilidade de dois fenômenos – por exemplo, a excitação somática e a sensação psíquica – condicionarem um ao outro e, ao mesmo tempo, formarem uma unidade em um nível mais profundo de funcionamento.

Em suma, o artigo “Zur Trieb-energetik” condensou várias direções de pesquisa e abriu outras. Ao analisar, nesse trabalho de 1923, o ritmo “pulsional”, Reich relacionou conceitos provenientes de distintas áreas do conhecimento (Psicanálise, Psiquiatria, Sexologia, Fenomenologia, Filosofia, Biologia, Epistemologia), estabeleceu diversas conexões dialéticas (entre ação perceptiva/reação motora, “prazer preliminar”/“prazer final”, componentes “ascendentes”/componentes “descendentes”, “engramas filogenéticos”/“engramas

ontogenéticos”), contribuiu para ampliar o entendimento sobre o impulso sexual (a sensação erótico-prazerosa como fundamento da “pulsão”, a “pulsão” como função motora do prazer) e levantou frutíferas questões de cunho epistemológico, que foram respondidas no decurso de sua obra (a possibilidade de vincular as esferas qualitativa e quantitativa, a possibilidade de inter-relacionar “funcionalmente” distintas funções).

Foi, portanto, com um espírito de integração que Reich, autor “atenado” com sua época, abordou o complexo tema da “pulsão”.

## 5. CONCLUSÃO

“Assim como os pescadores, nós, cientistas, nos sentamos completamente ignorantes à margem do rio e lançamos nossos anzóis quase ao acaso. Às vezes, um de nós pega lodo e gravetos, um outro encontra uma peça de ouro, mas um terceiro alcança algo que transformará parte do mundo”.

W. Reich - 17.11.1934, *Beyond psychology*.

Com esta dissertação procuramos demonstrar que Wilhelm Reich articulou, no nascimento de sua obra, concepções de índole energetista e questionamentos de caráter epistemológico. Rastreando essa articulação, pudemos apontar alguns aspectos pouco conhecidos, ou mesmo inexplorados, relativos à primeira produção do autor.

Inicialmente, destacamos uma cogitação reichiana, formulada por volta de 1919-20, acerca de uma “energia primária” e livre-de-massa que se manifestaria no domínio orgânico. Curiosamente, Reich não fez menção a essa hipótese em sua autobiografia científica de 1942, *The function of the orgasm*; ele a revelou, porém, em texto produzido em julho de 1947 e publicado em 1950 (REICH, 1950/1990c, p. 3-4), reafirmando-a em trabalho redigido, também, em 1947-48, mas que apenas veio a lume aproximadamente quarenta anos após sua morte (REICH, 1996a). As pesquisas experimentais que Reich empreendeu, a partir de 1939, a respeito de uma “energia primordial” — pesquisas essas que se acham fora da alçada desta dissertação e às quais nos reportamos, aqui, tão-somente em notas de rodapé —, tiveram sua origem, portanto, em uma suposição que o autor elaborou nos primórdios de sua obra.

Também pudemos indicar, nesta dissertação, a grande preocupação demonstrada por Reich, já no período 1919-1923, em compreender a natureza e o modo de funcionamento de uma energia biológica específica. Se, nos primórdios de sua obra, o autor não pôde investigar laboratorialmente essa singular força vital, ele julgava ter identificado, porém, uma certa lógica que rege a energética dos

impulsos sexuais. No começo de suas investigações, Reich desconhecia, como ele próprio admitiu, o pensamento de Marx e Engels; no entanto, em seu artigo de 1923, “Zur Trieb-energetik”, ele estabeleceu intuitivamente conexões dialéticas entre dois vetores (as forças “ascendentes” e “descendentes”) que atuariam na experiência sexual que caminha do “prazer preliminar”, em direção ao “prazer final”. O Reich do começo da década de 1920 foi, como vimos, fortemente influenciado pelos referenciais energetistas freudianos e por concepções de índole vitalista; sua primeira grande contribuição, entretanto, não se dirigiu exatamente à natureza física de uma “energia biológica específica”, mas sim, ao desvelamento da dinâmica que coordenaria os ímpetus somato-energéticos sexuais.

Ao longo de nossos estudos, tivemos oportunidade de observar outro aspecto, ainda pouco discutido, da primeiríssima produção de Reich: a curiosa síntese que o autor tentou estabelecer entre as teorias de Freud, Bergson e Semon. O pesquisador não engendrou, porém, um mero mosaico que, de forma mecânica, colocasse lado a lado as idéias do médico vienense, do filósofo francês e do biólogo alemão; ao recorrer a concepções tão distintas, ele estava em busca, especialmente, de subsídios para sua singular e central linha de raciocínio: a possível existência de uma energética não-mecânica e não-metafísica que opera em estratos profundos do funcionamento vivo.

Chama atenção, ainda, o esforço do jovem Reich em construir interfaces entre diferentes áreas do conhecimento – Filosofia, Física, Biologia, Psicanálise, Psicologia, Sexologia, Psiquiatria. Entre as diversas orientações teóricas que o autor propôs-se a contemplar no artigo “Zur Trieb-energetik”, vale lembrar, a título de ilustração, que ele recorreu até mesmo às idéias de Husserl; nesse intento de vincular Psicanálise e Fenomenologia, pode-se reconhecer mais um importante

aspecto do artigo em questão. O fato é que “Zur Trieb-energetik”, dada sua densidade, complexidade e importância para o início da obra reichiana, é um texto que aponta um grande número de questões e rotas investigativas; novos estudos trarão à luz, certamente, outras e relevantes facetas desse trabalho de 1923.

Na verdade, parece-nos que vários outros temas abordados nesta dissertação, merecem análises mais detalhadas. O fato de termos tido acesso a um certo conjunto de trabalhos produzidos por Lange, Bergson e Driesch permitiu-nos identificar, e compreender com mais clareza, algumas concepções que influenciaram o princípio da obra de Reich; mas, para se delimitar com precisão a intensidade do impacto produzido por esses autores, nos quatro primeiros anos do trabalho reichiano, faz-se necessário, a nosso ver, estudos mais aprofundados.

Acreditamos, também, que investigações mais minuciosas a respeito de algumas teorias elaboradas pelos biólogos Semon e Kammerer poderão identificar outros e significativos vetores teóricos que, na primeira metade da década de 1920, contribuíram para o nascimento da reflexão reichiana.

Por fim, gostaríamos de comentar que, após esse breve percurso pelas embrionárias investidas teórico-epistemológicas reichianas, ficamos com a impressão geral de que a obra do autor nasceu, por assim dizer, com uma personalidade própria. Partindo de suposições energetistas que não se acomodavam à ortodoxia científica, buscando ressonância em diversas áreas do conhecimento, elaborando teorias integradoras, vislumbrando ousadas soluções metodológicas e, acima de tudo, continuamente questionando e aprendendo, Reich, no período 1919-1923, começou a compor uma reflexão extremamente original que repercutiu e sofreu diversas reelaborações no decurso de toda sua obra.



## REFERÊNCIAS

ALBERTINI, P. *Reich - História das idéias e formulações para a educação*. São Paulo: Ed. Ágora, 1994.

ALBERTINI, P.; SIQUEIRA, F. Z.; TOMÉ, L. A.; MACHADO, T. L. Reich e o movimento de higiene mental. *Psicologia em Estudo* (no prelo).

BALIAN, R. *Physique fondamentale et énergétique: les multiples visages de l'énergie*. [Referência citada na web: *Conférence introductive de l'Ecole d'Eté de Physique sur l'énergie* - Caen - 27.10. 2001]. Disponível em <[http://sfp.in2p3.fr/Debat/debat\\_energie/E2PHY/balian.pdf](http://sfp.in2p3.fr/Debat/debat_energie/E2PHY/balian.pdf)>. Acesso em 09 de setembro de 2003.

BALIBAR, F. *Einstein 1905 – De l'éther aux quanta*. Paris: PUF, 1992.

BEDANI, A. ; ALBERTINI, P. Política e sexualidade na trajetória de Wilhelm Reich: Viena (1927-1930). *Encontro - Revista de Psicologia*, vol. 11, n.º 14, jul-dez 2006, p. 62-77.

BERGSON, H. Essai sur les données immédiates de la conscience. In: *Henri Bergson - Oeuvres*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984(a). (Trabalho original publicado em 1889).

BERGSON, H. L'énergie spirituelle. In: *Henri Bergson - Oeuvres*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984(b). (Trabalho original publicado em 1919).

BERGSON, H. L'évolution créatrice. In: *Henri Bergson - Oeuvres*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984(c). (Trabalho original publicado em 1907).

BERGSON, H. Les deux sources de la morale et de la religion. In: *Henri Bergson - Oeuvres*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984(d). (Trabalho original publicado em 1932).

BERGSON, H. Matière et mémoire. 7.<sup>a</sup> ed. In: *Henri Bergson - Oeuvres*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984(e). (Trabalho original publicado em 1896; 7.<sup>a</sup> ed: 1911).

BOLTZMANN, L. *Escritos populares*. Trad. Antonio A. P. Videira. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004. (Trabalho original publicado em 1896).

BRODY, D.L., BRODY, A.R. *As sete maiores descobertas científicas da história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CANGUILHEM, G. *La connaissance de la vie*. Paris: Hachette, 1952. [Livro parcialmente disponibilizado na *web* (p. 194-212)]. Disponível em <<http://pst.chez-alice.fr/normpato.htm>>. Acesso em 27 de janeiro de 2007.

CASSIRER, E. *El problema del conocimiento: En la filosofía y en la ciencia modernas* - Vol. IV. Trad. Wenceslao Rosa. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

CHAUÍ, M. *Introdução à história da filosofia – Dos Pré-socráticos a Aristóteles* - Vol. I. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

COELHO JUNIOR, N. E. Consciência, intencionalidade e intercorporeidade. *Revista Paidéia*, vol. 12, n.º 22, 2002. Disponível em <<http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/22/09.doc>> Acesso em 15 de junho de 2007.

COTTINGHAM, J. *Dicionário Descartes*. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

DESCARTES, R. *La Dioptrique* (1637). Disponível em <[http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/classiques/Descartes/dioptrique/dioptrique.html](http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/Descartes/dioptrique/dioptrique.html)> . Acesso em 06 de setembro de 2005.

DESCARTES, R. *Meditações*. In Coleção “Os Pensadores”. Trad. J. Guinsburg, Bento Prado Junior. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DRIESCH, H. *The science and philosophy of the organism* - The Gifford Lectures Delivered Before The University of Aberdeen In The Year 1907. London: Adam and Charles Black, 1908.

DRIESCH, H. *The science and philosophy of the organism* - Vol. II - The Gifford Lectures Delivered Before The University of Aberdeen In The Year 1907. London: Adam and Charles Black, 1908(b).

DRIESCH, H. *The history and theory of vitalism*. Trad. C.K.Odgen. London: Macmillan and Co., Limited, 1914.

DUMONT, J.-P. *Les écoles présocratiques*. Paris: Ed. Gallimard, 1991.

EINSTEIN, A. On the electrodynamics of moving bodies. [Referência citada na *web*: *On the Electrodynamics of Moving Bodies* is based on the English translation of his original 1905 German-language paper (published as *Zur Elektrodynamik bewegter Körper*, in *Annalen der Physik*. 17:891, 1905) which appeared in the book *The Principle of Relativity*, published in 1923 by Methuen and Company, Ltd. of London]. Disponível em <<http://www.fourmilab.ch/etexts/einstein/specrel/www/>>. Acesso em 09 de junho de 2007. (Trabalho original publicado em 1905).

EINSTEIN, A. *Ether and the Theory of Relativity* (1920). Conferência proferida em 05 de maio de 1920 na Universidade de Leyde. Disponível em <<http://www.tu-harburg.de/rzt/rzt/it/Ether.html>>. Acesso em 11 de abril de 2006.

EINSTEIN, A. Arquivo de som, com a voz de Einstein, disponível no website do *American Institute of Physics*. [Referência citada na web: From the soundtrack of the film, *Atomic Physics*. Copyright © J. Arthur Rank Organization, Ltd., 1948]. Disponível em <<http://www.aip.org/history/einstein/voice1.htm>>. Acesso em 07 de abril de 2006.

EINSTEIN, A. *A teoria da relatividade especial e geral*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2003. (Trabalho original publicado em 1916).

EVERDELL, W. R. *Os primeiros modernos - As origens do pensamento do século XX*. Trad. Cynthia Cortes e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

FAROUKI, N. *La relativité*. France: Flammarion, 1993.

FEYNMAN, R. P. *Física em seis lições*. Trad. Ivo Korytowski (7ª ed.). Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FITAS, A. J. S. *Notas em construção de "História das ideias em física"* (cap. IV). Disponível em <<http://home.dfis.uevora.pt/~afitas/HIF-4.pdf>>. Acesso em 28 de setembro de 2005. (O autor informou, por correio eletrônico, que o texto foi escrito em 2004).

FOLADORI, H. C. *Psicoanálisis y ciencia, bases del desencuentro*. *Polis - Revista On-Line de la Universidad Bolivariana*, v.1, n.2, 2001. Disponível em <<http://www.revistapolis.cl/2/fofa.htm>>. Acesso em 10 de dezembro de 2006.

FREUD, S. *Introducción al narcisismo*. *Obras completas de Sigmund Freud*. Tomo II. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973(a). (Trabalho original publicado em 1914).

FREUD, S. *Psicoanálisis*. *Obras completas de Sigmund Freud*. Tomo II. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973(b). (Trabalho original publicado em 1910).

FREUD, S. *Au-delà du principe de plaisir*. In \_\_\_\_\_ *Essais de psychanalyse*. Trad. J. Laplanche, J.-B. Pontalis. Paris: Petit Bibliothèque Payot, 1985. (Trabalho original publicado em 1920).

FREUD, S. *A natureza do psíquico*. *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999(a). (Trabalho original publicado em 1938).

FREUD, S. *As neuropsicoses de defesa*. *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999(b). (Trabalho original publicado em 1894).

FREUD, S. Esboço de psicanálise. *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999(c). (Trabalho original publicado em 1940).

FREUD, S. O inconsciente. *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999(d). (Trabalho original publicado em 1915).

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999(e). (Trabalho original publicado em 1915).

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999(f). (Trabalho original publicado em 1905).

GABBI JR., O. F. *Notas a projeto de uma psicologia - As origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GLEISER, M. *A dança do universo: Dos mitos de criação ao big-bang*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

GOMES, G. Os Dois Conceitos Freudianos de Trieb. [Referência citada na web: *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 17, n. 3, 2001]. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722001000300007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722001000300007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 29 de agosto de 2006.

GOUDGE, T. A. *The ascent of life: A philosophical study of the theory of evolution*. Toronto: University of Toronto Press, 1961. Disponível em: <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=9321261>>. Acesso em 24 de outubro de 2006.

HAMMOND, D. *The science of synthesis: Exploring the social implications of general systems theory*. Colorado: University Press of Colorado, 2003. Disponível em: <<http://questia.com/PM.qst?a=o&d=110648859>>. Acesso em 21 de janeiro de 2007.

HAN, H-J. *Le programme de recherche vitaliste dans les sciences bio-médicales: Une étude historique-épistémologique du vitalisme français au dix-huitième siècle*. Groupe de Travail Etique e philosophie des sciences (GTEPS). Disponível em <http://www.gteps.net/HeeJinHAN.pdf>>. Acesso em 27 de janeiro de 2007.

HIGGINS, M., RAPHAEL, C. (Org.) *Reich speaks of Freud*. London: Condor Book, 1972.

HUSSERL, E. *Investigações lógicas*. Sexta investigação (Elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento). In Coleção "Os Pensadores". Trad. Zeljko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

JAMMER, M. *Concepts of force*. New York: Dover Publications, 1999.

JOULE, J. P. On the Existence of an Equivalent Relation between Heat and the ordinary Forms of Mechanical Power. [Referência citada na web: *Letter to the Editors of the Philosophical Magazine*, series 3, vol. XXVII, p. 205 (1845)]. Disponível em <<http://dbhs.wvusd.k12.ca.us/webdocs/Chem-History/Joule-Heat-1845.html>>. Acesso em 17 de abril de 2006

KANDINSKY, V. *Du spirituel dans l'art, et dans la peinture en particulier*. Ed. Denoël, 1991 (Trabalho originalmente publicado em 1910).

KAMMERER, P. *The inheritance of acquired characteristics*. Trad. A. Paul Maerker-Branden. New York: Boni and Liveright Publishers. Disponível em <<http://questia.com/PM.qst?a=o&d=95304909>>. Acesso em 21 de jan. 2007.

KELVIN, L. *The Wave Theory of Light* (1884). Palestra ministrada na Academy of Music (Philadelphia) em 29 de setembro de 1884. Disponível em <<http://www.bartleby.com/30/15.html>>. Acesso em 29 de setembro de 2005.

LANGE, A. F. *The history of materialism and criticism of its present importance*. Trad. Ernest Chester Thomas. 3.<sup>a</sup> ed. London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1950. (Trabalho original publicado em 1886).

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1988.

LENAY, C. *Darwin*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2004.

LENIN, V. I. *Materialism and empirio-criticism: Critical notes concerning a reactionary philosophy*. New York: International Publishers, 1927. (Trabalho originalmente publicado em 1908).

LODGE, O. *The ether of space* (1908). [Referência citada na web: 1908 - *The ether (aether) of space and auxiliary files*. By Lord Rayleigh and Sir Oliver Lodge]. Disponível em: <<http://www.keelynet.com/osborn/rey.7.htm>>. Acesso em 17 de julho de 2006.

LOEB, J. *The mechanistic conception of life - Biological essays*. Chicago: University of Chicago Press, 1912. Disponível em <<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=39478553>>. Acesso em 23 de janeiro de 2007.

MACH, E. *L'Analyse des sensations: Le rapport du physique au psychique*. Trad. F. Eggers, J.-M. Monnoyer. France: Éditions Jacqueline Chambom, 1996. (Tradução francesa da 6.<sup>a</sup> versão da obra, publicada em 1911).

MARTINÁS, K. Energy in physics and in economy. [Referência citada na web: *Journal Interdisciplinary Description of Complex Systems*, 3(2), 44-58, 2005]. Disponível em <<http://indecs.znanost.org>> . Acesso em 10 de abril de 2006.

MARTINS, R. Como distorcer a física: considerações sobre um exemplo de divulgação científica. 2 - Física moderna. [Referência citada na web: *Caderno Catarinense de Ensino de Física* 15 (3): 265-300, 1998]. Disponível em <<http://www.ifi.unicamp.br/~ghhc/danca2.htm>>. Acesso em 23 de setembro de 2006.

MATTHIESEN, S. Q. *A educação em Wilhelm Reich - Da psicanálise à pedagogia econômico-sexual*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MAYER, J. R. Remarks on the forces of inorganic nature. [Referência citada na web: *Annalen der Chemie und Pharmacie*, 43, 233 (1842) as translated by G. C. Foster, *Phil. Mag.* [4] 24, 371 (1862) and reprinted in William Francis Magie, ed., *A Source Book in Physics* (New York: McGraw-Hill, 1935)]. Disponível em <<http://web.lemoyne.edu/~giunta/mayer.html>>. Acesso em 17 de abril de 2006.

MEYER, D.; EL-HANI, C. N. *Evolução - o sentido da biologia*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

MEZAN, R. *Freud: A trama dos conceitos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987.

MICHELSON, A. A., MORLEY, E. W. On the relative motion of the earth and the lumiferous ether. [Referência citada na web: *American Journal of Science*, vol. 34, n. 203, nov. 1887]. Disponível em <[http://spiff.rit.edu/classes/phys314/images/mm/mm\\_all.pdf](http://spiff.rit.edu/classes/phys314/images/mm/mm_all.pdf)>. Acesso em 07 de abril de 2006.

MORA, J.F. *Diccionario de filosofia*. Madri: Alianza Editorial, 1980.

NEWTON, I. *Textos - Antecedentes - Comentários*. Org. J. Bernard Cohen e Richard S. Westfall. Rio de Janeiro: Editora Uerj/Contraponto, 2002.

NIETZSCHE, F. *La volonté de puissance 1*. Trad. Geneviève Bianquis. Paris: Ed. Gallimard, 1995.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal - Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. (Trabalho original publicado em 1886).

NIETZSCHE, F. *Fragments finais*. Editora UnB/Imprensa Oficial de São Paulo, 2002.

NUNES, J.S. As coordenadas gerais da sexologia. [Referência citada na web: *Revista da Faculdade de Medicina de Lisboa*, série 3, vol. 8, n.º 3, maio-junho de 2003]. Disponível em <[http://www.fm.ul.pt/FMLPortal/UserFiles/File/RFML\\_3\\_2003.pdf](http://www.fm.ul.pt/FMLPortal/UserFiles/File/RFML_3_2003.pdf)>. Acesso em 01 de novembro de 2006

OLIVEIRA E SILVA, J. R. *O desenvolvimento da noção de caráter no pensamento de Reich*. 2001. 149 f. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

OLLENDORFF DE REICH, I. *Wilhelm Reich: Uma biografia personal*. Trad. Julio Crespo. Barcelona: Gedisa, 1978.

OSTWALD, W. *L'Énergie*. Trad. E. Philippi. Paris: Ed. Félix Alcan, 1910. [E-book obtido em Gallica - Bibliothèque numérique de la Bibliothèque Nationale de France]. Disponível em <<http://www.gallica.fr>> . Acesso em 05 de outubro de 2005. (Trabalho originalmente publicado em 1908)

OTIS, L. *Organic memory: History and the body in the late nineteenth & early twentieth centuries*. Nebraska: University of Nebraska Press, 1999. Disponível em: <<http://questia.com/PM.qst?a=o&d=102446032>>. Acesso em 30 de agosto de 2006.

PATY, M. A noção de determinismo na física e seus limites. *Scientiae Studia - Estudos de filosofia e história da ciência*, São Paulo, v.2, n.4, out.-dez/2004.

QUIRK, T. *Bergson and american culture: The worlds of Willa Cather and Wallace Stevens*. North Carolina: University of North Carolina Press, 1990. Disponível em: <<http://questia.com/PM.qst?a=o&d=105110831>>. Acesso em 21 de janeiro de 2007.

RADOVIC, L. *Concept of energy*. [Referência citada na web: Centre Daily Times - 08.11.1996]. Disponível em <<http://www.ems.psu.edu/~radovic/Chapter2.pdf>>. Acesso em 30 de agosto de 2003.

RAMALHO, S. *Psicologia de massa do fascismo: Reich e o desenvolvimento do pensamento crítico*. 2001. 280 f. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

REALE, G., ANTISERI, D. *História da filosofia*. Do romantismo até nossos dias (Vol. 3). 2.<sup>a</sup> ed. Ed. Paulus, 1991.

REICH, W. The energetic of drives. Trad. Myron R. Sharaf, Anne Doubleday. *Orgonomic Medicine*, New York, v.1, n.1, p. 4-17, 1955. (Trabalho original publicado em 1923).

REICH, W. *Character analysis*. Trad. Vincent R. Carfagno. London: Vision Press, 1973(a). (Trabalho original publicado em 1933 e ampliado em 1945 e 1949).

REICH, W. *Ether, God and Devil. Cosmic Superimposition*. Trad. Therese Pol. New York: Farrar, Strauss & Giroux, 1973(b). (Trabalho original publicado em 1949).

REICH, W. *The Cancer Biopathy*. Volume 2 of The Discovery of the Orgone. Trad. Andrew White. New York: Farrar, Strauss & Giroux, 1973(c). (Trabalho original publicado em 1948).

REICH, W. *Psicologia de massa do fascismo*. Trad. J. Silva Dias. Porto: Publicações escorpião, 1974. (Trabalho original publicado em 1933).

REICH, W. Concerning the energy of drives. In: \_\_\_\_\_. *Early writings* - Volume one. Trad. Philip Schmitz. New York: Farrar, Strauss & Giroux, 1975(a). p. 143-157. (Trabalho original publicado em 1923).

REICH, W. Drive and libido concepts from Forel to Jung. In: \_\_\_\_\_. *Early writings* - Volume one. Trad. Philip Schmitz. New York: Farrar, Strauss & Giroux, 1975(b). p. 86-124. (Trabalho original publicado em 1922).

REICH, W. Further remarks on the therapeutic significance of genital libido. In: \_\_\_\_\_. *Early writings* - Volume one. Trad. Philip Schmitz. New York: Farrar, Strauss & Giroux, 1975(c). p. 199-221. (Trabalho original publicado em 1925).

REICH, W. *La biopathie du cancer*. Trad. Pierre Kamnitzer. Paris: Ed. Payot, 1975(d). (Trabalho original publicado em 1948).

REICH, W. The impulsive character - A psychoanalytic study of ego pathology. In: \_\_\_\_\_. *Early writings* - Volume one. Trad. Philip Schmitz. New York: Farrar, Strauss & Giroux, 1975(f). p. 237-332. (Trabalho original publicado em 1925).

REICH, W. *People in trouble*. Volume two of the emocional plague of mankind. Trad. Philip Schmitz. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1976(a). (Trabalho original publicado em 1953).

REICH, W. Sur l'énergie des pulsions. In: \_\_\_\_\_. *Premiers Écrits 1*. Trad. J. Chavy, D. Deisen. Paris: Ed. Payot, 1976. p. 154-167. (Trablho original publicado em 1923).

REICH, W. *A função do orgasmo*. Trad. José Pecegueiro e Maria Manuela Pecegueiro. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979a. (Trabalho original publicado em 1942).

REICH, W. *The bion experiments*. Trad. Derek e Inge Jordan. New York: Farrar, Strauss & Giroux, 1979(b). (Trabalho original publicado em 1938).

REICH, W. *Genitality* - In the theory and therapy of neurosis. Trad. Philip Schmitz. New York: Farrar, Strauss & Giroux, 1980(a). (Trabalho original publicado em 1927).



REICH, W. The function of the orgasm (part 2). Trad. Barbara G. Koopman. *The journal of orgonomy*, New York, v. 14, n.º 1, 1980(b). (Trabalho original publicado em 1927).

REICH, W. *The bioelectrical investigation of sexuality and anxiety*. Trad. Marion Faber, Derek Jordan, Inge Jordan. New York: Farrar, Strauss & Giroux, 1982.

REICH, W. *La fonction de l'orgasme*. Trad. (?). Paris: L'Arche Editeur, 1986. (Trabalho original publicado em 1942).

REICH, W. *Passion of youth - An Autobiography, 1897-1922*. Trad. Philip Schmitz, Jerri Tompkins. New York: Farrar, Strauss & Giroux, 1988.

REICH, W. *The function of the orgasm: Volume 1 of the discovery of the orgone – Sex-economic problems of biological energy*. Great Britain: Condor Book, 1989. (Trabalho original publicado em 1942).

REICH, W. Functional thinking - A discussion with Wilhelm Reich. *Orgonomic Functionalism: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine*, v.1, p. 100-112, 1990(a). (Publicação póstuma que transcreve debate ocorrido em 1950).

REICH, W. Man's roots in nature. *Orgonomic Functionalism: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine*, v.2, p. 50-74, 1990(b). (Publicação póstuma que transcreve conferência proferida em 1950).

REICH, W. The developmental history of orgonomic functionalism. Trad. Derek e Inge Jordan. *Orgonomic Functionalism: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine*, v.1, p. 1-29, 1990(c). (Trabalho redigido em julho de 1947 e originalmente publicado em 1950).

REICH, W. The developmental history of orgonomic functionalism - Part Two. Trad. Derek e Inge Jordan. *Orgonomic Functionalism: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine*, v.2, p. 1-23, 1990(d). (Trabalho redigido em julho de 1947 e originalmente publicado em 1950).

REICH, W. The silent observer. *Orgonomic Functionalism: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine*, v.1, p. 83-99, 1990(e). (Publicação póstuma de texto autobiográfico redigido em 20.01.1952).

REICH, W. The developmental history of orgonomic functionalism - Part Four. Trad. Derek e Inge Jordan. *Orgonomic Functionalism: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine*, v.4, p. 1-18, 1992. (Publicação póstuma de trabalho redigido em 1947-48).

REICH, W. Parents as educators - The compulsion to educate and its causes. Trad. Beverly Placzek. *Orgonomic Functionalism: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine*, v.5. p. 45-58, 1994(a). (Trabalho original publicado em 1926).

REICH, W. Orgonomic functionalism in non-living nature - Part 1. *Orgonomic Functionalism: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine*, v.5, p. 1-19, 1994(b). (Publicação póstuma de trabalho redigido em 1947-48).

REICH, W. The fundamental problem of form. *Orgonomic Functionalism: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine*, v.5, p. 89, 1994(c). (Publicação póstuma de trabalho redigido em 1935).

REICH, W. Orgonomic functionalism in non-living nature. *Orgonomic Functionalism: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine*, v.6, p. 1-21, 1996(a). (Publicação póstuma de trabalho redigido em 1947-48).

REICH, W. Processes of integration in the newborn and the schizophrenic. *Orgonomic Functionalism: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine*, v.6, p. 51-71, 1996(b). (Publicação póstuma que transcreve conferência proferida em 1949 ou 1950).

REICH, W. *American odyssey: Letters and journals 1940-1947*. Trad. Derek e Inge Jordan, Philip Schmitz. New York: Farrar, Strauss & Giroux, 1999.

ROCHA, J. F. (org). *Origens e evolução das idéias da física*. Salvador: EDUFBA, 2002.

RODRÍGUEZ, A. A. Propiedades nucleares de los fenómenos mentales según Searle: intencionalidad, subjetividad, semanticidad. [Referência citada na web: *Revista de Filosofía*. Vol. 27 Núm. 2 (2002): 389-417]. Disponível em <<http://www.ucm.es/BUCM/revistas/fsl/00348244/articulos/RESF0202220389A.PDF>> . Acesso em 14 de julho de 2007.

ROSSETTI, R. *Movimento e totalidade em Bergson - A essência imanente da realidade movente*. São Paulo: Edusp, 2004.

SCHACTER, D. L. *Forgotten ideas, neglected pionners* — Richard Semon and the story of memory. Philadelphia: Psychology Press, 2001.

SCHILDER, P. *The image and appearance of the human body: Studies in the constructive energies of the psyche*. New York: International Universities Press, 1950. Disponível em: <<http://questia.com/PM.qst?a=o&d=77317579>> . Acesso em 27 de fevereiro de 2007.

SEFTON, I. M. *Understanding energy*. [Referência citada na web: Science Foundation for Physics and The School of Physics, The University of Sydney, 2006]. Disponível em <<http://science.uniserve.edu.au/school/curric/stage6/phys/stw2004/sefton1.pdf>> . Acesso em 20 de março de 2006.

SEMON, R. *The mneme*. London: George Allen & Unwin, 1921 (Trabalho original publicado em 1904).

SILVER, B. L. *A escalada da ciência*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.

SWACKHAMER, G. *Cognitive resources for understanding energy*. [Referência citada na web: Modeling Instruction Program, 2005]. Disponível em <<http://modeling.asu.edu/modeling/CognitiveResources-Energy.pdf>>. Acesso em 26 de março de 2006.

VUCINICH, A. *Darwin in Russian Thought*. Berkeley: University of California Press, 1989.

WAGNER, C.M. *Freud e Reich - Continuidade ou ruptura?* São Paulo: Summus Editorial, 1995.

WILHELM REICH: BIOGRAPHICAL MATERIAL. *History of the discovery of the life energy (European and American Period, 1920-1952), documentary volume A-IX-B. Bibliography on orgonomy*. Rangeley, Maine: Orgone Institute Press, 1953.